
A ABORDAGEM SOBRE A MORTE E O MORRER NOS CURSOS DE ENFERMAGEM, MEDICINA E PSICOLOGIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Julia Beatriz Messias¹; Andréia Barbosa Lima²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – juliamessias0508@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deialimapsico@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Morte, morrer, enfermagem, medicina, psicologia.

Introdução: A morte é um tema complexo, que desperta incertezas e angustia, e sua consciência pela civilização ocidental é permeada por negação, sendo necessário rever os valores associados ao tema e ressignificá-los. Nesse sentido, a Tanatologia, ciência do estudo da morte, tem um papel importante nesse processo e a evolução do conceito da morte por meio de filósofos, pensadores, cientistas, antropólogos e psicólogos reitera a importância da tomada de consciência da morte (SANTOS, 2009). Em revisão de literatura realizada por Ferreira *et al.* (2014) apontaram o aumento da longevidade com a morte e o morrer, sendo evidenciado que com o envelhecimento da população brasileira a aproximação da morte, se torna um tema inevitável, mas ainda é um tabu nos dias atuais. Diante desse tabu e distanciamento da morte, nota-se que o processo de morrer esta delegada aos hospitais em sua maioria, o que acarreta solidão para aqueles que se encontram nesse ambiente. Assim, o tema da morte e morrer disparam vários questionamentos, sendo que a crença cultural, étnica ou religiosa molda a reação do indivíduo frente a morte e o morrer, podendo ser positivas, como aceitação, neutra, religiosa, de escape ou negativas que expressam o medo e a negação frente a esse tema (SOUZA *et al.* 2017). Para que esse tema se torne natural diante da nossa condição humana, é preciso ampliar esse assunto, contribuindo para amenizar o tabu e tratar de forma natural esse processo que é próprio da condição humana.

Objetivos: Investigar a abordagem sobre a morte e o morrer na graduação dos cursos de enfermagem, medicina e psicologia, bem como enfatizar a importância do tema para a formação profissional.

Relevância do Estudo: Os estudos sobre a morte o morrer são de extrema importância para que se ampliem as práticas dos profissionais da saúde diante desse assunto. No entanto, o tema da morte e o morrer ainda é tabu no contexto atual e desperta sentimentos diversos diante da nossa finitude. O avanço da tecnologia e da ciência tentam postergar a morte, dando uma falsa impressão de que ela pode ser evitada a qualquer custo. Essa questão pode interferir no processo de aprendizagem e conhecimento sobre esse assunto e a naturalidade dele, em específico na prática de alguns profissionais da saúde, sendo necessário compreender como esse tema tem sido abordado em alguns cursos (medicina, enfermagem e psicologia). A abordagem ou não desses temas podem impactar os profissionais em sua prática, podendo favorecer a atuação ou não diante da morte e o morrer.

Materiais e métodos: Foi realizado um levantamento amplo de artigos científicos publicados em periódicos nas bases de dados como SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana e Caribe em ciências da Saúde), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e na Medline (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), acessada pelo PUBMED, serviço disponibilizado pela *National Library of Medicine* dos Estados Unidos. Também foram realizadas consultas de livros acadêmicos na Biblioteca Virtual das Faculdades Integradas de Bauru.

Resultados e discussões: Souza *et al.* (2017) apontaram a relevância de identificar as atitudes dos profissionais da área da saúde diante do fenômeno da morte, pois esse tema geralmente desperta sentimentos negativos, o que pode influenciar a qualidade dos cuidados aos pacientes e familiares, apontaram a necessidade de inserção do tema morte e morrer nos cursos da saúde, para a capacitação destes profissionais. No que se refere à formação dos estudantes de medicina, Santos *et al.* (2019) notaram que os acadêmicos são condicionados pela graduação a suprimir seus sentimentos decorrentes da finitude humana, geralmente são instruídos a negarem a morte, tendo em vista a onipotência delegada a esta profissão. Da mesma forma, são cobrados para conhecerem e dominarem as técnicas e apenas depois considerarem as singularidades e autonomia dos pacientes sobre a própria vida. Ampliando o tema para além da formação em medicina, Santos *et al.* (2011) corroboram que os enfermeiros precisam lidar diariamente com a morte, o que desperta ansiedade, estresse e sentimentos negativos, e muitas vezes a tratam com indiferença, como forma de proteção, mas ainda assim há o adoecimento de muitos desses profissionais. Na formação de psicólogos, Carnicheli *et al.* (2018) mostraram que apesar do tema da morte ser abordado nos últimos períodos da graduação de psicologia ainda há uma defasagem de discussões sobre ele, não havendo assim aproximação e sensibilização e gerando dificuldades em diferenciar e defini-los.

Conclusão: Diante das pesquisas apresentadas nesse estudo, verificou-se que a abordagem desse tema é insuficiente e escasso na graduação de enfermagem, medicina, psicologia e nos cursos da área da saúde em geral. Assim, se faz necessário a inserção e melhoria do tema da morte e morrer na graduação, o que contribuiria para melhorar o preparo e atuação dos profissionais da saúde. Nesse sentido, é preciso abarcar a formação humanística, preparando o profissional para a prática, pois para se valorizar a vida, se faz necessária a valorização da morte.

Referências

- CARNICHELI, E. K. R. N. *et al.* O acadêmico de psicologia, a morte e o morrer: a relevância dos temas na formação. **Revista científica da faculdade de educação e meio ambiente Ariquemes: FAEMA**, v. 9, n.1, p. 301-319, jan./jun., 2018.
- FERREIRA, A.M.Y. *Et al.* About death and dying: a space for observation. **Journal Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.17, s/n, p.169-180, Maio, 2014.
- SANTOS, F. S. Tanatologia - a ciência da educação para a vida. In: SANTOS, F. S. (Org.). **Cuidados paliativos, discutindo a vida, a morte e o morrer**. São Paulo: Atheneu, 2009, p. 1 - 27.
- SANTOS, J. L. *et al.* Educação para a morte a docentes e discentes de enfermagem: revisão documental da literatura científica. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v.45, n.1, p. 272-276, Mar., 2011.
- SANTOS, T. F. *et al.* Educação para o Processo do Morrer e da Morte pelos Estudantes de Medicina e Médicos Residentes. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 43, n. 2, p. 5-14, Jun. 2019.
- SOUZA, M. C. S. *et al.* Avaliação do perfil de atitudes acerca da morte: estudo com graduandos da área da saúde. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 26, n. 4, p.1-8 2017.

CINCO PILARES DE ORIENTAÇÃO PARA A REEDUÇÃO DAS VULNERABILIDADES SOCIAIS- CRAS FERRAZ

Audrey de Moura Silva Galeli¹; Larissa Chamorro Gama²; Marta Alice Neli Bahia³, Ana Lucia Coelho⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – audreygaleli@gmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – larissachamorro@hotmail.com

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br

⁴Psicóloga social – CRAS- FERRAZ - analu.coelho@walk.com.br

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: CRAS, Vulnerabilidades, Orientação.

Introdução: O CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) é uma ferramenta do governo federal para apoiar as famílias na superação das vulnerabilidades, por meio do fortalecimento de vínculos, apoio e assistência às famílias (MINISTÉRIO DA CIDADANIA, 2020). O SUAS (Sistema Único de Assistência Social), propõe intervenções a partir de duas grandes estruturas articuladas entre si: a Proteção Social Básica, que dá conta da atenção básica, e a Proteção Social Especial, considerando a necessidade de ações de média e alta complexidades (CREPOP, CFP; 2007). Deve-se reduzir a chamada “totalidade desvantajosa”, em que um grupo é generalizado ao invés de compreendido em suas vulnerabilidades e diferenças, no caso, à preponderância de conjunturas macrossociais sobre a dimensão pessoal de cada público (CARMO, GUIZARDI; 2018). Esse projeto será realizado de maneira a atender a todos, através da exposição de um banner explicativo contendo informações sobre higiene, alimentação saudável, direitos básicos, planejamento familiar e financeiro, que são temas representativos das maiores problemáticas dos usuários, que envolvem, falta e acesso a informações sobre higiene e alimentação saudável a partir dos alimentos que recebem nas cestas, dificuldades financeiras por conta da falta de planejamento familiar e financeiro, escrito de forma clara e precisa, para que dessa maneira todos os usuários consigam entender, já que grande parte desse público tem dificuldade na leitura.

Objetivos: Orientar os usuários do CRAS Jardim Ferraz, localizado na cidade de Bauru, quanto a situações do dia a dia, a fim de possibilitar que tenham acesso a informações sobre higiene, alimentação saudável, direitos básicos, planejamento familiar e financeiro, através de um banner explicativo e de fácil compreensão.

Relevância do Estudo: Orientar os usuários do CRAS quanto a temas pertinentes frente as suas vulnerabilidades, dando o auxílio para a compreensão e autorreflexão acerca da qualidade de vida e das oportunidades de melhoria com aquilo que conseguem acessar.

Materiais e métodos: O presente estudo foi realizado por meio de revisões bibliográficas de artigos e cartilhas do SUAS, para compreensão dos serviços oferecidos pelo CRAS, e também através das observações dos atendimentos realizados pela psicóloga da instituição durante o estágio de observação.

Resultados e discussões: O primordial para o desenvolvimento do banner informativo foi compreender os temas representativos das maiores problemáticas dos usuários que frequentam o CRAS FERRAZ, que envolvem, falta e acesso a informações sobre higiene e alimentação saudável a partir dos alimentos que recebem nas cestas, dificuldades financeiras por conta da falta de planejamento familiar e financeiro, dessa maneira torna-se possível atender a todos em suas vulnerabilidades, isto porque as desigualdades tornam-se cada vez mais intensas em um cenário econômico capitalista, em que a financeirização e a precarização do trabalho, acabam por causar uma fragilização dos direitos sociais e avançam no âmbito de

uma forte e clara estratégia de esfacelamento do sistema de proteção social. (CASTELLANOS, BAPTISTA; 2018).

Conclusão: O desenvolvimento do projeto gira em torno de tornar algumas informações do cotidiano mais acessíveis a um público submetido a vulnerabilidades que acabam interferindo na promoção e prevenção de saúde e doenças, no acesso a direitos básicos, acesso a alimentação saudável, modos de prevenção ao coronavírus a partir da higienização, orientações de planejamento familiar e financeiro, tornando assim, um projeto de importância para a informação e cuidado. Dessa maneira o projeto busca através da exposição de um banner informativo, que ficará na instituição, trazer informações com o objetivo de ajudar os usuários do CRAS FERRAZ a terem algumas noções básicas sobre esses assuntos.

Referências

- CASTELLANOS, M, BAPTISTA, T. Apresentação – **Desigualdades, vulnerabilidades e reconhecimento:** em busca de algumas invisibilidades produzidas nas políticas de saúde. Saúde Soc. São Paulo, v.27 – Nº 1; 2018.
- CARMO, M, GUIZARDI, F. **O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social.** Caderno de Saúde Pública; Brasília, 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas - CREPOP.** Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS: Atuação do psicólogo no CRAS. Brasília, DF; 2007.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Cras apoiam famílias a superar a vulnerabilidade social.** Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/cras-apoiam-familias-a-superar-a-vulnerabilidade-social>
- TUMELERO, N. **Projeto de Pesquisa:** o que é, como fazer, metodologia e formatação. Outubro; 2018. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/projeto-de-pesquisa/#e-Objetivos>

IMPACTOS E DESAFIOS SOCIOEMOCIONAIS DO TRABALHO REMOTO NO BRASIL

Aline Pelicão Antonio¹; Danielle Zacaib de Oliveira²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alinepelicao@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: trabalho; teletrabalho; *home office*; fatores socioemocionais; trabalho remoto.

Introdução: O trabalho é algo que historicamente está atrelado ao ser humano, nos primórdios da criação humana, por exemplo, o trabalho estava relacionado à sobrevivência, e envolvia tarefas de plantio, colheitas e caças como explica Rohm *et al.* (2015) e a partir do século XX passou a se tornar o que vemos hoje, possibilidades de trabalhos dinâmicos e inovadores. Uma dessas possibilidades dentro desse avanço é o teletrabalho, também conhecido como *home office* ou trabalho remoto; segundo Fonseca e Pérez-Nebra (2012) diante desse cenário, o teletrabalho facilmente vive em expansão, pois permite às organizações flexibilizar o tempo, o espaço, os meios comunicativos e a competitividade.

Objetivos: Estudar os impactos socioemocionais do trabalho remoto (e suas vertentes) e analisar se as organizações brasileiras estão preparadas para esta modalidade.

Relevância do Estudo: Essa pesquisa se justifica pela acelerada expansão do trabalho remoto e a necessidade de se verificar os efeitos desta modalidade de trabalho na identidade do profissional, ou seja, as consequências para os aspectos socioemocionais: saúde mental e social.

Materiais e métodos: O trabalho em questão foi constituído a partir de uma revisão bibliográfica de artigos publicados em periódicos indexados nas bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PEPsic (Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia), BVS (Portal Regional da BVS) e publicações acessadas através do Google Acadêmico. Foram excluídas referências não encontradas na íntegra e artigos que não apresentaram em seu título coerência com o tema proposto.

Resultados e discussões: No Brasil, Filardi *et al.* (2020) descreve que o teletrabalho veio para trazer benefícios, como a diminuição dos custos com deslocamento, maior qualidade de vida, aumento da produtividade e também melhorias nas questões sociais. Por outro lado, essa modalidade de trabalho também apresenta aspectos negativos, Rocha e Amador (2018) diz que as empresas são afetadas por não possuírem total controle dos trabalhadores e os profissionais também têm dificuldades desde as consequências pela falta de vínculo com a organização, até prejuízos psicossociais. Estes, definidos como capacidades de reconhecer, entender e usar a informação emocional em si próprio e sobre os outros, preservando o bem-estar pessoal e a harmonia nas relações interpessoais (GONDIM, *et al.* 2014). Justamente por haver essas variantes, Haubrich e Froehlich (2020) fala que o trabalho remoto precisa ser entendido e configurado de acordo com o cenário que as empresas estão inseridas, sendo assim Rafalski e Andrade (2015) explica que além de exercer as rotinas do trabalho, o empregado também irá se deparar com relações entre a família e a interpessoal, portanto, ao adotarem as funções em *home office* as empresas também precisam de um investimento na adaptação para os profissionais, promovendo necessárias adequações para que o trabalho seja exercido com a maior qualidade possível.

Conclusão: Com base nos resultados da pesquisa foi possível identificar vários fatores socioemocionais positivos e negativos atrelados ao profissional que trabalha em casa, mas conforme os autores evidenciaram, não é possível definir e concordar se essa modalidade de trabalho pode ser considerada positiva ou negativa aos profissionais. Assim como, por ser uma possibilidade que varia de acordo com a cultura de cada empresa e como essas organizações colaboraram com as funções exercidas a distância, ainda não se pode concluir se as empresas brasileiras estão aptas para fornecer o trabalho *home office*. Fica evidente, contudo, a importância dessa atuação do teletrabalho ser pensada e planejada de acordo com as necessidades de cada profissional, assim como suas limitações socioemocionais.

Referências –

FILARDI, F. *et al.* Vantagens e desvantagens do teletrabalho na administração pública: análise das experiências do Serpro e da Receita Federal. **Cad. EBAPE.BR**, v. 18, n. 1, p. 28–46, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v18n1/1679-3951-cebape-18-01-28.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

FONSECA, R. L. A; PÉREZ-NEBRA, A. R. A epidemiologia do teletrabalhador: impactos do teletrabalho na saúde mental. **Cad. Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n.2, p. 303-318, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000200011>. Acesso em: 25 ago. 2020.

GONDIM, S.M.G *et al.* Competências socioemocionais: fator-chave no desenvolvimento de competências para o trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 14, n. 4, p. 394-406, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v14n4/v14n4a06.pdf> Acesso em: 29 nov. 2020.

HAUBRICH, D. B.; FROEHLICH, C. Benefícios e Desafios do Home Office em Empresas de Tecnologia da Informação. **Rev. Gestão & Conexões**, Vitória, v. 9, n.1, p. 167-184, jan. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/ppgadm/article/view/27901>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

RAFALSKI, J. C.; ANDRADE, A. L. de. Home-office: aspectos exploratórios do trabalho a partir de casa. **Temas psicol**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 2, p. 431-441, jun. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2020. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.2-14>.

ROHM, R. H. D.; LOPES, N. F. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 332-345, jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512015000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 abr. 2020.

ROCHA, C. T. M. da; AMADOR, F. S. O teletrabalho: conceituação e questões para análise. **Cad. EBAPE.BR**, v. 16, n. 1, p. 152–162, Rio de Janeiro, Jan./Marc. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cebape/v16n1/1679-3951-cebape-16-01-152.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2020.

COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA APLICADA AO ATENDIMENTO PRIMÁRIO NO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS

Leonardo Veríssimo Silva¹; Dra. Marina Godoy²; Ma.Marta Alice Nelli Bahia³;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leonardo.verissimo@gmail.com;

²Psicóloga do CRAS – Centro de Referência em Assistência Social - marinadogoy@bauru.sp.gov.br

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia social; CRAS; Comunicação não-violenta; Atenção básica; comunicação.

Introdução: O Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, é a unidade entorno da qual qualquer cidadão que necessite de atendimento social, assistência e apoio da rede pública deve ser encaminhado ou procurar como primeiro recurso, sendo que dele surgem os encaminhamentos para qualquer serviço de proteção básica oferecida pela rede socioassistencial. (BRASIL, 2009). Tendo esse alvo, naturalmente há o reconhecimento que o público atendido é diverso em faixa etária, escolaridade, gênero, necessidades sociais e econômicas, entre outros aspectos como patologias, necessidades especiais e assistenciais. (BRASIL, 2006). Com base nesses objetivos da entidade é possível concluir que os profissionais do CRAS têm uma necessidade grande de manter comunicação clara, adequada, construtiva e organizadora. Por isso, o presente estudo se propõe a expor a Comunicação Não Violenta como ferramenta útil aos profissionais do CRAS. A CNV foi formulada pelo psicólogo americano Marshall Rosenberg, que após ter crescido em um bairro violento na cidade de Detroit - USA, passou a estudar as razões de algumas pessoas serem compassivas enquanto outras serem violentas. Suas pesquisas o levaram a formular a CNV em 1963 e fundar em 1984, na Califórnia, o *Center for Nonviolent Communication* (CNCV) que se tornou uma fundação internacional, sem fins lucrativos, intervindo em grandes conflitos de países em guerra (como exemplo, Sérvia, Croácia e Sri Lanka), bem como no manejo de problemas entre pessoas, litígios e especialmente na formação de uma mentalidade diferente para novas gerações. (ROSENBERG, 2006, p.284-285).

Objetivos: Elaborar uma cartilha a ser entregue aos funcionários e técnicos dos CRAS. Promover reflexão sobre os principais temas da CNV e aplicações com casos relacionados, tais como modelo de acolhimento com foco na observação dos sentimentos e necessidades; escuta ativa e elaboração de pedidos. Disponibilizar a cartilha aos funcionários como uma forma de manejo aos atendimentos dos usuários do CRAS.

Relevância do Estudo: A comunicação é essencial para a interação humana. É um instrumento que possibilita a atenção, o cuidado e a socialização. A unidade do CRAS normalmente faz a primeira intervenção nos momentos de crise enfrentados por essas famílias, sendo comum a irritabilidade, o discurso confuso e até mesmo a exaltações na fala. Dessa forma, torna-se relevante o conhecimento das técnicas para uma intervenção com a realização de uma comunicação com atenção, boa compreensão e até mesmo ajuda dos técnicos para a exposição das demandas reais.

Materiais e métodos: O presente projeto se destina a elaboração de diretrizes para aplicação da Comunicação Não-Violenta (CNV) no contexto do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), na unidade II, Jardim Ferraz, em Bauru, estado de São Paulo. Será desenvolvido pelo discente do 4º ano do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), em supervisão da psicóloga da unidade referida, através de uma

cartilha expondo os principais aspectos da CNV e sua aplicação para o contato direto com usuários do serviço. A Prefeitura de Bauru criou o “Programa Capacita” onde uma formação continuada é proposta aos profissionais e técnicos do SUAS. A CNV entra nesse contexto como técnica/processo que pode potencializar a qualificação desses profissionais. Será elaborado uma cartilha dos principais temas da CNV: observação, identificação dos sentimentos, reconhecimento de necessidades e elaboração de pedido, ilustrado com relatos de experiências de cada uma dessas etapas. E oportunamente será oferecido qualificação e treinamento aos usuários.

Resultados e discussões: Destacando que a CNV em suas mais de cinco décadas de desenvolvimento tem níveis de sucesso em grande parte dos processos, que são em sua maioria muito mais críticos do que serão os casos atendidos no CRAS. As pessoas que trabalham com a CNV não gostam de chamá-la de técnica, ainda que o livro principal de Marshall Rosenberg tenha seu subtítulo traduzido dessa forma na versão em português: “Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais”. Essa postura se dá, devido ao pressuposto de que os seres humanos são educados em linguagem, postura, atitudes que são em si violentas. Por isso, não basta uma técnica que se utiliza e depois descarta, mas é necessário implantar uma nova forma de conviver, onde pessoas façam coisas ou se comportem não pelo medo da punição, mas pelo entendimento do seu próprio bem estar e pela promoção do bem estar dos outros ao seu redor. O CRAS, nesse sentido, é o local ideal para um início de transformação social. Essas ações acontecem através da restauração da dignidade, consolidação da cidadania, assistência a necessidades básicas, capacitação profissional e acompanhamento de famílias. Sendo então um campo fértil para apresentação e vivência de novas perspectivas de mundo, como proposta na CNV.

Conclusão: A cartilha elaborada junto a psicóloga do CRAS trouxe aspectos da CNV que tem aplicação prática a realidade vivenciada pelos profissionais. Nesse primeiro empreendimento a cartilha destinou-se aos profissionais, contudo, abre possibilidade para avanços quanto a aplicação com os usuários e em outras unidades da rede.

Referências –

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação Não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.** São Paulo: Ágora, 2006.

_____. Vivendo a Comunicação não-violenta. São Paulo: Editora Sextante, 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e combate à fome – SNAS. **Caderno de orientações: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.** Articulações necessárias na Proteção Social Básica. Brasília, 2006.

_____. Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). **Orientações técnicas Centro de referência de Assistência Social - CRAS.** Brasília, 2009.

_____. Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS). **Orientações técnicas sobre o PAIF.** (Vol 1). Brasília, 2012.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). **Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS.** Brasília, CFP, 2007.

A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM OS VÍNCULOS FAMILIARES

Janaina da Silva Mazzo¹; Vera Lucia Luvizutto Okubo²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – janamazzo@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Criança, Lúdico, Brincar, Vínculos Familiares, Desenvolvimento.

Introdução: Nos últimos anos algumas mudanças significativas têm ocorrido nas relações familiares, como o menor tempo de contato entre pais e filhos, e maior exposição das crianças com a tecnologia como forma de entretenimento, entre elas podemos destacar o uso em demasia de TV, computadores e celulares. Para Vygotsky (1989), a ludicidade tem como objetivo um espaço para o sujeito brincar, como forma de reorganizar experiências. Com isso, é na interação com o outro que a aprendizagem e o desenvolvimento acontecem. Para que a criança se desenvolva, segundo Vygotsky, será preciso a interação a qual é exposta, por meio da mediação de um adulto no seu meio social. Para Poletto (2005), é através do brinquedo que a criança constrói suas relações com o objeto e reproduções com outros objetos na sua vida futura. Sendo esse objeto intermediado pelo adulto e sua relação com ele. O ato de brincar é sempre um meio de fortalecimento de vínculos como um meio de conexão e interações compartilhadas com a influência de duas, três ou mais pessoas no desenvolvimento humano. Uma vez que atualmente as famílias dispensam momentos em convívio familiar, cada vez mais o espaço ao acesso de dispositivos tecnológicos das crianças brasileiras tem sido ampliado.

Objetivos: Demonstrar a importância das atividades lúdicas para o desenvolvimento humano, possibilitando o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança por meio das atividades lúdicas. Promover vivências fortalecedoras de vínculos familiares.

Relevância do Estudo: O estudo procura associar a relevância da ludicidade da criança enquanto fator mediador do desenvolvimento e favorecimento das relações familiares. A importância da ludicidade para as crianças de qualquer cultura se dá pelo fato de que a infância é o momento em que se inicia o processo de socialização na vida do indivíduo, devendo permanecer este processo ao longo de toda a sua vida. (OLIVEIRA, 2008). É visto a necessidade de que os pais/responsáveis aprofundem seus conhecimentos e enriqueçam as experiências lúdicas das crianças no contexto familiar para que assim, colaborem na ampliação da bagagem lúdica, favorecendo o desenvolvimento infantil nos diversos aspectos: cognitivo, afetivo, social, motor e moral, salientando que ela é apropriada e vital para o desenvolvimento de todas as crianças. (CHAVES, 2013).

Materiais e métodos: Foi realizado um levantamento literário utilizando as bases de dados Lilacs, Scielo e PubMed com o objetivo de sintetizar o conhecimento produzido acerca da temática. Após a realização da busca foi feita a análise da literatura ancorada, trazendo a compreensão da temática a partir do material levantado e apontando a relevância do lúdico e sua relação com os vínculos familiares.

Resultados e discussões: As concepções teóricas relacionadas ao lúdico nas últimas décadas ampliaram o conhecimento sobre a brincadeira como atividade de grande importância no caminho da construção subjetiva, social e cultural da criança. (RIVERO; ROCHA, 2019).

De acordo com Winnicott (1982, pag. 164), "uma criança brincando pode querer tentar mostrar, pelo menos, uma parte tanto do interior como do exterior a pessoas escolhidas no meio ambiente". Para Vygotsky (1989), o brinquedo proporciona várias funções no desenvolvimento, como: preencher as diversas necessidades da criança, permitir o envolvimento da criança num mundo ilusório, favorecer a ação cognitiva, fornecer a relação de transição entre pensamento e objeto real, possibilitar maior autonomia da criança, podendo lidar melhor com conflitos relacionados às regras sociais e aos seus próprios instintos. No processo de formação das crianças as famílias atuam em um papel importante e é nela em que ocorrem os primeiros processos de aprendizagem e socialização. Para Poletto (2005), a falta de uma estrutura familiar acarreta ausência ou deficiência das funções e papéis dos indivíduos, e ainda é através do brinquedo que a criança constrói suas relações com o objeto e reproduções com outros objetos na sua vida futura. Sendo esse objeto intermediado pelo adulto e sua relação com ele. O neurocientista francês Michel Desmurget (2012), realizou estudos sobre o papel das telas no desenvolvimento infantil e destaca como um dos fenômenos de seus resultados à síndrome do "zapear", que na visão de vários pesquisadores citados por ele, o uso constante dos controles remotos colaboraria para que as crianças perdessem pouco a pouco o estímulo e a concentração intelectual. Chaves (2013), aponta que é preciso que os pais aprofundem seus conhecimentos e enriqueçam suas experiências lúdicas para que colaborem favorecendo o desenvolvimento infantil em diversos aspectos como: cognitivo, afetivo, social, motor e moral.

Conclusão: Este estudo trouxe reflexões sobre a importância da ludicidade da criança e sua relação com os familiares. Portanto, através do lúdico a criança se comunica com seus pares e constrói suas relações sociais, favorecendo o seu desenvolvimento integral, despertando assim, habilidades para lidar com as diversas circunstâncias da vida.

Referências:

CHAVES, A. P.; **Ludicidade e família: O brincar e sua importância no contexto familiar.** Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7255_4225.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2020.

DESMURGET, M.; **TV lobotomie: laveritescientifiquesurleseffets de latélévision.** Paris: Max Milo Éditions, 2012.

OLIVEIRA, L. SOUSA, E. **Brincar para comunicar: A ludicidade como forma de socialização das crianças.** Universidade Federal do Maranhão. X Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste. São Luis/MA.2008.

POLETO, R. C. A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. **Rev. Psicologia em Estudo**, v.10, n.1, p. 67-75, jan/abr. 2005.

RIVERO, A. S.; ROCHA, E. A. C. A brincadeira e a constituição social das crianças em um contexto de educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019.

VYGOTSKY. **A formação social da mente.** 1989. São Paulo: Martins Fontes.

WINNICOTT, D. (1982). **A criança e seu mundo.** Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan S. A.

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Emmanuelle Cornélio da Silva¹;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
emmanuelle.corneliosiva@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB Marta Alice Nelli Bahia

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Violência Doméstica; conscientização; qualidade de vida; tipos de violência; prevenção; denúncia; orientação.

Introdução: O CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) tem como prática assegurar os direitos de famílias e pessoas que tem seus direitos violados por algum motivo. (Secretaria Especial do Desenvolvimento Social, 2015). O poder público municipal da cidade de Bauru vem se preocupando em acolher mulheres vítimas de violência, por esse motivo, uns dos serviços ofertados pelo CREAS, se localiza o CRM – Centro de Referência de Atendimento da Mulher. No CRM são feitos atendimentos presenciais com escuta especializada à mulheres que sofrem qualquer tipo de violência. O primeiro contato pode ser por encaminhamento das redes, como hospitais, delegacia, escolas, ou pela própria mulher que procura um auxílio para sair desse contexto. Silva (2015) cita que *“A violência contra a mulher tem sido tema de discussão devido à sua alta incidência. No mundo, 35% das mulheres sofrem violência física e ou sexual por parceiro íntimo ou não, e isso varia de acordo com as regiões, cultura, educação e existência de normas sociais mais ou menos tradicionais, em que a autoridade masculina se sobrepõe à feminina, o que a torna também reconhecida como violência de gêneros.”*

A violência contra a mulher, não se resume em agressão física, como tapas, empurrões, puxos, murros, ou seja, qualquer atitude intencional de força, mas também a agressão sexual é todo ato que seja indesejado, forçado ou coagido. A agressão psicológica e a patrimonial, talvez sejam amais difíceis de se detectar. A psicológica consiste em gritos, xingamentos, desvalorização, humilhação, discriminação etc. Já a patrimonial é qualquer subtração, retenção ou destruição dos objetos pessoais.

E o ato da violência contém 3 etapas, chamados de ciclo da violência: 1 evolução da tensão – característica do começo dos atos de violência. 2 – Explosão incidente de agressão – O ato de violência. 3 – Lua de mel – Arrependimento, o homem fala que se arrependeu e que nunca mais irá fazer. Nesse momento o casal passa um período tranquilo, mas o ciclo volta a se repetir.

É de suma importância passar o conhecimento sobre o ciclo da violência para a vítima, pois a partir desse momento ela se identifica com os conteúdos, e consegue observar que o ciclo irá continuar. É o momento de fortalecer a mulher vítima de violência, a fim de que ela não se

submeta á violência novamente, e que entenda, que certas atitudes podem se repetir trazendo alguns prejuízos, e em alguns casos o fim da vida.

Objetivos: Contribuir através de um banner informativo com os atendimentos às mulheres no CRM – Bauru na explicação dos tipos da violência e a importância da quebra do ciclo vivenciado de violência.

Relevância do Estudo: Em nossa sociedade, em casos de violência entre gêneros, a mulher sempre recebe a culpa. É de suma importância que essas informações de culpa e o contexto da violência seja interrompido, pois as mulheres precisam garantir seus direitos de

igualdade e dignidade. Portanto, nesse contexto as orientações sobre os tipos de violência e o rompimento do ciclo da violência torna-se relevante.

Materiais e métodos: Foi utilizado o método de pesquisa exploratória qualitativa para a obtenção de informações sobre os atendimentos do CRM. Os resultados foram alcançados por meio de observação de entrevistas, em os relatos das mulheres sinalizam suas dificuldades para entender quais são os atos ou comportamentos de violências, sobre os tipos de violência, como ocorre o ciclo da violência e a importância do rompimento destes. O material será desenvolvido como forma de banner informativo. Após será impresso e entregue para a supervisora local para auxiliá-la nos atendimentos do CRM.

Resultados e discussões: Espera-se que o desenvolvimento teórico da cartilha auxilie na explicação e facilite o entendimento das mulheres vítimas de violência, e que fique frisado seus direitos, para que não se submetam outra vez ao contexto da violência. Assim, é muito importante o conhecimento a respeito dessas tipificações para subsidiar a compreensão sobre o fenômeno da violência de gênero contra mulheres e orientar a atuação técnica que se proponha ao enfrentamento e à superação de tal violência.

Conclusão: Espera-se com esse projeto um despertar de um novo caminho, que refaça uma construção social de culpabilização às mulheres por suas próprias violências. Que o material disponibilizado colabore com os profissionais nos atendimentos, que valorizem sua subjetividade, que favoreça maior conscientização e reflexões de fortalecimento e interrupção desse pensamento, que essas mulheres reconheçam a sua condição de vítima e que tracem novos caminhos de uma vida digna, de direitos de existência e de liberdade em ser.

Referências

ALMEIDA, B. E. **A Atuação do Psicólogo no CREAS**. Psicologia Comunitária, 2018.
SOARES, B. M. **Enfrentando a violência contra a mulher**, Brasília, 2005.

E. Silva; S. Padoin; L. Viana. **Mulher em situação de violência: limites da assistência**. Vol 20 Rio de Janeiro, 2015.

P. Maria; B. Maria. **Capacitação para profissionais da rede de proteção à mulher em situação de violência**. Sebes, 2013

Violência intrafamiliar: **orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002

O IDOSO EM TEMPOS DE COVID-19

Alini Francisquette Herrera¹; Bianca Rodrigues Santos²; Giovana Felipe Andreghetto³; Ingrid da Silveira Holanda⁴ Marta Alice Nelli Bahia⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – alini.herrera@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –bianca.rodrigues0245@gmail.com

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gi_andreghetto@hotmail.com

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – ingridholanda98@gmail.com

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB–
manbahia1@yahoo.com.br manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Idosos, pandemia, saúde do idoso na pandemia, isolamento social na pandemia, Covid-19, cartilha.

Introdução: Devido a pandemia mundial e ao alto risco que a doença representa para os idosos, é recomendado que eles cumpram rigorosamente o isolamento social. No entanto, nessa faixa etária, o isolamento social pode ser sinônimo de muitos problemas como depressão e ansiedade para essa parte da população. Uma das ferramentas para tentar amenizar esse agravo é a tecnologia, através da qual alguns idosos tem a chance de manter contato com pessoas das quais estão mantendo o distanciamento físico. (LEÃO, FERREIRA, FAUSTINO, 2020). Além do isolamento, surge um outro problema relacionado aos idosos, que é a dinâmica familiar. Muitos idosos não possuem uma grande rede de apoio ou alguns muitas vezes não as tem, o que acaba tornando mais difícil manter um isolamento. Para esse idoso torna-se necessário que ele adquira sozinho seus alimentos e medicamentos, por exemplo. Além do fato de que, nesses casos, o idoso pode sentir-se ainda mais sozinho, tendo em vista que não pode manter relações sociais nem ao menos dentro de casa. (ARANTES, 2020). A velhice acarreta a diminuição da capacidade de adaptação, que ocorre de maneira objetiva, limitando o sistema funcional e, de uma maneira mais evidente, o sistema psicossocial, no qual se manifesta pela dificuldade de aceitação no idoso. Isso tudo leva ao aumento da dependência do ambiente familiar, que é um local de proteção e estabilidade (JEDE; SPULDARO, 2009). O cuidado com a geração idosa é atribuído, ao longo da história, aos descendentes, ou seja, a família assume a responsabilidade de satisfazer inúmeras necessidades, sejam elas físicas, psíquicas e sociais, principalmente quando seus idosos apresentam algum comprometimento na sua autonomia e independência, sendo assim, o amparo já é algo esperado, um dever moral arraigado na cultura, segundo (ESPITIA; MARTINS, 2006).

Objetivos: Contribuir com o projeto para o Centro Dia – Vila vicentina, visando a saúde mental dos idosos frente a pandemia da COVID 19.

Relevância do Estudo: Os sentimentos de medo e solidão estão se sobressaindo nos idosos especialmente nessa época de pandemia. Desse modo, se faz necessário buscar alternativas mesmo que remotamente, de aproximação, principalmente para aqueles que encontram-se sozinhos, logo passando para os idosos que eles são queridos e importantes para sua comunidade e para suas famílias e que dias melhores virão, e conscientizando essas pessoas a como se prevenir e se proteger da COVID 19.

Materiais e métodos: Foi utilizado o método de pesquisa exploratória qualitativa para a obtenção de informações sobre os idosos do Centro Dia. Tais resultados foram alcançados através de um levantamento por meio de entrevistas que contribuíram com experiências práticas vivenciadas na instituição pelo entrevistado com essa coleta resultou na construção de uma cartilha informativa.

Resultados e discussões: Através das reuniões com a supervisora local, levantou-se as necessidades consideradas emergentes neste momento e a ideia em desenvolver uma cartilha virtual com temas de autocuidados relacionados a COVID 19. Nesta cartilha consta informações e orientações sobre as devidas precauções e dicas para que os idosos possam enfrentar as situações do dia-a-dia. De acordo com o Ministério da Saúde (2020), algumas pesquisas pontuam que pessoas com mais idade, possuem sistema imunológico de maior vulnerabilidade, portanto, com maior facilidade em se contaminar com o coronavírus e desenvolver a COVID 19. Informam que o vírus tende a ser mais agressivo nas pessoas com idade mais avançada. Diante do resultado obtido com a construção da cartilha podemos compreender a importância dessas informações e orientações nesse momento de pandemia, mesmo que de forma remota e a distância, em que a comunicação, cuidados diários e algumas atividades tragam prazer e contribuem para a sua saúde mental e física do idoso. Outro ponto relevante para além desses cuidados necessários, é a maior conscientização e o despertar nas pessoas cuidadoras o acolhimento dos sentimentos e emoções vivenciados pelos idosos nesse momento ímpar das vidas deles.

Conclusão: O projeto da cartilha levará para os idosos do Centro Dia algumas informações necessárias de autocuidados relativos à saúde física e mental e uma perspectiva positiva mesmo diante do isolamento social.

Referências

ARANTES, Ana Claudia Quintana et al. **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19:** recomendações aos trabalhadores e cuidadores de idosos. 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41686/2/Cartilhalidoso.pdf>

ESPITIA, Z. A. e MARTINS, J. J. **Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família:** encontros e desencontros. Arquivos Catarinenses de Medicina Vol. 35, n.1, pág 52-59, de 2006.

LEÃO, Luiza Rosa Bezerra; FERREIRA, Vitor Hugo Sales; FAUSTINO, Andrea Mathes. **O idoso e a pandemia do Covid-19:** uma análise de artigos publicados em jornais/The elderly and the pandemic of Covid-19: an analysis of articles published in newspapers. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 7, p. 45123-45142, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12947/10878>

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Sobre a doença: o que é covid-19.** Brasília, 2020.

JEDE, M. e SPULDARO, M. **Cuidado do idoso dependente no contexto familiar:** uma revisão de literatura. RBCEH, Passo Fundo, V. 6, n.3, pág. 413-421, 2009.

DO FEMINISMO AO NADA: ANÁLISE HERMENÊUTICA DO MOVIMENTO SOCIAL FEMINISTA

André Marcelo Pontes¹; Joao Paulo Martins².

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – and_mcp@hotmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psico@hotmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: *Dasein*, fenomenologia, gênero, feminismo

Introdução: Dentro da obra de Martin Heidegger, apresenta-se como *Dasein* aquilo que é composto de “Da-”, significando “aí”, e “sein”, significando “ser. A fenomenologia hermenêutica de Heidegger, não tem a intenção de falar sobre o “quê” das coisas em uma explicação construída por essência a priori, mas do “como”. (ARAÚJO, 2014). A compreensão do que é o ser ocorre a partir dele próprio, dentro das possibilidades limitadas pela cotidianidade do ser. O humano é um ente cujo modo de ser permite o questionamento sobre si, porque está em seu horizonte a condição ontológica do ser, concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres objeto de seu estudo. E a dimensão ôntica de existência física, real e factual do próprio ser (BRAGA, 2017). Contudo, Missaggia (2015) cita o feminismo, seja enquanto movimento político, em aspectos teóricos, envolve uma grande diversidade de interpretações, inclusive contrárias entre si em muitos de seus fundamentos. Unindo concepções dos campos da fenomenologia e feminista, é possível notar relações como no estabelecimento de uma série de críticas em relação aos trabalhos no que dizem respeito às especificidades da mulher e das condições particulares da experiência do ser atrelado ao feminino construído, ou então a retomada do estudo da obra de filósofas “clássicas” ligadas à fenomenologia. (MISSAGIA, 2015). Partindo da análise hermenêutica, o objetivo do presente trabalho será analisar o movimento feminista enquanto um movimento social, de forma a entender seus objetivos e as consequências em nosso contexto sócio histórico atual.

Objetivos: Analisar o desenvolvimento histórico do movimento feminista sob a visão fenomenológica de mundo compreendendo as consequências sócio históricas.

Relevância do Estudo: A análise de como o movimento feminista que visava obter igualdade, se tornou um movimento militante que acabou por se apropriar da subjetividade e impor escolhas na construção do que é o feminino.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica com uso de artigos científicos de bases de dados online como Scielo, birem, pubmed e livros.

Resultados e discussões: Quando nos deparamos com a construção do gênero trazido pelo movimento feminista e sobre o “tornar-se mulher”. Rocha (2014) cita Judith Butler em relação ao conceito de gênero em uma versão, culturalmente construída, completamente diferente de sexo, e obtida naturalmente, que formam um par de teorias feministas originalmente utilizadas para defender a visão “desnaturalizadora”, no sentido usual, a associação das mulheres com fragilidade ou submissão que servem para justificar preconceitos até hoje. Porém, retratando na fenomenologia, Araujo (2014) traz que enquanto *Dasein*’s, nos relacionamos com o mundo de acordo com nossa forma, nosso jeito, e ao mesmo tempo, nos relacionamos com a forma de todas as outras pessoas. Todas essas relações nos trazem uma compreensão de nós mesmos por conta dessa interação, pois, somos obrigados a ser-para-o-outro, e enquanto somos para o outro entendemos essa

relação. E por vezes essa visão “desnaturalizante” apenas retoma um novo rótulo, pois já foi definido. E como citado por Castro (2020) em trazer acerca as pautas em que a análise crítica deve abranger categorias como gênero, corpo, identidade, raça, nacionalidade e classe. Buttler informa que gênero/sexo é construída no e pelo discurso, postula um sujeito como sempre em processo, que se constrói no discurso pelos seus horizontes. Portanto a identidade de gênero é conceituada como uma sequência de atos sem ator ou autor preexistentes. Por exemplo, mulher, é um dever, um construir sem origem ou fim. A identidade, portanto, está aberta a certas formas de intervenção e de ressignificação contínuas de sentido, sendo assim, uma prática discursiva.

Conclusão: A construção do que seria o feminino e a crítica do movimento feminista acerca da mulher, enquanto não possuidora dos mesmos direitos masculinos. Retrata segundo a fenomenologia que, a crítica não deixa de ser provida de outra construção ou sentido dada a priori. O gênero já possui um sentido anterior ao nascimento do Dasein, assim a “mulher” não “torna-se”, ela já nasce sendo assim como mundo já lhe define. Devemos retratar o Ser enquanto passível de ser capaz de criticar e desconstruir o que é ser mulher, tornando o discurso aberto a possibilidades de existir. Seja o horizonte enquanto dona de casa ou militante pró feminismo.

Referências

ARAUJO, M. V. G. UMA BREVE COMPREENSÃO SOBRE O DASEIN DE. Revista Lampejo, Nº, 6. pp. 200-206; 02/2014 Disponível em: http://revistalampejo.org/edicoes/edicao6/Volume%2006_Lampejo_12_2014_Oswald/Publica%C3%A7%C3%A3o/02_Artigos/Artigo%209_Marcus%20Vin%C3%ADcius%20Gomes_200%20a%20206.pdf. Nº 6- 02/2014. Acesso em: 24 de agosto de 2020.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. Rev. abordagem Gestalt. Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 mar. 2020

CASTRO, Priscila Rodrigues de. As lutas feministas e sua articulação pelas mídias digitais: percepções críticas. Rev. katálysis, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 459-469, Dec. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802020000300459&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 out. 2020. Epub out 16, 2020

MISSAGGIA, Juliana. Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.201 p. Disponível em: <https://www.academia.edu/22148561/Fenomenologia_e_feminismo_introdu%C3%A7%C3%A3o_e_defesa_de_um_di%C3%A1logo_fecundo> Acesso em: 01 de ago, 2020.

ROCHA, Cássio Bruno Araujo. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. Cafajeste. Pagu, Campinas, n. 43, pág. 507-516, dezembro de 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332014000200507&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de outubro de 2020

MINDFULNESS COMO ESTRATÉGIA POSSÍVEL PARA CUIDADO EM SAÚDE DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Juliana Carvalho da Silva¹; Guilherme Costa Lopes²

¹ Discente do Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB
carvalho-juliana@live.com

² Docente do Curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB
profguilhermelopes@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: mindfulness; ansiedade; ensino superior; práticas integrativas;

Introdução: A saúde física e a saúde mental estão conectadas, o corpo pode ser impactado negativamente por nossas posturas, atitudes, emoções e pensamentos. Dentre os diferentes tipos de transtornos mentais, os de ansiedade se destaca como um dos mais prevalentes, sendo muitas vezes limitantes para os indivíduos em seu desempenho acadêmico.

O presente estudo buscou identificar os possíveis benefícios do mindfulness para diminuição da ansiedade em estudantes universitários.

Objetivos: Identificar através de pesquisa bibliográfica e descrever possíveis benefícios do mindfulness para estudantes universitários.

Relevância do Estudo: O alto nível de ansiedade entre estudantes universitários revela a necessidade da busca por estratégias para que possam ter o melhor manejo da ansiedade e atinjam seus objetivos com menor nível de tensão.

Materiais e métodos: Foram realizadas pesquisas bibliográficas nas bases de dados Google Acadêmico e consultados livros virtuais do acervo da Biblioteca das Faculdades Integradas de Bauru (FIB) para a composição da fundamentação teórica. Foi realizada análise dos textos, que foram selecionados após a leitura dos resumos em três fases: pré-análise, exploração do material e seleção de textos.

Os descritores norteadores utilizados para a pesquisa foram: psicologia; ansiedade; universidade; mindfulness; meditação; saúde mental; práticas integrativas; sem restrição de ano de publicação.

Resultados e discussões: A palavra ansiedade deriva do termo grego *anshein*, que significa "estrangular, sufocar, oprimir" (GRAEFF, 1997). A ansiedade pode ser definida como um estado subjetivo de tensão que é acompanhado por uma série de manifestações autônomas e somáticas, como aumento da frequência cardíaca, respiração e sudorese, causadas por potenciais ameaças ao bem-estar ou sobrevivência (BRANDÃO, 2004).

Os afazeres da vida universitária mostram que o universitário deve ter recursos cognitivos e emocionais complexos a partir do momento em começa seu curso para atender às demandas desse novo ambiente. O universitário, especialmente no setor saúde, torna-se, em muitos casos, um guardião de medos, dores e anseios de familiares e pacientes (AGUIAR, *et.al*, 2009). Com isso, há uma busca contínua por tratamentos que são mais eficazes e têm menos efeitos colaterais (CRASKE; STEIN, 2016). Para reverter essa realidade, uma das práticas possíveis, é a prática de mindfulness. A prática é descrita como uma capacidade humana, de permanecer em um estado de consciência que é definido como atenção no momento presente intencionalmente sem julgamento, de forma amorosa, compassiva e com abertura e interesse pela experiência. Enfatiza a observação do que acontece no presente ao invés de compará-los, avaliá-los, ou ruminá-los com experiências do passado ou do futuro (BROWN; RYAN, 2003).

Conclusão: A partir do que foi levantando, as pesquisas embasam a que benefícios advindos de práticas como o Mindfulness podem auxiliar no manejo do estresse e da ansiedade vivenciado pelos estudantes. No entanto, nem todos os pacientes se beneficiam desses tratamentos disponibilizados e continuam sofrendo com os sintomas de ansiedade, salientando a necessidade de novas opções ou tratamentos adjuntos aos convencionais atuais.

Contudo, apresenta-se como prática promissora por ser uma construção multifacetada, entendida como um conjunto de habilidades que são ensinadas e aprendidas como a capacidade humana básica de estar totalmente focado no momento presente.

Referências –

AGUIAR, S. M, *et al.* Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. J. Bras. Psiquiatria, Rio de Janeiro, v. 58, n. 1, p. 34-38, 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852009000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852009000100005>

BROWN, K.W., RYAN, R.M. The benefits of being present: mindfulness and its role in psychological well-being. J. Pers. Soc. Psychology, Washington, v. 84, n. 4, p. 822–848, 2003. DOI: 10.1037/0022-3514.84.4.822

GRAEFF, F.G. Ansiedade. In: GRAEFF, F.G.; BRANDÃO, M.L. Neurobiologia das doenças mentais. Ed. Lemos, São Paulo, v. 4, p.109-144,1997.

BRANDÃO, M.L. As bases biológicas do comportamento: introdução a neurociências, São Paulo: EPU, p. 223, 2004.

CRASKE, M.G., STEIN, M.B. Anxiety. The Lancet, London, v. 388, n.10063, p. 2959-3086, 2016. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)30381-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)30381-6)

PROJETO PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE: CAMPANHA OUTUBRO ROSA

Iulia Ludmila dos Santos Góes¹; Thalita Soares Sancher²; Luciana Maria Biem Neuber³;

¹Discente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - iuliaa_goes@hotmail.com;

²Discente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB- titasanches@hotmail.com;

³Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - psibiem@gmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia, Câncer de Mama, Outubro Rosa, Conscientização.

Introdução: O câncer de mama é caracterizado por uma patologia oriunda da desordem de multiplicação de células da mama, sendo considerado o tipo de doença mais comum entre as mulheres em nível mundial. São considerados aspectos biopsicossociais, ou seja, interferem em níveis biológicos, psíquicos e sociais na vida das pacientes, ocasionando sentimentos que impactam na qualidade de vida das mesmas (GALASSI, 2019). O Outubro Rosa é uma campanha mundial, com o objetivo de alertar a população para a seriedade da doença câncer de mama, bem como informações relevantes nas medidas conscientes por parte das mulheres em relação ao autocuidado com a saúde. O foco principal é o diagnóstico precoce realizado pelo autoexame das mamas, mamografia, ultrassonografia e consultas regulares ao ginecologista (MARTINS *et al*, 2017). De acordo com Venâncio (2004) o psicólogo que atua na área da psico-oncologia contribui no auxílio preventivo e redução do impacto emocional no processo colaborativo da compreensão do significado da experiência do adoecer, no desenvolvimento de táticas adaptativas para o enfrentamento das dificuldades físicas e emocionais encontradas durante o tratamento. O auxílio psicológico inclui as mulheres diagnosticadas com câncer de mama e familiares. Campanhas de conscientização são fundamentais no processo de ações sociais colaborativas de prevenção e promoção da saúde.

Objetivos: Desenvolver um projeto de estágio em processos de prevenção e promoção da saúde, especificamente voltado para a psicologia social comunitária, com o objetivo de contribuir com informações e orientações por parte de profissionais especialistas na conscientização e tratamento do câncer de mama.

Relevância do Estudo: O trabalho justificou-se mediante a nova realidade vivenciada pela sociedade atual em meio à pandemia da COVID-19, que resultou na impossibilidade das atividades presenciais durante a Campanha Outubro Rosa. O projeto foi elaborado com a finalidade de alcançar a população ao contribuir na conscientização e tratamento envolvidos no câncer de mama

Materiais e métodos: Esse projeto foi desenvolvido na Faculdades Integradas de Bauru-FIB como parte do estágio supervisionado em processos de prevenção e promoção da saúde, ao considerar a relevância na área de psicologia social comunitária. Foram realizados levantamentos e estudos das áreas da saúde envolvidas na conscientização e tratamento do câncer de mama. O projeto foi estruturado por duas estagiárias do curso de psicologia e uma supervisora, contou com a elaboração de questionários específicos, escolha de profissionais especialistas e posteriormente foram agendadas entrevistas com os mesmos. Participaram médicos (as), fisioterapeutas, nutricionista, psicóloga e mulheres acometidas pelo câncer de mama. As entrevistas foram realizadas na TV FIB, clínicas de fisioterapia e nutrição da FIB, clínicas médicas particulares. Contou com a vinheta da Campanha Outubro Rosa do Grupo Amigas do Peito de Bauru. O material foi editado por equipe técnica da TV FIB em formato digital e compartilhado nos variados meios de comunicação.

Resultados e discussões: O câncer de mama é uma doença que causa impactos emocionais na vida de mulheres, desde o diagnóstico, tratamento e pós-tratamento (RAMOS; LUSTOSA, 2009). Apesar dos avanços científicos, as representações sociais envolvidas no diagnóstico de um câncer ainda assustam e amedrontam diferentes grupos sociais. Faz-se necessário que as representações envolvidas no câncer sejam reformuladas, possibilitando à mulher compreender que com os tratamentos eficazes ela poderá ter a sua qualidade de vida de forma satisfatória (VIEIRA et.al, 2007). Neste aspecto, os estudos em psicologia social contribuem significativamente ao enfatizar os elementos da construção e da transformação sócio-histórica de representações e significados coletivos. Grande parte da população ainda atribui sentença de morte ao câncer; mesmo com os avanços tecnológicos promissores no diagnóstico e tratamento, mantêm-se a representação e significado coletivo. Desta forma, muitas mulheres temem o diagnóstico e evitam, ou mesmo negligenciam a saúde não realizando os exames e condutas necessárias. A educação em saúde é um instrumento didático que instrui e estimula a adesão da população quanto às ações de promoção e prevenção, além de promover a importância da mudança nos estilos e comportamentos de vida. Portanto, campanhas, como a do Outubro Rosa, auxiliam na conscientização e informação ao promover a possibilidade de combater medos, distorções e favorecer a busca efetiva pela saúde da mulher, na tentativa de contribuir para o diagnóstico precoce do câncer de mama (NEUBER, 2020).

Conclusão: O projeto obteve alcance significativo e atingiu boa parte da população com um número de visualizações relevantes. Contribuiu para que a sociedade pudesse receber informações e orientações especializadas por profissionais envolvidos na conscientização e tratamento do câncer de mama. Foi fundamental como processo de ensino-aprendizagem para as estagiárias que puderam construir conhecimento respaldado no estudo teórico, aplicabilidade e colaboração efetiva junto às ações sociais.

Referências:

- GALASSI, L. B. Mulheres e o câncer de mama: os impactos psicológicos. 2019. 30 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Pitágoras UNOPAR, Londrina, 2019.
- MARTINS, F.P. *et al.* Outubro Rosa: Facilitando o acesso, promovendo à saúde e prevenindo agravos à saúde da mulher. Revista Rede de Cuidados em Saúde, Duque de Caxias, v.10 n.1, 2017.
- NEUBER, L. M. B. Aspectos psicológicos do câncer de mama. **Vetor Editora**, ago/2020. Disponível em <<https://blog.vetoreditora.com.br/aspectos-psicologicos-do-cancer-de-mama>>
- RAMOS, B. F; LUSTOSA, M.A. Câncer de mama feminino e psicologia. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 85-97, jun. 2009.
- VENÂNCIO, J. L. Importância da atuação do psicólogo no tratamento de mulheres com câncer de mama. Revista Brasileira de Cancerologia, Rio de Janeiro, v.50 n.1, p.55-63, 2004.
- VIEIRA CP, LOPES MHBM, SHIMO AKK. **Sentimentos e experiências na vida das mulheres com câncer de m**

IMPACTOS DA BAIXA AUTOESTIMA EM ADOLESCENTES NO CONTEXTO ESCOLAR

Ana Maria Paes de Arruda¹; Vera Lúcia Luvizutto Okubo²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anamaarruda@outlook.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB– veraokubo@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Autoestima; Adolescência; Escolar; Psicologia.

Introdução: O presente estudo discute que entre tantas questões trazidas e levantadas no cenário escolar, pode-se evidenciar a baixa autoestima nos adolescentes, acarretando situações complicadas no decorrer de suas vidas, contribuindo na vulnerabilidade social e falta de autonomia (FELICIANO e AFONSO, 2012). A autoestima é caracterizada como a prova literal da valorização e importância que cada indivíduo faz de si mesmo. Pode assim contribuir de maneira efetiva e significativa com o bem-estar, durante o processo de desenvolvimento do adolescente. A autoestima é uma das características mais ligadas as pessoas mais felizes (FREIRE e TAVARES, 2011). Ao compreender que a autoestima trata-se de uma importante identificação e visualização do adolescente perante seu desenvolvimento como indivíduo único e sobretudo, considerando suas potencialidades e características ímpar, no qual, sendo através de sua autoestima que este apropria-se de sua história e identidade perante uma sociedade e também no âmbito pessoal. Entende-se então, que a autoestima é um motivador essencial e natural para todos os indivíduos (FREIRE e TAVARES, 2011). O adolescente com baixa autoestima ao relacionar com outros da mesma idade ou grupos, acaba em muitos casos se unindo com adolescentes de comportamentos antissociais, e estes contribuem na questão afetiva, no sentido de amizade e apoio; ou seja, uma busca pelo que falta em si. Outra questão é o fato de que, o adolescente com baixa autoestima é menosprezado por muitos outros adolescentes da mesma idade e com isso, provoca mais baixa autoestima. Todos esses pontos significativos e triste na vida do adolescente que tem baixa autoestima, faz com que haja o aumento de comportamento agressivo ou desafiador (PECHORRO *et al.* 2012).

Objetivo: Compreender os variados contextos vivenciados por adolescentes no âmbito escolar, resultando na baixa autoestima, ausência de autonomia e falta de desenvoltura social.

Relevância do Estudo: Clarificar questões apresentadas em adolescentes, os quais muitas vezes são prejudgados no convívio social escolar. O presente estudo pode contribuir para minimizar os problemas apresentados e diminuir a vulnerabilidade dos adolescentes na fase escolar.

Materiais e métodos: Foi realizado um levantamento de artigos científicos publicados em periódicos nas bases de dados como SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), LILACS (Literatura Latino-Americana e Caribe em ciências da Saúde), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), sendo estes dois últimos consultados através do *site* da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) da Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) e também na Medline (Literatura Internacional em Ciências da Saúde), acessada pelo PUBMED, serviço disponibilizado pela *National Library of Medicine* dos Estados Unidos. Também foram realizadas consultas à livros acadêmicos na Biblioteca Virtual das Faculdades Integradas de Bauru. O processo de seleção dos estudos foi leitura de títulos e resumos dos artigos encontrados, sendo que foram excluídos os trabalhos duplicados e fora dos critérios de seleção. Além dos artigos, o trabalho foi composto por um livro.

Resultados e discussões: Compreende-se que as escolas devem considerar relevante o quesito da autoimagem e conseqüentemente, a autoestima dos alunos na fase da adolescência. Tendo em vista questões relacionadas a motivação e o quanto esses alunos estão ou não engajados em sua aprendizagem (ANDRADE, 2017). O adolescente que tem como característica uma autoestima positiva, isto é, reconhece a si mesmo, suas qualidades, exercendo diariamente o seu próprio direito e obrigações, suas competências e habilidades, terá uma postura de enfrentamento, seja em sua vida pessoal ou no contexto escolar, no qual, mediante aos problemas emergidos, apresentará condições emocionais de lidar e pensar em estratégias que o levem a solução do problema. Entendendo que é suficientemente habilitado a superar dificuldades em sua vida (ANDRADE, 2017). Quando o adolescente tem a baixa autoestima, a forma de enfrentamento será o oposto do que entende-se no texto acima. O adolescente terá problemas com sua própria aceitação, não se valorizará e sua autoimagem é vista por ele de forma negativa. De acordo com Nascimento e Peixoto (2012), deve-se validar a importância da autoestima no contexto escolar, principalmente quando há provas palpáveis do não sucesso devido a autoestima do adolescente. Diante dessas situações, como por exemplo a reprova de ano, o aluno que está reprovado pode se reorganizar, tanto emocionalmente, quanto fisicamente, no sentido de se auto perceber enquanto pertencente aquele contexto, acarretando um novo olhar a sua própria importância pessoal. Esses alunos que se desvalorizam no contexto escolar, são os mesmo que valorizam seus colegas, pois, entendem que as características positivas que se apresentam na interação social escolar, são evidentes apenas para o outro e não para si. Novamente retornando a questão, no qual, vê o outro realizar ações positivas e de sucesso, enquanto ele não se encaixa nesse padrão; tendo uma visão depreciada de sua imagem (NASCIMENTO e PEIXOTO, 2012).

Conclusão: Conclui-se que os adolescentes no contexto escolar, vivenciam as mais diversas situações que contribuem na baixa autoestima e na falta de autonomia. Pôde-se entender melhor o contexto escolar do adolescente e os fatores que impactam na sua autoimagem, seja positivamente quanto negativamente. Contudo, valida-se este estudo, pois, trata-se de um fator relevante no desenvolvimento do adolescente e na sua construção enquanto indivíduo social.

Referências:

ANDRADE, J. A.: Autoestima e aprendizagem escolar: uma visão psicopedagógica. **Educere: XIII Congresso Nacional de Educação**. Salvador. 2017.

FELICIANO, I. P.; AFONSO, R. M.: Estudo sobre a auto-estima em adolescentes dos 12 aos 17 anos. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 13, n. 2, p. 252-265, 2012.

FREIRE, T.; TAVARES, D.: Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 38, n. 5, p. 184-188, 2011.

NASCIMENTO, S.; PEIXOTO, F.: Relações entre o estatuto escolar e o autoconceito, auto-estima e orientações motivacionais em alunos do 9º ano de escolaridade. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 30, n. 4, p. 421-434, out. 2012 .

PECHORRO, P. et al. Auto-estima e narcisismo na adolescência: Relação com delinquência autorelatada em contexto forense e escolar. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 30, n. 3, p. 329-339, jul. 2012.

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO TRATAMENTO DO CÂNCER DE MAMA REFERENTE AO TEMA SEXUALIDADE – UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Letícia Sabino¹; Luciana Maria Biem Neuber²

¹Discente de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leticia_sab@hotmail.com.

²Docente do curso de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psibiem@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psico-oncologia; Câncer de mama; Sexualidade; Psicologia; Mulher.

Introdução: O câncer é um crescimento desordenado de células que atingem determinados tecidos e órgãos, as mesmas se dividem e tornam-se células agressivas ao organismo humano, formando os tumores. Dentre as tipologias de câncer, o de mama é o mais incidente e a maior causa de morte entre as mulheres, tornando-se um problema de saúde pública. Uma doença possível de cura dependendo da avaliação diagnóstica, tratamento e prognóstico, principalmente quando diagnosticado precocemente (INCA, 2019). O tratamento oncológico necessita de uma equipe multidisciplinar, e a área profissional de atuação da psicologia é parte fundamental neste processo. O câncer atinge fisicamente, psicologicamente e socialmente o indivíduo acometido pela doença, bem como seus familiares. Especificamente, no câncer de mama é considerada a representatividade da mama para sexualidade feminina, vivenciada por meio da cultura e da sociedade. A sexualidade da mulher pode sofrer mudanças após o diagnóstico do câncer de mama e seu tratamento, que inclui procedimentos invasivos como quimioterapia, radioterapia, hormonioterapia e cirurgias. A mulher poderá enfrentar alteração da aparência e funcionalidade das mamas, menopausa induzida, redução da lubrificação vaginal, redução da excitação sexual, dispareunia e anorgasmia (SANTOS *et al.* 2014; ALMEIDA *et al.* 2019). O Projeto Fortalecer, desenvolvido através de psicólogas voluntárias, com público-alvo mulheres que foram acometidas com o câncer de mama, aponta a sexualidade como tema de interesse, escolhido por boa parte das participantes (NEUBER, 2020).

Objetivos: Buscar estudos e atuações efetivas de profissionais na área de psicologia, no que se refere aos aspectos envolvidos no tratamento do câncer de mama relacionado à sexualidade.

Relevância do Estudo: Esta pesquisa é importante visto que o tema da sexualidade é pouco discutido ainda nos tempos atuais, porém, possui uma demanda de interesse grande por parte de quem vivencia a doença do câncer de mama.

Materiais e métodos: O trabalho se refere a uma revisão bibliográfica constituída por artigos científicos publicados nos últimos dez anos, buscados nas bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online), LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PEPSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e BVS (Portal Regional da BVS).

Resultados e discussões: Nos artigos encontrados notou-se que o tema sexualidade em mulheres com câncer de mama tem sido um assunto bastante requisitado e importante de investigação. Vieira, *et al.* (2014), apresentam no artigo a importância de abordar a sexualidade como um aspecto na atenção ao paciente oncológico, pois os cuidados em relação aos aspectos psicossociais, somados às consequências físicas dos tratamentos, auxiliam na assistência ao paciente e tem como efeito amenizar o sofrimento na vivência sexual após o câncer. No artigo de Lopes *et al.* (2016) são apontadas questões também abordadas por Santos (2014), e concordam que há uma deterioração da imagem corporal e

da sexualidade em mulheres com câncer de mama, ao apresentarem como principais queixas distúrbios de lubrificação, assim como da satisfação, desejo e excitação, além de problemas relacionados ao orgasmo, dispareunia (dor durante as relações sexuais), secura vaginal e sentir-se pouco atraente. De acordo com os autores, Verenhitch *et al.* (2014) as mulheres mastectomizadas enfrentam dificuldades, no início do tratamento, ao relatarem receio de expor o corpo e expressar sua sexualidade, bem como o medo da impotência diante da nova condição. A percepção negativa referente a imagem corporal proporciona uma insatisfação com a aparência, assim como uma sensação de perda da feminilidade e integridade do corpo, gera uma relutância em se observar nua e insatisfação com a cicatriz da cirurgia. O autor Santos (2014) ressalta que os profissionais de saúde não costumam discutir assuntos sobre o tema sexualidade com as mulheres e seus parceiros, por conta da formação profissional e seus conhecimentos mais limitados sobre a sexualidade e o funcionamento sexual após o tratamento do câncer de mama, desta maneira, é necessário desenvolver maior entendimento sobre o tema para possibilitar uma atenção integral à saúde da mulher, pois os tratamentos são agressivos e trazem consigo graves sequelas físicas que afetam a vida sexual.

Conclusão: Fica evidente que o tema sexualidade é fundamental como parte do tratamento e auxílio às mulheres acometidas pelo câncer de mama, porém há escassez de publicações referente ao trabalho efetivo da psicologia.

Referências

ALMEIDA, N. G. *et al.* Modelo PILSET: aconselhamento sexual para sobreviventes do câncer de mama. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Fortaleza, v. 72, n. 4, p. 1109–1113, ago/2019.

INSTITUTO NACIONAL DO CANCER (INCA). **O que é câncer?** Disponível em <https://www.inca.gov.br/o-que-e-cancer>. INCA, 2019. Acesso em 08 de agosto de 2020.

LOPES, J.S.O.C. *et al.* A sexualidade de mulheres em tratamento para o câncer de mama. **Enfermería Global**, Murcia, v. 15, n.43, p. 369-387, out/2016.

NEUBER, L. M. B. Aspectos psicológicos do câncer de mama. **Vetor Editora**, ago/2020. Disponível em <<https://blog.vetoreditora.com.br/aspectos-psicologicos-do-cancer-de-mama>>

SANTOS, D. B. *et al.* Sexualidade e câncer de mama: uma revisão sistemática da literatura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 4, p. 1342–1355, dez/2014.

VERENHITACH, B. D. *et al.* Câncer de mama e seus efeitos sobre a sexualidade: uma revisão sistemática sobre abordagem e tratamento. **FEMINA**, São Paulo, v.42, n.1, p.3-10, fev/2014

VIEIRA, E. M. *et al.* Vivência da sexualidade após o câncer de mama: estudo qualitativo com mulheres em reabilitação. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 3, p. 408–414, fev/2014.

A INFLUÊNCIA DO COMPLEXO DE ÉDIPÓ NA HOMOSSEXUALIDADE

¹Iulia Ludmila dos Santos Góes; ² Profa. Cristiane Araújo Dameto

¹Discente de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – iuliaa_goes@hotmail.com

²Docente de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – crisdameto@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Complexo de Édipo, Sexualidade, Homossexualidade, Psicanálise

Introdução: O complexo de Édipo foi criado pelo fundador da psicanálise Sigmund Freud baseada no mito do rei Édipo, onde este casa-se com sua própria mãe e assassina seu pai inconscientemente destes parentescos familiares. Este conceito é utilizado na psicanálise para demonstrar os sentimentos de amor e ódio que são destinados aos pais, para Freud este complexo ocorre na infância e é vivenciada universalmente, onde há a vivência de uma triangulação familiar que definirá a estrutura psíquica do sujeito. Essa fase normalmente é vivenciada a partir dos três anos de idade quando a criança passa a sofrer limitações de seus pais das quais antes não tinha conhecimento. O complexo de Édipo ocorre no menino sendo caracterizado pelos desejos incestuosos dele pela mãe e pela hostilidade ao pai por considerá-lo como um obstáculo e na menina de forma contrária tendo os desejos pelo pai e a hostilidade pela mãe (MIRANDA, 2013). A resolução edípica tradicional de Freud indica apenas em uma escolha heterossexual do objeto, sem levar em consideração as diferenças sexuais e as funções maternas e paternas. Por isso torna-se imprescindível pensar de que modo as formas sexuais e de gênero influenciam a conceituação do processo de subjetivação sexuada. Se a resolução do complexo de Édipo leva à heterossexualidade como desfecho, nos deparamos com a questão sobre como pensar a respeito da homossexualidade (FIORINI, 2014).

Objetivos: compreender a influência do complexo de Édipo na estrutura psíquica do ser e na subjetividade humana relativa a diversidade da sexualidade.

Relevância do Estudo: investigar através do campo psicanalítico, mais precisamente na teoria freudiana do complexo de Édipo, os desejos e identificações durante a infância e compreender assim possíveis influências subjetivas no desenvolvimento da homossexualidade.

Materiais e métodos: A revisão bibliográfica foi através da literatura científica concentrando-se nos trabalhos publicados sobre o complexo de Édipo e a sexualidade. O mapeamento da literatura foi realizado através das bases de dados científicas do Google Acadêmico e o Scientific Eletronic Library Online (SciELO). A estratégia de busca foi o cruzamento dos descritores referentes à sexualidade, complexo de Édipo e a psicanálise. Os critérios de inclusão foram: a) artigos, teses e dissertações publicados na língua portuguesa cuja integração com os descritores e o objetivo do presente trabalho fossem atendidos e b) artigos publicados de janeiro de 2009 a novembro de 2019.

Resultados e discussões: A força das disposições sexuais masculinas e femininas determina-se com o desfecho da trama edípica que poderá ser uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta seria, então, uma das maneiras pelas quais a bissexualidade atua nos caminhos do complexo de Édipo (VIEIRA, 2009).

A relação estabelecida por Freud entre o recalçamento e a predisposição bissexual é a base para a explicação da homossexualidade. Contudo, a sua teoria acerca do fundamento da homossexualidade vai mudando, descobrindo o elo entre a bissexualidade e a triangulação edípica. As tendências homossexuais representariam, então, uma fuga do indivíduo ao

complexo de Édipo, recusando o próprio sexo (Ribeiro, 2010). A resolução do complexo de Édipo afeta a identificação de gênero e da homossexualidade. O resultado é que a pessoa se identifica com o objeto amoroso do mesmo sexo, internalizando por meio disso, tanto o objetivo como o objeto do investimento homossexual (VIEIRA, 2009). Vê-se assim, a homossexualidade não como um comportamento sexual, mas como um processo complexo e subjetivo de crenças, fantasias, afetos e atos simbólicos que faz parte do processo identificatório pelo qual o sujeito passa. A sexualidade é fundada nas primeiras experiências afetivas do bebê, logo os pais seriam importantes na constituição da homossexualidade uma vez que estes são os elementos responsáveis pela resolução do complexo de Édipo. No menino, a identificação com o pênis está na base da heterossexualidade, enquanto a criança que direciona o seu desejo para o pênis do pai contribui para tendências homossexuais. Por sua vez, a menina é forçada a abandonar a mãe por não lhe ter proporcionado um pênis e voltasse para o pai que lhe poderá dar. Por outro lado, a homossexualidade pode advir da presença excessivamente protetora da mãe, e/ou de um pai ausente. Diante disto, podemos afirmar que a homossexualidade tem por base as relações parentais (OLIVEIRA, 2012).

Conclusão: a sexualidade é fundada nas primeiras experiências afetivas do bebê. Neste sentido, é com base no desenvolvimento da sexualidade e com a resolução do conflito do complexo de Édipo que o sujeito irá se organizar e estruturar nomeadamente no que se refere à diferenciação dos sexos. É precisamente na infância com a fixação primária num dos pais e com a decepção vinda do outro que a homossexualidade pode emergir (Freud, 1905).

Referências:

MIRANDA, A. B. S. Uma Breve Compreensão sobre o Complexo de Édipo. Psicologado. Edição 07/2013. Disponível em <https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/uma-breve-compreensao-sobre-o-complexo-de-edipo> . Acesso em 17 Nov 2019.

Ribeiro, L. Homossexualismo e endocrinologia. Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental. v. 13, p. 498 – 511, set, 2010.

FREUD, Sigmund (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Obras completas. Rio de Janeiro: imago, 1976.

OLIVEIRA, A. C. D. “Bons pais”: representações e significações de pais hétero e homossexuais. Dissertação de mestrado, departamento de psicologia clinica e de saúde da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, 2012.

VIEIRA, L. L. F. As Múltiplas Faces da Homossexualidade na obra freudiana. Revista Mal-estar e Subjetividade. v. 9, n. 2, p. 487-525, jun, 2009.

FIORINI, Leticia Glocer. Repensando o complexo de Édipo. Revista Brasileira de Psicanálise, v. 48, n. 4, p. 47-57, 2014.

DAS VULNERABILIDADES SOCIAIS À VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL: UMA COMPREENSÃO SOB A ÓTICA DA FENOMENOLOGIA.

Thalita Soares Sanches¹; Prof. João Paulo Martins².

¹Discente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – titasanches@hotmail.com

²Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Fenomenologia; Violência Sexual Infantil; Vulnerabilidade; Dasein; Existência.

Introdução: Na atualidade, as violências, de modo geral, têm se mostrado cada vez mais comum na sociedade e a violência infantil não é uma exceção. Segundo a divulgação do 14^a Anuário Brasileiro de Segurança Pública só no levantamento realizado no 1^o semestre de 2020, houveram 66.123 mil boletins de ocorrências de estupro, sendo 70,5% estupro de vulnerável. Ou seja, aproximadamente 46 mil das vítimas eram menores de 14 anos. A história da violência por muito tempo era limitada a violência física, porém, com passar dos anos outras formas de violência foram ganhando notoriedade. Como por exemplo, a violência psicológica que afeta várias pessoas no mundo e antigamente não era considerada um tipo de manifestação violenta (ROSENDA *et al*, 2019). Podemos compreender que ao falarmos sobre violência no Brasil, falamos também sobre o modelo socioeconômico que a sociedade brasileira foi construída e que até hoje contribui para que uma população específica tenha a privação dos direitos fundamentais estando mais propensa a viver em condições de vulnerabilidade social potencializando diversas situações de risco, principalmente aos mais vulneráveis como, por exemplo, a violência infantil (MDH, 2018).

Objetivos: Identificar e descrever os possíveis fenômenos ligados ao modo de ser das famílias em situação de vulnerabilidade social com o contexto de violência sexual infantil.

Relevância do Estudo: Possibilitar uma compreensão dos sentidos do existir por meio da perspectiva herdegeriana. Faz-se necessário promover questionamentos sobre essa realidade com o intuito de proporcionar análises e reflexões nas diversas variáveis que existem em cada contexto, vivenciado por cada indivíduo.

Materiais e métodos: Foi realizada pesquisa bibliográfica nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo, Biblioteca Digital Brasileira, Capes e Lilacs. Os descritores norteadores utilizados para a pesquisa foram: fenomenologia, vulnerabilidade, existência, dasein, violência, violência infantil; com restrição de dez anos de publicação.

Resultados e discussões: A violência de pode ser definida pela ação de se utilizar da força física, ou poder e/ou de privilégio que tenha a intenção de ser nocivo tanto fisicamente como psicologicamente para o coletivo ou para um indivíduo (MDH, 2018). Para a autora Modena (2016), violência é considerada um fenômeno humano, social e/ou histórico que engloba toda a sociedade nas suas mais variadas formas e é inerente ao ser humano. Não é difícil pensar na história das práticas de violência no país com os grupos minoritários desde a sua fundação e como isso tem se perpetuado até os dias atuais servindo como base norteadora até os dias de hoje do modus operandi do nosso Sistema Público de segurança (PONTEL, 2013). Pode se dizer então que quando compreendemos o impacto da história da violência Brasil, compreendemos as consequências que impulsionaram as diversas realidades de empobrecimento generalizado da população que é excluída e desamparada socialmente potencializando diversas situações de risco, principalmente aos mais vulneráveis (BRASIL,

2018). As populações mais propensas à violência são as que se encontram em situação de vulnerabilidade social. A precariedade é tão grande que abrange desde a situação econômica do indivíduo, que ele ou a família vivem até a fragilização de vínculos afetivos, gerando, consequências maléficas para a sobrevivência ou para a segurança dos direitos humanos básicos (TEIXEIRA, 2010). Neste contexto, podemos compreender o peso que as relações têm no processo de sociabilização. Pois, mediante os impactos frutos desses vínculos afetivos tanto intrafamiliares e/ou extrafamiliares diante dessa realidade de fragilidade social, as crianças e adolescentes se tornam vulneráveis as violências sexuais geralmente praticadas por pessoas do seu convívio social, podendo ser uma prática de qualquer natureza sexual com o intuito de usar a sexualidade da criança ou adolescente através de uma relação desigual de poder e desenvolvimento sexual (BRASIL, 2018). Quando é proposto analisar as vulnerabilidades sociais e a violência sexual sob a ótica da perspectiva heideggeriana, estamos propondo buscar a compreensão da existência do ser através da manifestação do fenômeno por si só, ou seja, compreender o sentido do ser enquanto ele está sendo e as suas infinitas possibilidades do vir a ser do Dasein.

Conclusão: Por meio deste trabalho, foi possível identificar que a violência sexual infantil é um fenômeno vivenciado por grande parte da população em situação de vulnerabilidade social. E também identificamos a necessidade de mais estudos que promovam reflexões e questionamentos a respeito do ser e das suas possibilidades de manifestação nesse contexto que permitam uma compreensão a luz dos fenômenos por si só.

Referências:

- BRAGA, T. B. M.; FARINHA, M. G. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. Rev. Abordagem Gestáltica, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Proteção dos Direitos da Criança e Adolescente. Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas. Ministério dos Direitos Humanos, Brasília, p.29-54, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/785>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Autor, p.132-133, 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>. Acesso em: 03 nov. 2020.
- MODENA, M. R. Conceitos e formas de violência. Educus, Caxias do Sul, v.2, p.176, 2016.
- PONTEL, M. D. Práticas de violência no Brasil: A produção de conhecimento em psicologia na universidade. Psicologia pt. 2013. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0826.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- ROSENDA, L. C; et al. Violência, Direitos Humanos e Educação como Forma de Atenuar a Violência. Humanidades & Inovação, v. 6, n. 7, p. 38-46, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1365>. Acesso em: 14 nov. 2020
- TEIXEIRA, S. M. Trabalho Interdisciplinar nos CRAS: um novo enfoque e trato à pobreza. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 286 - 297 ago./dez 2010. Acesso em: 14 nov. 2020.

O FILHO IDEALIZADO E OS SENTIMENTOS QUE EMERGEM NOS PAIS DIANTE DA REVELAÇÃO DE UM FILHO COM DEFICIÊNCIA

¹Liliana Mercedes Aguirre de la Cruz; Profa. Cristiane Araújo Dameto²

¹Discente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – lilianamercedes@live.com

²Docente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – crisdameto@gmail.com

Palavras-chave: Deficiência; Sentimentos; Frustração, Resiliência psicológica e filho idealizado.

Introdução: A sociedade sempre nos impõe padrões “normais” referente ao nosso modo de viver sendo eles: status financeiro, padrões de beleza e não seria diferente EM RELAÇÃO A IDEALIZAÇÃO DE UM FILHO E AS FRUSTRAÇÕES QUANDO ESTE NASCE COM ALGUMA DEFICIÊNCIA, GERANDO *QUESTIONAMENTOS*, DUVIDAS E DESEJO DE ENCONTRAR CULPADOS. Porém, MUITAS PREOCUPAÇÕES SURGEM quando os pais têm uma criança deficiente, o que eles sentem? Como é recebida a notícia? Como será o futuro da criança? Quais adaptações precisarão REALIZAR? E como os familiares irão lidar com a notícia? ESSAS DUVIDAS podem deixar os pais desconfortáveis, angustiados e com medo (DE OLIVEIRA,2015). O impacto causado pela notícia Da Deficiência de um filho, pode causar uma grande dificuldade para os pais elaborarem a chegada de uma criança diferente do que se esperava, traz aos pais um sentimento de reorganização diante ao ocorrido para FAZEREM o enfrentamento NECESSÁRIO, inclusive EM RELAÇÃO AOS próprios familiares. Já que os genitores são os primeiros responsáveis a proporcionar condições emocionais e estruturais para que a criança seja compreendida pela sociedade em sua condição atual e assim se adaptar e ser incluso ao novo mundo que o espera (OLIVEIRA, 2018)

Objetivos: Investigar os sentimentos que emergem nos pais quando descobrem que o filho idealizado possui uma deficiência.

Relevância do Estudo: Ao Realizar estagio de observação no setor da pediatria do Hospital Estadual de Bauru (HEB) surgiu o interesse SOBRE A importância NO PAPEL DOS pais, parentes e envolvidos NA PROMOÇÃO DO desenvolvimento da empatia, respeito e inclusão dos deficientes EM ÁREAS da sociedade que desconhece tal realidade.

Materiais e métodos: A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA FOI REALIZADA NAS BASES DE DADOS CIENTIFICAS DO Google Acadêmico, Pubmed e Scielo, com periódicos limitados as línguas portuguesa e espanhola PUBLICADOS NOS últimos dez anos.

As palavras chaves UTILIZADAS NA BUSCA FORAM: deficiência (deficiencia), sentimentos (sentimientos), frustração (frustración) resiliência psicológica (Resiliencia Psicológica) e Filho Idealizado (Hijo ideal)

Resultados e discussões: A gravidez é um momento único de mãe e filho, NO ENTANTO O desenvolvimento da criança depende muito dos pais. Porém quando o diagnóstico de uma deficiência é informado as frustrações vem (DE OLIVEIRA,2015). E OS SENTIMENTOS QUE EMERGEM NOS PAIS PODEM NÃO SER BONS, NO PRIMEIRO MOMENTO, NO ENTANTO ESSES SENTIMENTOS, PODEM SER UMA RESPOSTA AO IMPACTO SOBRE A DEFICIÊNCIA DE SEU FILHO Segundo Felix 2019 - os pais passam por um momento de desorganização que remete a eles sentimentos de muita culpabilidade, frustração, tristeza, vergonha entre outras. A deficiência é considerada e vista como algo anormal na sociedade, muitas vezes pais de crianças deficientes não conseguem aceitar a nova condição do filho e sofrem ao pensar no diagnóstico dado. Um diagnóstico pode trazer muitos sentimentos desorganizados dentro de si, isso porque antes de tudo, houve uma

idealização do que é visto e imposto como “normal” na sociedade e começamos a idealizar essa normalidade com os filhos e assim pensando futuramente em uma vida comumente apropriado ao que nos é padronizado a todos (SILVA, 2018).

Desorganização aquela que leva aos pais responsáveis ter uma mudança drástica em suas vidas e muitas vezes a presença de um profissional de psicologia é necessário para o enfrentamento.

Os sentimentos causados na hora do diagnóstico podem causar choque, perplexidade, negação, humilhação, vergonha, resignação, culpa, angústia, medo, insegurança, incômodo, tristeza, inferioridade, confusão e ansiedade. São sentimentos “comuns” que os pais apresentam, e são impossíveis de evitar. É um processo não apenas sentimental e psicológico, mas leva a mudanças drásticas como financeiras e estruturais e muitos desses pais se apoiam a uma fé espiritual para conseguir uma possível cura (milagre) para reverter o ocorrido com o filho (FELIX, 2019).

Muitos pais necessitam de ajuda psicológica para aceitar e se adaptarem a essa realidade. E é importante que os pais busquem um profissional da psicologia para conseguir lidar melhor com sentimento de frustração, medo, vergonha, culpa e tristeza após a informação dada a eles. Outro fator importante é estar atento a sinais de que essa perda nos causa. Sabemos que uma perda é uma dor eterna porém há possibilidades de um aceitação e adaptação para continuar vivendo (SIMÃO, 2019)

Conclusão: Podemos concluir SOBRE A IMPORTÂNCIA DE QUE TODOS os envolvidos desde o nascimentos, criação e cuidados da criança ESTEJAM preparados, abertos, sem preconceitos e dando suporte aos que passam pelo processo do luto pelo filho não idealizado. Compreender que será uma mudança SIGNIFICATIVA e que muitas vezes VÃO SURTIR sentimentos, palavras e questionamentos de culpa, e é onde os pais precisam de mais apoio, empatia e conforto no momento até que aja uma adaptação.

Referências –

DE OLIVEIRA, Isaura Gisele; POLETTO, Michele. Vivências emocionais de mães e pais de filhos com deficiência. **Revista da SPAGESP**, v. 16, n. 2, p. 102-119, out/ 2015.

FÉLIX, Vanessa Pereira da Silva Rodrigues; FARIAS, Aponira Maria de. Microcefalia e dinâmica familiar: a percepção do pai frente à deficiência do filho. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00220316, jan/ 2019.

OLIVEIRA, ALS de. Dificuldades dos pais na aceitação da deficiência dos seus filhos frente a descoberta do diagnóstico. **Psicologia. pt ISSN**, p. 1646-6977, mai/ 2018.

SILVA, A. B.; DAMAZIO, C. R.; SANTANA, L. S. S. Os desafios enfrentados pelas mães de crianças com necessidades especiais e a idealização do filho perfeito: vivências no cervac. Olinda-Pe. Mar/2018.

SIMÃO, Maria da Conceição Ferreira. A COMPREENSÃO DA PSICANALISE NA VIVENCIA DO LUTO MATERNO FRENTE A PERDA DO FILHO IDEALIZADO. **CENTRO UNIVERSITÁRIO DR LEÃO**. Juazeiro do Norte - CE. 2019

A CRIAÇÃO DE UM JOGO DE TABULEIRO COMO RECURSO TERAPÊUTICO NO PROCESSO DE HOSPITALIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Leoni César de Oliveira Muniz¹ ; Daniela Garcia Bandeca Schwingel²

¹Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru -
leoni.cesar.muniz@gmail.com

²Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru -
danibandeca@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Hospitalização infantil; Lúdico; Jogo de tabuleiro; Aspectos emocionais; Psicologia

Introdução: O processo de hospitalização impõe modificações extremas ao cotidiano da criança. A vida que antes era vivida livremente passa a exigir readaptações para enfrentar um mundo desconhecido, com novas rotinas, procedimentos invasivos, limitação de movimentos e dor. Angerami (1984), esclarece que diferente de um adulto, o impacto na criança com o processo de hospitalização é maior, pois a criança tem dificuldades para assimilar esta nova situação, apresentando medo, angústia e ansiedade, fantasias muitas vezes causadas pelo ambiente desconhecido. Tendo em vista o desarranjo que o processo de hospitalização pode causar na vida da criança, a sua primeira entrada no ambiente hospitalar é a primeira impressão do novo lugar que irá acolhe-la, logo, os profissionais necessitam de um manejo técnico de modo a estabelecer uma relação de confiança e segurança a fim de minimizar os efeitos negativos decorrentes do processo de hospitalização (SANTOS *et al.* 2016). A hospitalização infantil é um fenômeno complexo e que deve ser entendido além da criança como portadora de uma doença, a intervenção psicológica junto com o aparato lúdico são estratégias importantes que auxiliam a criança no processo de hospitalização e minimização dos aspectos negativos.

Objetivos: O presente trabalho objetiva elaborar um jogo de tabuleiro educativo e informativo para crianças de 07 a 10 anos em processo de hospitalização, que se propõe a auxiliar no enfrentamento do processo de hospitalização.

Relevância do Estudo: Considerando o processo de hospitalização como fonte de situações estressoras e dada a dificuldade de se encontrar jogos com uma proposta terapêutica específico para crianças hospitalizadas, o estudo em questão possibilitará um meio lúdico de comunicação e expressão que viabilize intervenções dos profissionais de saúde.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão de literatura exploratório, a qual constituiu-se como base para a criação do jogo propriamente dito, a criação do jogo se estabeleceu em quatro fases distintas: levantamento bibliográfico através de artigos em português publicados em periódicos indexados nas bases de dados SCIELO (Scientific Electronic Library Online), PEPSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos em Psicologia), objetivos do jogo para desenvolvimentos das regras, criação dos personagens e tabuleiro e finalmente, discussão dos elementos do jogo à luz da literatura científica.

Resultados e discussões: Chiattonne (2011), infere que a psicologia hospitalar é recente e repleta de paradoxos, visto que é uma terminologia tipicamente brasileira, que se compreende como um conjunto de estratégias de atuação em psicologia de saúde no contexto hospitalar. Segundo Angerami (2003), a psicologia no contexto hospitalar tem como objetivo inicial a minimização do sofrimento provocado pela hospitalização

entendendo que, tal processo não deve ser compreendido apenas como um meio de institucionalização hospitalar, mas principalmente, como um conjunto de fatores que transcorre desse processo e sua implicação na vida do paciente. O produto deste trabalho tem o intuito de suprir essa lacuna nos ambientes de internação. O jogo foi nomeado como Hospital dos Heróis e sua temática principal gira em torno de um hospital onde vários super-heróis se encontram internados. Dentro do hospital os super-heróis se deparam com diversas etapas da hospitalização e vão vivenciando cada processo sendo ajudados pelos jogadores. São sete personagens que poderão ser escolhidos pelos pacientes, orienta-se que a criança escolha o que ela mais se identifica, cada personagem tem como habilidade características que possibilitam uma melhor adaptação ao processo de hospitalização, bem como os motivos que os levaram a internação. O jogo é composto por: Um tabuleiro que conta com 40 ações, sendo 30 ações relacionadas as etapas do processo de hospitalização como; Ambiente hospitalar, procedimentos invasivos, exames e rotinas, medo de sentir dor, saudades de casa, diagnóstico, adesão ao tratamento, entre outras, as 10 ações restantes são situações que desafiam os pacientes a expressarem seus sentimentos e a criarem modelos de enfrentamento ao processo hospitalização. Também compõe o jogo um dado que possibilita o movimento dos participantes até cinco casas do tabuleiro, as medalhas de bravura que são conquistadas quando executados os desafios e as fichas contendo informações de cada personagem. Como descrito por Freud, o brincar simboliza o mundo interno da criança e a brincadeira lhe propicia repetições de tudo o que na vida lhes causou profunda impressão. (AFFONSO, 2012). Desta forma, a criança necessita se adaptar a hospitalização, os sintomas podem ser amenizados quando a criança dispõe de um suporte psicológico de aparato lúdico que lhe possibilite um melhor entendimento e expressão dos seus sentimentos e medos (MOSIMANN; LUSTOSA, 2011).

Conclusão: O estudo ainda está em andamento, porém já é possível identificar que o jogo Hospitais dos Heróis tem a proposta lúdica para auxiliar os pacientes na elaboração das possíveis dificuldades encontradas no ambiente hospitalar. Tendo como base a Psicoeducação o jogo possibilitará a autonomia dos pacientes frente ao seu processo de adoecimento bem como a diminuição de fatores ansiogênicos devido as ações que possibilitam a aprendizagem em saúde.

Referências:

- AFFONSO, R. M.L. **Ludodiagnóstico: investigação clínica através do brinquedo**. Porto Alegre: Artmed, 2012
- ANGERAMI, V. A. E. A. **Psicologia Hospitalar: a atuação do psicólogo no contexto hospitalar**. 2. ed. São Paulo: Traço, 1984.
- ANGERAMI, V. A. O psicólogo no hospital. In: ANGERAMI, V. A. **Psicologia Hospitalar: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. Cap. 1.
- CHIATTONE, H. B. C. A significação da Psicologia no Contexto Hospitalar. In: ANGERAMI, V. A. **Psicologia da Saúde: um novo significado para a prática clínica**. 2ª. ed. São Paulo: Cengage, 2011. Cap. 5.
- MOSIMANN, L. T. N.; LUSTOSA, M. A. A Psicologia hospitalar e o hospital. **Rev. Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar - SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 201-232, julho 2011
- SANTOS, P. M. *et al.* Os Cuidados de Enfermagem na Percepção da Criança Hospitalizada. Brasília, **Rev. Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 4, p. 646-653, 2016.

O IMPACTO DA PANDEMIA EM PSICÓLOGOS HOSPITALARES

Ana Laura de Oliveira Santos¹; Lays Stefani da Cruz²; Leonardo Peres Navarro³; Marcia Regina Bonifacio Pereira⁴, Paula de Fontes Silveira⁵, Marta Alice Nelli Bahia⁶

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – analaura.oliveira.x@hotmail.com

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lasthefanie@hotmail.com

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - leonardoperes@msn.com

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marciareginabp@gmail.com

⁵Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - paula.fsilveira@yahoo.com.br

⁶Professora de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: PANDEMIA; CORONAVÍRUS; ANSIEDADE; ESTRESSE; PSICÓLOGOS;

Introdução: Um marco importante para as questões da saúde foi a inserção do modelo biopsicossocial à rede, desta forma, os profissionais passam a reconhecer o homem além do modelo biomédico. Esse modelo considera o homem na perspectiva integral, levando em consideração seus aspectos: biológico (buscando entender as causas da doença por meio do funcionamento do corpo), psicológicos (funcionamento cognitivo, emocional e psíquico, bem como a influência da mente no corpo) e sociais (fatores sociais que podem influenciar a saúde). (BRITO, 2017). O olhar biopsicossocial foi extremamente emergente frente ao cenário de pandemia em 2020, sintomas de depressão e ansiedade diante da pandemia são comuns na população, devido ao grande medo de exposição e infecção à doença, que possui rápida disseminação e origens pouco conhecidas (ORNELL et al., 2020). A quarentena, medida utilizada para contenção da pandemia nos países, também pode causar sintomas de confusão e raiva. Além da população em geral, o profissional da saúde lidando com um contexto de pandemia, também entra em contato com diversos estressores, que podem desenvolver ou intensificar sintomas de ansiedade, depressão e estresse. (PEREIRA et al., 2020). Para os profissionais da área da saúde, que não podem se ausentar de seu trabalho e que estão na linha de frente do combate à doença, ou no caso dos psicólogos hospitalares, que precisam lidar com suas próprias situações estressoras que se potencializam em meio ao atual cenário também precisa desempenhar seu papel no auxílio à outros profissionais da saúde que estão nessa frente do combate à doença, garantindo que esses estejam em plenas condições de saúde mental para continuar a desempenhar seu papel. (SCHMIDT et al, 2020)

Objetivos: Investigar os impactos da pandemia da COVID 19, medindo as alterações dos níveis de estresse e ansiedade em psicólogos de uma instituição pública hospitalar referência na internação e tratamento do Coronavírus, situada no interior do estado de São Paulo.

Relevância do Estudo: O presente estudo é de extrema importância, pois busca mensurar o nível de ansiedade e estresse do profissional psicólogo que atua no Hospital Estadual de Bauru, o trabalho pretende estimar os possíveis impactos da pandemia na vida do profissional.

Materiais e métodos: Os profissionais serão convidados para participar da pesquisa por meio de canais de comunicação remotos, caso o profissional aceite a proposta, será encaminhado um Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que deverá ser assinado e encaminhado para os alunos, e posteriormente será enviado o questionário em formato digital, contendo as perguntas selecionadas para a pesquisa. A entrevista estruturada será utilizada como ferramenta para obtenção de informações sobre o tema da pesquisa, a partir de um roteiro preestabelecido que será elaborado com antecedência em formato de questionário, possibilitando a comparação de respostas de forma assertiva.

Resultados e discussões: O grupo compreende a complexidade relacionada ao tema e a importância de analisar o estresse e ansiedade relacionados ao trabalho dos profissionais da saúde e, portanto, propõe investigar os impactos que a pandemia do Novo Coronavírus possa ter gerado na rotina de trabalho e na vida pessoal de psicólogos hospitalares. O processo de aplicação da pesquisa e análise dos resultados ainda está em andamento.

Conclusão: Por se tratar de uma situação recente e inédita para as gerações atuais, as pesquisas desenvolvidas na área são recentes e o tema ainda está em estudo. Busca-se traçar estratégias para garantir a saúde mental, não apenas da população, mas também dos profissionais da saúde, em especial os psicólogos que atuam a fim de amenizar e tratar as doenças psicológicas e situações estressoras causadas pela pandemia. O psicólogo, além de lidar com suas próprias situações estressoras (que já se intensificam durante o distanciamento social em meio à pandemia como no caso da população comum onde há medo, inseguranças, ansiedade, depressão, estresse pelas mudanças, entre outras) também precisa desempenhar seu papel no auxílio a outros profissionais da saúde que estão na linha de frente do combate à doença, garantindo que esses estejam em plenas condições de saúde mental para continuar a desempenhar seu papel.

Referências:

BRITO, J. Saúde – uma relação com o meio e os modos de vida. **Laboreal**, v.13, n.1, p. 100-103, 2017.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. **Pandemia de medo e CoVid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias**. Braz J Psychiatry. Forthcoming 2020. Traduzido por Revista debates in psychiatry.

PEREIRA, M.D.; OLIVEIRA, L.C.; COSTA, C.F.T.; BEZERRA, C.M.O.; PEREIRA, M.D.; SANTOS, C.K.A.; DANTAS, E.H.M (2020). **A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa**. Research, Society and Development, v. 9, n. 7, e652974548, 2020.

SCHMIDT, B.; CREPALDI, M. A.; BOLZE, S. D. A.; NEIVA-SILVA, L.; DEMENECH, L. M.; **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19)**; Estudos de psicologia (Campinas) vol.37; Campinas; 2020; Epub May 18, 2020.

MOSIMANN, L. T. N. Q.; LUSTOSA, M. A.; **A Psicologia hospitalar e o hospital**. Revista SBPH, v.14 n.1, 2011.

O PAPEL DA PSICOLOGIA NO ENFRENTAMENTO AO RACISMO

Ariane Theodoro Barbosa¹; Vitória Emanuelle Barbosa Martins²; Isabela Araújo Oliveira³; Andreza Cristiane da Silva de Martino; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – theodoroariane@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitoriaemanuellem@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – isabelaaraujooliveira@hotmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deza_cia@hotmail.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Racismo; discriminação racial; psicologia; enfrentamento ao racismo.

Introdução: O racismo é uma construção ideológica, onde relaciona-se o fenótipo com qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais. A partir dessa ideologia a população branca foi considerada como superior a negra, amarela e indígena por suas características físicas, sendo considerados mais aptos a dominar outras raças, consideradas como dotadas de características que a sujeitavam a dominação (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017). O problema racial é de ordem tanto metodológica quanto conceitual. Metodologicamente, o preconceito racial se expressa através de crenças e práticas diferentes do racismo clássico. Conceitualmente há uma relação entre psicológico e social, no qual as pessoas experimentam psicologicamente uma disputa, consciente ou inconsciente, entre atitudes íntimas discriminatórias e as normas contra o preconceito (CAMINO; et al, 2001). O conteúdo midiático reforça e produz um racismo velado e fortalece um estereótipo negativo do negro, negando a possibilidade ao negro de mobilidade social e além de violentar de forma “cordial” o negro, através de símbolos, falas e representações de forma que põe em dúvida quem sofre tal agressão por tamanha sutileza. Sendo possível compreender que estamos em um país enraizado em uma identidade marcada pela ideologia da democracia racial, e assim é possível entender que a frase “o preconceito de ter preconceito” está mais próximo da nossa realidade, e é necessário que isso seja compreendido para que haja maior consciência sobre tal racismo a qual praticamos (LIMA, 1997). Muitos anos se passaram, mas o legado da escravidão continua a assolar e se espalhar nos mais diversos âmbitos da sociedade, inclusive nas instituições que reproduzem o racismo amplificando ainda mais a problemática no Brasil. Dessa forma, a Psicologia brasileira também carrega em sua história contribuições negativas quando o assunto são as relações raciais, pois por muitos anos a ciência psicológica contribuiu para a legitimação do racismo e se omitiu em reconhecer o racismo como um grande problema social causador de sofrimento psíquico (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Objetivos: Tem-se por objetivo explanar de forma breve o contexto social brasileiro onde surge e se perpetua a estruturação de discriminação racial de negros, bem como refletir sobre o papel e compromisso social da Psicologia (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005) junto ao combate ao racismo.

Relevância do Estudo: O racismo ainda é um desafio a ser enfrentando. Tendo isso em vista, é dever da sociedade civil e das instituições combater práticas de violência e discriminação contra negros. A psicologia possui papel fundamental nessa luta, uma vez que o racismo pode gerar grande tristeza e angústia, ansiedade, isolamento, culpa, vergonha, dificuldade nas relações sociais e afetivas, entre outros agravos a saúde física e mental, campo de estudo da ciência psicológica.

Materiais e métodos: Para realizar o presente trabalho foram realizadas pesquisas em bases de dados na Internet como Scielo, Pepsic e Google Acadêmico. Foram utilizadas as

palavras-chave: racismo, discriminação racial; psicologia; enfrentamento ao racismo. Foram selecionados artigos de 1996 ao presente momento.

Resultados e discussões: Atualmente, o Conselho Federal de Psicologia reconhece o racismo como falta ética e vem lutando para mudar a história da profissão colocando em pauta discussões sobre a temática racial e o sofrimento psíquico causado pelo racismo. Nesse contexto, tanto profissionais como estudantes devem perceber-se nas relações raciais e reconhecer o contexto social no qual está inserido, sendo essa visão crítica indispensável para um exercício profissional comprometido (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017). Busca-se fazer um levantamento sobre promoção e uso de ferramentas que devem ser usadas para eliminar a opressão e o preconceito e problematizar as políticas públicas voltadas para a igualdade, bem como para a inclusão social (SILVA, 2019). A resolução do Conselho Federal de Psicologia N. 018 de 2002 estabelece normas de atuação para psicólogos em relação ao preconceito e discriminação racial, levando em consideração a Declaração Universal dos Direitos Humanos. A resolução estabelece que os psicólogos devem atuar segundo os princípios éticos da profissão contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo; não deverão exercer qualquer ação que favoreça a discriminação ou preconceito de raça e etnia; no exercício profissional não deverão ser coniventes e nem se omitir mediante crime de racismo; os psicólogos não utilizarão técnicas ou instrumentos psicológicos para criar, manter ou reforçar discriminações raciais; os psicólogos não participaram e não contribuíram com serviços e eventos discriminatórios e os psicólogos não se pronunciaram e nem participaram de pronunciamentos (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Conclusão: Como diversas outras instituições, a Psicologia contribuiu por anos com a segregação racial de negros. Atualmente, o Sistema de Conselhos tem lutado para mudar a lógica racista através da criação da resolução CFP N. 018/2002, das cartilhas de orientação e de eventos relacionados ao tema. Mas para que de fato ocorra uma mudança é necessário a mobilização de toda classe profissional, que deve compreender a necessidade de práticas antirracistas em seu cotidiano de trabalho.

Referências

CAMINO, L. et al. A face oculta do racismo no Brasil: uma análise psicossociológica. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 1, n.1, p.113-136, jan. 2001.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Conselho Federal de Psicologia: Brasília, 2005.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. **A psicologia do enfrentamento do racismo: o que eu tenho a ver com isso? Resolução CFP No. 018/2002**. CRP: São Paulo, 2017. Disponível em: <https://crpsp.org/uploads/pagina/1314/AJlww7rcmclCRz9YgzYEd8IETFANI9NN.pdf> Acesso em 30 out. 2020.

LIMA, S. M. C. Reflexos do Racismo “à brasileira” na mídia. **Revista USP**, São Paulo, n.32, p.56-65, fev. 1997.

E SILVA, S; *et al.* **Racismo no contexto contemporâneo: Contribuições da Psicologia Social para a problematização do preconceito**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIVAG - Centro Universitário: Várzea Grande/MT, 2019.

PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO CURSO DE PSICOLOGIA DA FIB

Leoni César de Oliveira Muniz¹; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leoni.cesar.muniz@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: orientação profissional, orientação vocacional, escolha profissional

Introdução: O processo de escolha profissional pode ser considerado por um período conturbado e cheio de incertezas para aqueles que o fazem, dado que é nesse momento onde o sujeito passa a pensar sobre suas possibilidades, na construção de sua formação acadêmica, na profissão e no mercado de trabalho (LEITÃO; MIGUEL, 2004). Segundo Krawulski (2008), a orientação profissional diz respeito ao acesso a informações profissionais sobre cursos, mercado de trabalho, oportunidades, especializações, como também ao papel de auxiliar os jovens a fazerem uma reflexão sobre a importância do trabalho. Embora, se configure uma ação individual, a escolha profissional expressa as influências de seu contexto existencial. Tais influências, apesar de sempre estarem presentes, muitas vezes não são levadas em consideração pelo sujeito, a falta de planejamento faz com que muitos alunos terminem seus cursos sem identificação com as profissões escolhidas, o que com frequência gera ansiedade, falta de comprometimento e o abandono da profissão (BRASIL *et al.* 2012)

Objetivos: O presente trabalho objetiva relatar uma experiência de estágio da disciplina de Estágio Básico III e IV do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), com proposta de orientação profissional de jovens que estão nos anos finais do ensino médio ou realizando cursos preparatórios para vestibular, inscritos em projeto divulgado pelas redes sociais da FIB. Os objetivos foram: possibilitar o autoconhecimento e a ampliação da área de atuação escolhida pelos estudantes; aplicar técnicas de orientação profissional a fim de facilitar o processo de percepção e reconhecimento das características da personalidade do orientando e desenvolver oficinas sobre os motivos da escolha profissional, expectativas quanto ao exercício da profissão, identificação de metas e elaboração de estratégias para o desenvolvimento profissional.

Relevância do Estudo: Ingressar em uma universidade muitas vezes é fator gerador de muitas angústias, dúvidas e incertezas, não é apenas decidir o que se quer para o futuro, mas também reconhecer que ao longo da formação acadêmica o universitário experienciará mudanças significativas na construção de sua identidade profissional. Faz-se necessário construir um espaço de reflexão, autoconhecimento e acolhimento de suas dúvidas, angústias e ansiedades.

Materiais e métodos: O projeto está sendo desenvolvido e aplicado de forma online através da plataforma Microsoft Teams, por quatro estagiários do curso de psicologia da FIB, sob a supervisão e orientação da docente da FIB. Para sua aplicação, estão sendo realizadas oficinas semanais, com duração de 2 horas, que se iniciaram em 04/11/2020 e tem previsão para encerramento em 16/12/2020, com seis jovens inscritos. As oficinas têm como eixos temáticos: o autoconhecimento; o conhecimento das profissões e do mercado de trabalho e a escolha propriamente dita. Estão sendo utilizados como recursos: entrevistas, técnicas reflexivas, cenas de filmes, questionários, pesquisas na internet e guias de profissões.

Resultados e discussões: Para a primeira escolha, o ponto de partida é o olhar para dentro, sintonizando no que a pessoa gosta e pretende abraçar, articulando ao olhar dirigido ao mundo das profissões e cursos de formação. Essa escolha pode guiar-se por aquilo que a pessoa é e aprecia (LEITE, 2018). Até o momento foram realizados 04 encontros com o eixo temática do autoconhecimento, nos quais foram trabalhados as expectativas dos orientandos através do desenho de si carregando uma mochila e com os questionamentos do que ele trazia naquela mochila e o que pretendia levar após este processo de Orientação Profissional; questionário de entrevista inicial com o objetivo de conhecermos um pouco mais estes orientandos; análise de cenas do filme infantil “Bee Movie”, as quais trazem situações cotidianas muito semelhantes pelas quais eles estão passando referente o momento da escolha profissional; atividades com frases que abordavam alguns temas importantes no processo de escolha da profissão, tais como a opinião da família, a comunicação das mídias referente às profissões do futuro, o peso da nota do ENEM na escolha do curso, o status de algumas profissões, o mercado de trabalho e o sucesso profissional; desenho da árvore dos sonhos promovendo uma reflexão do que eles esperam do futuro, o que eles já carregam consigo que os irão ajudar a alcançar estes sonhos, bem como o que falta conquistar, qual o caminho a percorrer para chegar nestes sonhos e por fim, a técnica do sorvete, identificando quais são os critérios utilizados em todo e qualquer processo de escolha. O foco da investigação é a pessoa e seu jeito de eleger prioridades, privilegiando a representação indireta e figurada na análise da problemática psicológica do jovem e o sentido dado por ele às ocupações e ao mercado das profissões (LISBOA; SOARES, 2018).

Conclusão: Observou-se até o momento, o dilema de alguns jovens, em meio a tantas turbulências próprias a adolescência, referente ao que estudar, em que trabalhar, como atender as expectativas da família sem se anular, o medo de escolher errado. Também pode-se vivenciar com o presente estágio, o quanto é gratificante trilhar junto com estes jovens o caminho do autoconhecimento e despertar da consciência do que se quer realizar e principalmente de quem se quer ser.

Referências

- BRASIL, V. *et al.* Orientação profissional e planejamento de carreira para universitários. Palhoça, **Rev. Cad.Periódicos Unisul**, v. 4, n.1, p. 117-131, 2012.
- KRAWULSKI, E. A orientação profissional e o significado do trabalho. Porto Alegre, **Rev. Associação Brasileira de Orientação Profissional**, v.2, n.1, p. 5-19. 2008.
- LEITÃO, L. M.; MIGUEL, J. P. **Avaliação dos interesses: Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional**. 1. ed. Coimbra: Editora Quarteto, 2004.179-262 p.
- LEITE, M. S. S. **Orientação Profissional. Série: O que fazer?** 1. Ed. São Paulo: Editora Blucher, 2018. 136 p
- LISBOA, M. D.; SOARES, D.H.P. **Orientação Profissional em ação: formação e prática de orientadores**. 1. Ed. São Paulo, editora Summus, 2018. 272 p.

PREDOMÍNIO DO ÍNDICE ELEVADO DE ALUNOS DA GRADUAÇÃO QUE APRESENTAM SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO

Thomas Duarte de Agostini¹; Vera Lucia Luvizutto Okubo²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thomas_duarte_@outlook.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gamil.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Depressão, Ansiedade, Universitários, Saúde Mental e Psicologia.

Introdução: A depressão possui um destaque maior devido ao seu amplo campo de atingimento, pois crianças e adultos apresentam os sintomas. Classificada como um transtorno de humor, conhecida como doença da sociedade moderna; modifica a percepção que o sujeito tem de si, passando a ver seus problemas de forma exacerbada à sem solução. O transtorno depressivo maior resulta em prejuízos a qualidade de vida (LOPEZ *et al.* 2011). É a quarta doença mais presente no mundo, onde as mulheres são mais propensas a apresentar sintomas (BARBOSA, 2011). A ansiedade é caracterizada pela emoção da vivência humana, capaz de gerar sensações de apreensão e alterações físicas desagradáveis. Quando patológica pode gerar sofrimento e prejuízo na vida cotidiana. A ansiedade e a depressão são fatores muito comuns em estudantes da graduação; influenciam diretamente no desempenho escolar, podendo gerar consequências na saúde (LEÃO *et al.* 2018).

Objetivos: Mostrar o predomínio de ansiedade e depressão em estudantes da graduação, devido aos fatores associados à diminuição da qualidade de vida.

Relevância do Estudo: Ao aplicar a triagem na clínica de psicologia nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB), foi possível observar que alunos da graduação de diferentes cursos apresentaram sintomas depressivos e ansiosos, em quantidade significativa, desde então, surgiu o interesse em apontar a prevalência destas patologias em alunos universitários.

Materiais e métodos: Pesquisa realizada em base de dados nos sites Google Acadêmico, Lilacs e Scielo, com periódicos originais na língua portuguesa nos últimos dez anos.

Resultados e discussões: Atualmente a saúde mental dos estudantes universitários, se tornou o centro das atenções, tanto para sociedade quanto para especialistas da área da saúde. Durante o período da graduação, boa parte dos universitários desenvolvem transtornos psiquiátricos, desde o início até a conclusão do curso. Torna-se possível relacionar o processo de formação na área da saúde a uma condição permanente de estresse (LEÃO *et al.*, 2018). O estudante da área da saúde está exposto a inúmeras situações e estressantes no seu dia a dia. A dificuldade para enfrentar as mesmas é muito comum, podendo associar-se a dificuldades por conta de características pessoais, a falta de preparo e situações diversas. A pressão em excesso de cobranças em si mesmo, da sociedade, sobrecarga, falta de tempo para o lazer, competitividade, são fatores considerados prejudiciais à saúde (LIMA *et al.*, 2019). De acordo com Medeiros e Bittencourt (2017), a ansiedade tem início como meio de fuga na dificuldade para adaptação e está relacionada com diversos elementos ambientais e psicológicos sendo responsável por preparar o indivíduo para situações de ameaça e perigo. Conforme Vasconcelos, *et al.* (2014), em um estudo transversal com 234 participantes, foi utilizado a Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão. Foi possível constatar que 34,3% dos estudantes de medicina

submetidos à pesquisa apresentaram sintomas falso-positivo para ansiedade e 19,7% manifestou sintomas sugestivos. Em uma pesquisa realizada com 637 alunos da UERJ, Victoria, *et al* (2013), pesquisou grupos como “Biomédicas”; “Ciências Sociais”; “Educação e Humanidades”; e “Tecnologia e Ciência”. Através do Inventário de Ansiedade de Beck, o nível de Ansiedade é maior na área de “Educação e Humanidades” com média de 11,99; seguida de 11,83 da “Biomédicas”; “Ciências Sociais” com 9,77; e “Tecnologia e Ciência” com média de 7,97. Em uma amostra composta por 110 estudantes, foi possível notar que a maioria dos alunos de uma faculdade particular apresenta nível mínimo de ansiedade 62,7%, seguida 27,3% de ansiedade leve, moderada 6,4% e severa 3,6%. (MEDEIROS. P.P; BITTENCOURT.F. O, 2017).

Conclusão: A pesquisa constatou a prevalência do alto índice de ansiedade e depressão por conta da sobrecarga nos universitários, principalmente nos estudantes da área saúde e no início da graduação, prejudicando a qualidade de vida, o contexto social e o desenvolvimento acadêmico.

Referências

- BARBOSA, F. O. *et al*. Depressão e o suicídio. **Revista da SBPH**. Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 233-243, jun/2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000100013. Acesso em :08 out 2020.
- LEÃO, A. M. *et al*. Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. **Revista brasileira de educação médica**. Fortaleza, v.42, n.4, p.55-65, dez/ 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-55022018000400055&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 08 out 2020.
- LOPEZ, M. O. R. A. *et al*. Depressão e qualidade de vida em jovens de 18 a 24 anos no sul do Brasil. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 103-108, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082011000200007. Acesso em:08 out 2020.
- LIMA, S. O. *et al*. Prevalência da Depressão no Acadêmicos da Área de Saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 39, p. 1-13, dez/2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v39/1982-3703-pcp-39-e187530.pdf>. Acesso:15 set 2020
- VASCONCELOS, T. C. *et al*. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Brasília, v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000100135. Acesso:15 set 2020
- VICTORIA, M. S. *et al*. Níveis de ansiedade e depressão em graduandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **Encontro: Revista de Psicologia**. Valinhos, v. 16, n. 25, p. 163-175, 2013. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/renc/article/view/2447>. Acesso em: 01 Nov. 2020.
- MEDEIROS, P. P.; BITTENCOURT, F. O. Fatores associados à ansiedade em estudantes de uma faculdade particular. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v. 10, n. 33, p. 43-55, jan/2017. Disponível em: <http://idonline.emnuvens.com.br/id>. Acesso em: 01 Nov 2020.

PRINCIPAIS FATORES QUE INDUZEM JOVENS À AUTOMUTILAÇÃO: UMA ANÁLISE DESCRITIVA

Barbara Vitória Rodrigues Silva Tiossi¹; Daniela Garcia Bandeca Schwingel²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – batiozzi@hotmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danibandeca@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia, Automutilação, Transtorno de ansiedade.

Introdução: A definição do termo automutilação ainda pode ser considerada como controversa e divergente em virtude de sua prevalência e de quem a pratica. As maiorias dos estudos realizados sobre automutilação abarcam, em especial, a população jovem (adolescentes e adultos jovens). No Brasil existem poucos estudos relacionados à automutilação, ainda mais por não existir um tratamento específico para esses quadros, estando grande maioria aliados à ansiedade.

Objetivos: O objetivo geral do presente estudo é analisar, por meio de revisão bibliográfica, as ocorrências de automutilação em jovens, bem como seus possíveis motivos e suas nuances. Os objetivos específicos, os quais conduzirão o desenvolvimento do produto final, são: identificar os possíveis comportamentos de risco típicos da faixa-etária; analisar as possíveis causas e caminhos para a automutilação na adolescência e, por fim, conhecer a importância da atuação do Psicólogo no auxílio a essas pessoas.

Relevância do Estudo: Nesse sentido, o presente artigo e sua temática justificam-se pela importância da análise psicológica dos casos de automutilação e do comportamento de risco em jovens, suas ocorrências, suas possíveis origens e seu reflexo no dia-a-dia do sujeito vítima do ato, bem como do seu contexto social, que convive com a construção desses casos. Evidencia-se a importância da análise clínica, em diferentes abordagens da Psicologia contemporânea, bem como os mecanismos existentes para o acolhimento do sujeito vítima da automutilação. Justifica-se também ao contexto acadêmico, o qual permite uma nova discussão sobre o tema, possibilitando aprimorar as práticas já existentes, conduzindo-a em um debate regrado pelo método científico.

Materiais e métodos: As referências para esta pesquisa foram selecionadas em acervo bibliográfico, teses e dissertações, periódicos, livros e divulgações oficiais e dados governamentais; considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, métodos e conclusões. Os descritores utilizados nas bases de dados foram: automutilação, adolescência e ansiedade. Os critérios de inclusão e/ou exclusão foi, basicamente, o recorte cronológico bem como a utilização de obras clássicas.

Resultados e discussões: De acordo com Oliveira (2010), em pesquisa realizada com pacientes portadores de ansiedade moderada por transtorno de ajustamento, CID 10 F-43.2, associada ao transtorno de ansiedade generalizada, CID 10 F-41.1, o autor utilizou a terapia cognitivo-comportamental abordando a psicoeducação a fim de alcançar uma reestruturação cognitiva nesses pacientes. Oliveira (2010) relata que os resultados foram positivos nos pacientes entrevistados, demonstrando a eficácia da terapia cognitivo-comportamental em casos de ansiedade.

Conclusão: a terapia cognitiva deve enfatizar o presente, portanto, o terapeuta deve investigar os elementos do aqui e agora, independente do diagnóstico. O sexto princípio da terapia cognitivo-comportamental é educativa, visando ensinar o paciente a ser seu próprio terapeuta, prevenindo possíveis recaídas.

Referências

ADLER, P.; ADLER, P. **The tender cut. Inside the hidden world of selfinjury.** New York, New York University Press, 2011. 264p.

GIUSTI, J. S. **Automutilação: características clínicas e comparação com transtorno obsessivo-compulsivo.** Tese – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2013.

HOBAN, J. **Willow: É Difícil Manter um Segredo Quando Ele Está Escrito por Todo o seu Corpo.** São Paulo: Leya Brasil, 2014.

LOPES, L. TEIXEIRA, L. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos da clínica**, 01 August 2019.

MILANEZ, E. F; COSTA, C.M. Uma análise do comportamento de risco entre os adolescentes da grande Vitória. **XXXVII Encontro ANPAD**, Rio de Janeiro. 2013.

REIS, M. de N. Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real. **Polêm!ca**, v. 18, n. 1, p. 50-67, janeiro, fevereiro e março 2018.

ROZIN, L; ZAGONEL, I. P.S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul Enferm**, 2012.

SAÚDE MENTAL E EVENTOS ADVERSOS: A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DE EMERGÊNCIAS E DESASTRES

Vitória Emanuelle Barbosa Martins¹; Andreza Cristiane da Silva de Martino²; Beatriz Matheus Guerreiro³; Thamires Redondo Ferre⁴; Marta Alice Nelli Bahia⁵

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitoriaemanuellem@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deza_cia@hotmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - biamguerreiro@gmail.com;

⁴Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - thamirferre@gmail.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia; atuação do psicólogo; emergências e desastres e pandemia.

Introdução: Lentos ou repentinos, com origens naturais ou produzidos pelo homem, os desastres são eventos extraordinários, capazes de provocar perdas de bens materiais e sofrimento humano. Mediante essas situações existe uma grande variedade de reações e sentimentos que cada pessoa pode experimentar, desde as reações mais leves as mais severas. Algumas pessoas se sentem sobrecarregadas, confusas ou desorientadas sobre o que está acontecendo, outras se sentem amedrontadas, ansiosas, anestesiadas ou insensíveis. A forma como as pessoas reagem a eventos traumáticos dependem de diversos fatores como, a natureza e severidade do evento a qual foi exposta; as vivências anteriores em situações de crise; o apoio que elas recebem de outras pessoas ao longo da vida; estado de saúde física; o histórico familiar e pessoal de problemas de saúde mental; a cultura e as tradições pessoais; a idade; entre outros fatores. Através desses fatores é possível compreender que, algumas pessoas são particularmente vulneráveis em situações de crise e podem necessitar de suporte e apoio adicionais (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2006; OPAS, 2015). Perante o contexto citado, o psicólogo apresenta um compromisso social ético-político, ou seja, se faz necessário a participação deste na transformação da sociedade, sempre possuindo uma visão crítica. Pautado pelo Código de Ética Profissional, a atuação da Psicologia, de acordo com o Art. 1º, letra d, prevê a responsabilidade da (o) Psicóloga (o) em prestar serviços profissionais sem visar nenhum benefício em situações de calamidade pública ou de emergência (CPF, 2005; GALINDO; ALMEIDA; LUIZ, 2020).

Objetivos: O objetivo do presente trabalho é fazer uma breve exposição acerca da atuação da (o) psicóloga (o) frente a situações e contextos de emergências e desastres, como guerras, desastres naturais, acidentes, incêndios, pandemias e situações de violência pessoal.

Relevância do Estudo: Eventos adversos que levam a situações de emergências e desastres tem sido cada vez mais recorrentes ao longo de todo o globo terrestre. A experiência com países e cidades que já passaram por essas situações, mostra que, os locais que se organizam para enfrentar tais eventos, tem uma redução dos efeitos desastrosos para a população. Mediante esse novo cenário a Psicologia tem encontrado um novo campo de atuação que tem adquirido significativa importância e tem focado cada vez mais a atenção nos efeitos psicossociais dos desastres (CFP, 2011).

Materiais e métodos: Realizou-se buscas em bases de dados na internet como Bireme, Scielo e PePSIC, em que foram utilizadas as seguintes palavras-chave: psicologia; atuação do psicólogo; emergências e desastres e pandemia. Foram selecionados artigos e documentos com publicações referentes aos anos de 2005 a 2020.

Resultados e discussões: O Conselho Federal de Psicologia, como forma de orientar sobre a atuação do psicólogo em situações de emergências e desastre, publicou uma nota técnica sobre as políticas de defesa civil, a qual veta toda prática que promova a “patologização”, manipulação e vitimização dos indivíduos envolvidos no contexto, sendo assim cabe ao psicólogo garantir uma conduta ética baseada na defesa da garantia de direitos (CFP, 2013). As manifestações psicológicas, recorrentes desse contexto, dependeram de alguns fatores como as características do agente que iniciou o desastre, das diferentes personalidades, das experiências vivenciadas durante o impacto e das consequências que este gerou. Apesar de todas estas subjetividades que devem ser levadas em conta durante a intervenção, como objetivos terapêuticos específicos o psicólogo, deve estimular a adaptação da comunidade, além trabalhar aspectos socioemocionais como o equilíbrio, autoestima e confiança, sentimento de culpa, identificação de valores e fé, em um ambiente individual e coletivo. Vale ressaltar a importância do trabalho com e em equipe multidisciplinar de modo geral, para que seja possível a realização de um trabalho de suporte e alívio à dor (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2006).

Conclusão: Conclui-se que a atuação da (o) psicóloga (o) em situações de desastres e emergências é voltado para a compreensão, apoio e superação do trauma psicológico dos envolvidos nesse evento, bem como as reações comportamentais geradas por esses eventos. Assim como a assistência médica, a atuação do psicólogo é essencial nesses momentos, uma vez que os indivíduos não necessitam apenas recuperar bens materiais, mas entre outras coisas é necessário, ressignificar a vida, o convívio com o outro e a aceitação de auxílio de terceiros. Além disso, de acordo com o compromisso ético profissional do psicólogo, cabe a ele o desenvolvimento de ações e planejamento de estratégias onde haja a participação, o estímulo e a valorização do envolvimento da comunidade civil.

Referências:

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia de emergências e desastres na América Latina: promoção de direitos e construção de estratégias de atuação.** Conselho Federal de Psicologia: Brasília: CFP, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota técnica sobre atuação de psicóloga(o)s em situações de emergências e desastres, relacionadas com a política de defesa civil.** Brasília: CFP, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo.** Conselho Federal de Psicologia. Brasília. 2005.

GALINDO, C.M.S; ALMEIDA, I.F.M; LUIZ, G.M. **A atuação do psicólogo no contexto de emergências e desastres.** Trabalho de Conclusão de Curso. UNIVAG, Centro Universitário: Várzea Grande/MT, 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Primeiros cuidados psicológicos: guia para trabalhadores de campo.** Brasília, DF: OPAS, 2015.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **1º Seminário Nacional de Psicologia das Emergências e dos Desastres: Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras.** Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos – Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

POLÍTICAS PÚBLICAS DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR

Ana Carolina Gak¹; Beatriz Matheus Guerreiro²; Thamires Redondo Ferre³; Wendell Soares de Almeida⁴, Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anacarolina_gak@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – biamg Guerreiro@hotmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thamirferre@gmail.com;

⁴Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wendellsoares03@gmail.com

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia, Práticas Inclusivas, Políticas Públicas; Acessibilidade; Inclusão; Ensino Superior.

Introdução: Instituída no Século XII, a Universidade tem como função social formar profissionais e cidadãos, de modo a oferecer a produção do saber e cultivar pesquisas nas áreas do conhecimento científico, tecnológico e cultural. A discussão acerca das políticas públicas de inclusão e acessibilidade, nos últimos anos, tem passado por debates significativos, principalmente no que tange à área da Educação Inclusiva. Nesses parâmetros, é pertinente a indagação sobre como ela pode ser uma ferramenta de transformação social no que se refere a realidade de práticas inclusivas (SANTOS, 2011; SANTOS, 2019). Uma vez que pessoas portadoras de deficiência buscam sua qualificação profissional em universidades surge a necessidade de investimento na ampliação de oportunidade de acesso e permanência destas nas universidades, públicas e privadas, por parte do governo brasileiro (OMOTE, 2016). Os desafios relacionados a inclusão de deficientes físicos no espaço acadêmico se encontram tanto no âmbito da acessibilidade, quanto em relação aos recursos humanos, bem como também o desenvolvimento de projetos que incluam esses alunos de forma integral a vida acadêmica (PEREIRA, 2020).

Objetivos: O objetivo do presente trabalho é refletir sobre como o ambiente de ensino superior brasileiro pode se tornar um agente de mudança social através das políticas públicas de cotas para deficientes.

Relevância do Estudo: Demonstrar como a universidade enquanto um agente crítico e promotor da democracia pode contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Materiais e métodos: Foi realizado a busca de artigos em bases de dados na internet como Scielo, Pepsic e Google Acadêmico, através das palavras chaves: “Psicologia”; “Práticas Inclusivas”; “Políticas Públicas”; “Acessibilidade”; “Inclusão”; “Educação Superior”, tendo como critério artigos com até dez anos de publicação.

Resultados e discussões: No Brasil, as políticas públicas de inclusão e o crescimento da procura por uma Educação Superior surgiram no início do século XXI. Com o intuito de diminuir as desigualdades socioeconômicas e aumentar o desenvolvimento social da população as Universidades passaram a tomar algumas iniciativas na tentativa de estabelecer igualdade de direitos e oportunidades (SANTOS, 2019).

Como forma de democratizar o ingresso de minorias no Ensino Superior foi implementada a Lei de cotas, que garante reservas de vagas como uma ação ou estratégia caracterizada pela inclusão de pessoas com um estado de maior vulnerabilidade social,

incluindo pessoas portadoras de deficiência, que de acordo com o Art. 2 da Lei Federal 13.146/2015, são compreendidas como pessoas que possuem impedimentos de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que impeça sua participação efetiva na sociedade. (PEREIRA, 2020). Os dois maiores desafios são a acessibilidade, relacionada as questões arquitetônicas do ambiente físico e os recursos humanos, caracterizados por questões culturais e sociais. Buscando formas de facilitar a permanência desses alunos, as universidades vêm utilizando recursos como, bolsa tutoria, intérprete de Língua Brasileira de Sinais, textos em braile, adaptações de recursos didáticos, no sentido de tornar possível a aprendizagem. Já no âmbito do espaço físico são adotadas algumas providências como rampas, vagas para deficiente físico nos estacionamentos, sinalização no piso, sinalização em braile, para assim tornar o ambiente acessível (PEREIRA, 2020; OMOTE, 2016). Tais recursos são respaldados como direitos, inclusos nas Políticas Públicas e servem como uma tentativa de estabelecer igualdade destes direitos e oportunidades para contribuir com a diminuição das desigualdades socioeconômicas no País. Trata-se de uma medida reparadora e justificada pela educação básica pública que não permitiu o aluno ingressar no ensino superior caracterizado como seletivo (SANTOS, 2011; PEREIRA, 2020). Além do ingresso do aluno no Ensino Superior, deve-se considerar também, as condições de permanência do estudante até a sua formação, sendo necessários, muitas vezes, a criação de projetos de incentivo e bolsas auxílio, como por exemplo, programas de apoio financeiro a necessidades básicas de alimentação (PEREIRA, 2020).

Conclusão: O cenário da Educação Superior brasileiro vem sendo modificado a partir de avanços nas políticas públicas que possuem como um dos enfoques o amparo aos sujeitos mais socialmente vulneráveis. Identificar os principais desafios da inclusão nas Universidades e compreender esse espaço como um agente da transformação favorece na promoção de atitudes que possam ser repercutidas em outros segmentos sociais. Assim, torna-se necessário a estimulação de reflexões e debates para assegurar as práticas inclusivas existentes e a criação de novas políticas públicas de acessibilidade e inclusão em ambientes Universitários.

Referências:

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 27 out. 2020.

OMOTE. S. Atitudes em relação à inclusão no ensino superior. **Journal of Research in Special Educational Needs**, UNESP, V. 16 n s1, p. 211-215, ago. 2016.

PEREIRA, C. B. D. Políticas públicas de inclusão: desafios e benefícios da implementação da política de cotas para deficientes nas universidades federais. **ECCOM**, Lorena, v. 11, n. 21, P.179-187 jan./jun. 2020.

SANTOS, A. P. S. Uma Abordagem Sobre a Inclusão do Autista no Ensino Superior. **Revista GESPES Vida**, São Paulo, n. 13, v. 5, p. 72-81, dez. 2019.

SANTOS, M. C. E. M. *et al.* Educação superior, políticas públicas e contemporaneidade: O desafio da inclusão social. In: CONGRESSO INTERNACIONAL IGLU, **Anais eletrônicos**. Florianópolis, 2011.

A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM PROGRAMAS DE AJUDA HUMANITÁRIA EM SITUAÇÕES DE CRISE

Rosana Fernandes¹; Profa. Dra. Luciana M. Biem Neuber².

¹Discente de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psico.rosanafs@gmail.com;

²Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru–FIB– psibiem@gmail.com;

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Psicologia; Intervenção em Crise; Ajuda Humanitária; Saúde Mental.

Introdução: Desastres naturais ou provocados pelo homem causam sofrimentos que alteram a rotina e mobilizam reações coletivas expressas de diversas formas. Dentre as inúmeras consequências, um dos prejuízos se refere ao possível comprometimento da saúde mental. As tragédias têm contornos muito maiores do que se pode vivenciar no cotidiano, portanto, os envolvidos carecem de apoio e ferramentas que possam ajudar a sua reestruturação. Weintraub *et al.* (2015), apontam que as tragédias públicas sempre existiram, mas somente a partir da década de 40 o governo brasileiro criou um órgão responsável pela proteção civil e pela atuação em situações de emergência e calamidade pública. Paranhos *et al.* (2015), ressaltam que as pessoas são fortemente abaladas e podem apresentar diversos problemas, entre outros, como comportamento suicida, condutas violentas e consumo de drogas. Quando uma situação emergencial atinge o coletivo, gera perturbações e ansiedade em todos os envolvidos, que, de acordo com Schmidt *et al.* (2020), perante a pandemia do novo coronavírus, considerado uma catástrofe mundial, além de afetar aspectos da doença, também gera desordem à saúde mental. E neste sentido, é inegável que a psicologia se torne um instrumento imprescindível à população, a fim de acolher as demandas emocionais que surgem e deste modo, contribuir para que os atingidos possam ter a oportunidade de aprender a lidar e superar as experiências traumáticas. Esta ação é observada na prevenção e preparação da reconstrução do cenário após a ocorrência da crise, a qual busca proporcionar auxílio adaptativo e recursos para o enfrentamento e continuidade da vida. Considerando as adversidades que as catástrofes ocasionam à humanidade, nota-se a importância da psicologia como instrumento fortalecedor do equilíbrio.

Objetivos: Pesquisar a existência de Programas de Ajuda Humanitária em situações de catástrofes no Brasil, na área da Psicologia, e verificar como se dá a estrutura e funcionamento dos mesmos.

Relevância do Estudo: O presente estudo justifica-se por favorecer o conhecimento de ações humanitárias na área da psicologia, em momentos de catástrofes e crises que ocasionam grandes adversidades na vida da população brasileira.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada por meio de literaturas científicas concentrando-se nos trabalhos publicados sobre a psicologia social entre 2008 a 2020. A busca foi realizada nas bases de dados científicas da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Eletrônicos em Psicologia (PePSIC). O critério de inclusão refere-se à escolha por artigos publicados na língua portuguesa e inglesa.

Resultados e discussões: No Brasil, nos últimos anos eventos emergenciais em catástrofes e crises passaram a contar com ações humanitárias da área da psicologia. Sá *et al.* (2008), destacam que a intervenção em crise é um recurso que visa exercer influência no desempenho psicológico das pessoas durante o período de desequilíbrio. Para Zampieri

(2010), as primeiras particularidades para o atendimento em situação de crise, devem ser direcionadas as necessidades básicas, como alimento, abrigo e medicação, no entanto as pessoas que vivenciam tragédias carecem de um olhar diferenciado, pois os traumas podem perdurar até seis anos após a vivência da crise, que são sintomas característicos do transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). O trabalho de ajuda humanitária ocorre em diversos momentos, é realizado com grandes grupos, fazendo uma reeducação para a população em geral, informando quais são os sintomas que podem aparecer nas crianças, adolescentes e idosos, e quais os sintomas normais diante dos eventos. Porém, Trindade (2013), ressalta que a prevenção de desastres está correlacionada a compreensão das causas que geram esses fenômenos, com a finalidade de ampliar a capacidade de resistência da população contra esses acontecimentos. Destaca que a área da psicologia dentro deste contexto está em processo de desenvolvimento, e que, inicialmente o enfoque do atendimento acontecia no olhar clínico e diagnóstico, e a recomendação da Defesa Civil Brasileira era não conversar com as pessoas para bloquear o risco de alarme e caos social. A partir do momento em que a psicologia é inserida no campo das emergências e assistência social humanitária, se torna um paradigma e desta forma, contribuiu com o início de ações que realçam a subjetividade. Em momentos de crise, tem o papel de conter a ansiedade, auxiliar na descarga emocional, provocar a significação do que está sendo vivenciado, favorecer condutas participativas e promover a solidariedade entre os envolvidos, deste modo, a gravidade do fenômeno pode ser minimizada diante a conotação que o indivíduo atribuirá ao evento.

Conclusão: Apesar dos resultados demonstrarem a eficiência e importância da ajuda humanitária psicológica para pessoas em situações de catástrofe e crise, observou-se o baixo número de artigos científicos publicados sobre esta temática, sugerindo a necessidade de novas pesquisas que contribuam para o seu desenvolvimento, além da criação de novos protocolos que auxiliem no processo de enfrentamento de crise coletiva no Brasil.

Referências:

PARANHOS, M. E.; *et al.* Psicologia nas Emergências: uma Nova Prática a Ser Discutida. **Rev. Psic. Ciênc. Prof.** v. 35. n.2. p.557-571. Rio Grande do Sul, abr. 2015. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-749818>. Acesso em: 25 mar. 2020.

SÁ, S. D.; *et al.* Intervenção em Crise. **Rev. Bras. Ter. Cog.** V.4 n.1 p.01–10. Rio Grande do Sul, abr.2008.<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbct/v4n1/v4n1a08.pdf>. Acesso: 15 out. 2020.

SCHMIDT, B.; *et al.* Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19). **Rev. Est. Psic.** v. 37. n.s/n. p.1-13. Campinas, Maio, 2020. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100501.

TRINDADE, M. C.; O Papel dos Psicólogos em Situações de Emergências e Desastres. **Rev. Est. Pesq. Psic.** Vol.13. n.1 p.279-297. Rio de Janeiro, Abril 2013. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000100017. Ac.10 out. 2020.

WEINTRAUB, A. C. A. M.; *et al.* Atuação do Psicólogo em Situações de Desastre: Reflexões a Partir da Práxis. **Rev. Inter.** v.19, n.53. p.287-298. Botucatu, jun. 2015. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832015000200287. Ac. 25 mar. 2020.

ZAMPIERI, A. M. F. Comunicadores sem Fronteiras. Entrevista em 07 de janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.aberje.siteprofissional.com/acervo_av.asp?pagina=80>. Acesso em: 15 junho 2020.

ARQUÉTIPOS MASCULINOS E O HOMEM CONTEMPORÂNEO

Camila Contin Diniz de Almeida-Francia¹, Luis Alberto Domingo Francia-Farje², Priscila Tamarozzi Julião de Souza³

¹Aluna do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – cacontin@gmail.com;

²Professor do Curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
luis.farje@fatec.sp.gov.br

³Psicóloga – Faculdade de Medicina de Botucatu – FMB/UNESP – tamapsicologia@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Arquétipos masculinos, Homem contemporâneo, Zeus, Posêidon, Hades

Introdução: Zeus, embora chamado pai dos deuses e dos homens, tivera um começo. Seu pai foi Cronos e sua mãe Ops. Na tríade dos irmãos olímpicos, Zeus é considerado o deus do céu, o reino da vontade e do poder. Seu irmão Posêidon é a principal divindade das águas. O símbolo de seu poder era o tridente, ou lança de três pontas, que usava para abalar os rochedos, desencadear ou amainar as tempestades, sacudir as costas e outras coisas semelhantes. Hades, irmão de Zeus e Posêidon, é o deus do mundo inferior. Cronos pertencia à raça dos Titãs, filhos da Terra e do Céu, que surgiam do Caos; eram os deuses primitivos, cujo domínio foi, depois, transferido para outros; Cronos era pai de Zeus, Posêidon e Hades e, cedeu lugar a seus filhos (BULFINCH, 2002). Arquétipos são padrões pré-existentes, latentes e internamente determinantes de ser e se comportar, perceber e reagir. Carl Gustav Jung introduziu o conceito de arquétipo na Psicologia (JUNG, 2011; STEVENS, 2012). Arquétipos são, também, pré-disposições invisíveis e poderosas que atingem a personalidade, o trabalho e os relacionamentos humanos; é uma pré-disposição da personalidade; são universais e pertencem à humanidade; porém, a manifestação do arquétipo é histórica. Esses padrões estão contidos no inconsciente coletivo (universal e compartilhado) e podem ser descritos de maneira personalizada (mitos e seus personagens). Mitos são histórias arquetípicas e quando interpretamos o mito sobre um deus, quando captamos intelectualmente seu sentido, assimilamos sua conexão com a nossa vida. Todos os deuses são padrões potenciais na psique de todos os homens.

Objetivos: Compreender como os deuses estão presentes na alma dos homens, entender a interferência que os arquétipos masculinos exercem sobre os homens contemporâneos, saber como os mitos falam do patriarcado e aprender as características de cada arquétipo masculino revelado nos deuses gregos (Zeus, Posêidon e Hades).

Relevância do Estudo: Acredita-se que o resgate de determinados arquétipos masculinos poderá ajudar na compreensão dos dilemas contemporâneos do homem moderno. A questão que interessa é pensar quais são as novas formações arquetípicas que orientam o homem e a masculinidade no século XXI (BOLEN, 2012).

Materiais e métodos: O presente trabalho foi realizado através de revisão bibliográfica de artigos científicos publicados na base de dados SciELO e de consulta a livros publicados no período entre 2002 a 2019.

Resultados e discussões: O homem Zeus é obcecado por trabalho, sem afeto e ligação com a família; é provedor, controlador e autoritário. É, também, pragmático, inteligente e estrategista, mas distante nas questões emocionais e afetivas. Dentre as dificuldades psicológicas do homem Zeus, pode-se destacar: vivem enfiados em sua racionalidade; não se abalam com a compaixão (perfil do executivo moderno); são seres acima da lei; quando

professores não querem que seus alunos brilhem; são pais ausentes, poderosos, ricos e famosos (BYINGTON, 2019). O homem Posêidon é agitado, emotivo (age primeiro, pensa depois), sincero e franco; é o homem dos instintos. Posêidon não tem pensamento estratégico. Se esse homem não consegue se impor no mundo, o lar se torna o único domínio em que ele pode ser rei. Perde a cabeça fácil e isso ocorre porque reprimiu as emoções. É o trabalho (competitivo) que lhe permite satisfazer sua própria natureza para que desenvolva sua capacidade de avaliar e agir com base em sentimentos intensos. Para dominar as mulheres tem a atitude patriarcal e o poder de sua própria intensidade emocional. Algumas dificuldades psicológicas do homem Posêidon são: instabilidade emocional, pode expressar suas emoções de maneira excessiva; sua autoestima é precária, tem sentimentos negativos acerca de si mesmo e cultivam ressentimentos (BYINGTON, 2019). O homem de Hades não tem a menor preocupação com o poder, com o sucesso, com a riqueza. A sua preocupação é com a vida interior (tímido, introvertido e recatado); ele também não é colérico e impulsivo. O mundo inferior corresponde simbolicamente ao inconsciente pessoal e coletivo. Para a conquista de poder social, faltam a ambição, a comunicação e a construção da persona para o homem Hades. Os poucos amigos que possa ter na vida terão de entrar em seu território. O homem Hades se achar uma mulher que o ame, ele se casará, pois ele quer constituir um lar e ter ordem e estabilidade. Sem casamento, será excluído e solitário, quase recluso. Algumas dificuldades psicológicas do homem Hades: evita as pessoas, não tem interesse pelas notícias do mundo e tem predisposição para ser solitário. Existe em sua vida a falta de relacionamentos e de espontaneidade emocional (BYINGTON, 2019).

Conclusão: Os modos de crescimento do homem Zeus são: o de perceber que está afastado de si mesmo e transmitir que algo está errado com ele; o preço de estar distante de sentimentos e das pessoas pode levar a sintomas como diabetes, pressão alta e infarto. Os modos de crescimento do homem Posêidon ocorrem desenvolvendo o “eu” observador. Se o homem aprende que está totalmente à vontade em seu próprio reino, ele não tenta dominar, nem lutar por território que pertence a outrem. Para que o homem Posêidon possa se expressar no meio da arte em geral, precisa desenvolver o arquétipo do deus mensageiro e guia das almas que é o Hermes. Outro deus que pode ajudar a transformar as emoções em trabalho criativo é o deus da forja, o Hefesto, que mesmo rejeitado, em vez de explodir, criou e transformou lindos objetos. Finalmente, como modos de crescer, o homem Hades deve esculpir conscientemente para si mesmo, uma persona apropriada. Ele, também, precisa encontrar uma mulher receptiva que seja capaz de fazer a ponte com o mundo, o que fará bem ao homem Hades. O homem que é Hades, introvertido por natureza, tem oportunidades de desenvolver outros arquétipos, para que ele cresça.

Referências

BOLEN, J. S. **Os deuses e o homem: uma nova psicologia da vida e dos amores masculinos**. São Paulo: Paulus; 2012.

BULFINCH, T. **O livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis**. 26 ed. Rio de Janeiro: Ediouro; 2002.

BYINGTON, C. A. B. **A alma masculina e a função estruturante da sensibilidade. Um estudo da Psicologia Simbólica**. Janguiana. *Janguiana*, v.37(2), p.61-66, 2019.

JUNG, C. G. **Obras completas**. Petrópolis: Vozes; 2011.

STEVENS A. **Jung**. Porto Alegre: L&PM; 2012.

ESTAMIRA: A PATOLOGIA COMO UMA FORMA DE CALAR

Tabata Helena Roque¹; João Paulo Martins²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – tabataroque@hotmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB-
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: patologia, estamira, esquizofrenia, reflexão, alienação.

Introdução: Em sua tese de doutorado “Loucura e Desrazão”, Michel Foucault acredita que a categorização da Loucura era uma forma de excluir os corpos da sociedade, conforme solicitação da classe dominante, então a loucura é uma criação do homem para o próprio homem e foi descoberta através dos novos saberes sobre os corpos, descreveu como que a modernidade transformou a doença mental em uma maneira de calar os corpos, sendo a psicopatologia uma consequência da alienação social (PROVIDELO; YASUI, 2011). É na modernidade que surgem os asilos psiquiátricos, sendo em 1656 a criação do hospital Geral de Paris, uma espécie de instância de ordem monárquica e burguesa, onde uma autoridade juntamente com a polícia e independente da esfera judicial, podiam pedir a reclusão daqueles que perturbavam a ordem (CASTRO, 2015). O documentário “Estamira” demonstra que nem sempre o sujeito diagnosticado com alguma doença mental é alienado. O sujeito pode sim possuir um discurso coerente e crítico sobre as normas sociais. O documentário é nacional com a estreia em 2005, tem a direção de Marcos Prado, e relata a vida de Estamira Gomes de Sousa, uma mulher de 63 anos de idade diagnosticada com Esquizofrenia.

Objetivos: Refletir sobre a necessidade de “patologizar” e de medicar os corpos para uma adequação social, invalidando a fala e a subjetividade do sujeito.

Relevância do Estudo: O estudo sobre o estigma da doença mental é de grande importância na era contemporânea para quebra de estereótipos e preconceitos. A informação é a melhor forma para diminuir o preconceito social, e dar voz e autonomia para o sujeito que por algum motivo está em um momento de desrazão.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica utilizando como método de leitura as proposições de Michel Foucault e David Cooper para entendimento do documentário Estamira. Para tanto pesquisou-se as palavras: “doença mental” e “esquizofrenia” nas plataformas Scielo no período de 2015 a 2020, além de livros clássicos.

Resultados e discussões: No século XVIII a identidade do louco parecia estar bem definida, era louco aquele que era diferente do outro em relação a exterioridade de grupos, então aquele que tinha uma linguagem, comportamento e gestos diferentes dos demais era considerado louco. Porém na metade do século, com o surgimento de novos contextos e mudanças sociais houve uma reformulação na figura do louco, surgindo uma nova nomenclatura, “doença mental”. Com a nova terminologia, o pedido de reclusão para os espaços reservados para ‘loucos’ era de competência judicial, levando em consideração os valores, as normas da saúde e da razão da sociedade burguesa (CASTRO, 2015). É nesse contexto de reclusão que aparece a figura do médico como um novo poder e com uma verdade universal (FOUCAULT, 1971). Com o aparecimento desses novos poderes, médico e judiciário, a loucura começa a ser relacionada com a liberdade, aqueles que possuem alguma alteração em suas faculdades mentais, não podem mais utilizar dessa liberdade e a sociedade tem o direito de limitá-lo utilizando do discurso do poder médico. Dessa forma excluindo totalmente a liberdade e a voz do sujeito, aparecendo a figura do alienado, que

está vinculado a essa exclusão conforme um discurso do poder médico (CASTRO, 2015). A esquizofrenia é um desses exemplos de patologias, operacionalizadas pelo monólogo médico, e segundo o manual de Diagnósticos de Distúrbios mentais, DSM, a esquizofrenia é caracterizada por uma perda do contato com a realidade (psicose), alucinações, delírios, discursos e comportamentos desorganizados, embotamento afetivo, déficits cognitivos e disfunção ocupacional e social. O motivo ainda não é claro, mas há evidências de alterações nos componentes genéticos, como alterações na estrutura cerebral, alterações neuroquímicas, estressores ambientais e vulnerabilidade do neurodesenvolvimento (TAMMINGA, 2018). Segundo Cooper (1967), o esquizofrênico é um louco prototípico, autor de agressões gratuitas, aquele que zomba dos 'normais' e ao mesmo tempo contribui para a sua invalidação, é o sujeito doente. A esquizofrenia é uma situação de crise microsocial, na qual atos, falas e experiências são invalidadas por um grupo de pessoas, que se consideram 'normais', baseadas nas normas sociais estabelecidas. Após uma consulta em uma unidade psicossocial Estamira relata a tristeza e a decepção pelas ofensas que escutou no consultório, e acredita que a Dra. é uma "copiadora" e critica lucidamente um tipo de remédio utilizado em massa e a forma da consulta: "Se eu sou louca, visivelmente, naturalmente, eu fico mais louca, entendeu agora? O tal do Diazepam! Não, eles vão lá e só "copeia", uma conversinha qualquer, é só "copeia" e to!" (ESTAMIRA, 2005, 1:02:17'), e enfatiza "Eles estão dopando, quem quer se seja com um só remédio" (ESTAMIRA, 2005 1:01:32').

Conclusão: Sem o conhecimento técnico dos remédios Estamira vai contra o discurso médico e privilegia sua singularidade. É visto que a história de vida de Estamira não é muito levada em consideração, em algumas passagens do documentário seus filhos acreditam que seu jeito é por conta do sistema nervoso central e que precisa ser tratado com remédios, David Cooper observou esse fenômeno com sua pesquisa, a família tira o poder de fala do sujeito e não aceitam a sua autonomia, querem os comportamentos "normais" conforme o julgamento social familiar, alienando as vontades do eu e excluindo a singularidade do sujeito. "Patologizar" o corpo é uma forma de calar, segregar, invalidar condutas, gestos, comportamentos e discursos, é uma forma de separar o que é certo e errado, o que é aceito e não aceito moralmente moldando a sociedade, é a exclusão da subjetividade e a criação de uma subjetividade aceita socialmente, é a exclusão do "Eu", é viver dependente de remédios para ser aceito, é a exclusão do passado, dos traumas, das vivências de uma sociedade desigual e desumana. É contribuir para uma desigualdade social e dividida entre o corpo que pode e o corpo que não pode.

Referências –

- CASTRO, E. *Introdução a Foucault*, tradução Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- COOPER, D. *Psiquiatria e antipsiquiatria*, tradução Regina Schnaiderman. São Paulo: Editora Perspectiva. 1976.
- FOUCAULT, M. (1971). *A ordem do discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PRADO, M. *Estamira*. 2005. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=lcUKQNj3HEg&t=3707s>>. Acesso em: 19 set. 2020.
- PROVIDELLO, G.; YASUI, S. *A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão*. 2011. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v20n4/0104-5970-hcsm-20-04-01515.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2020.
- TAMMINGA, C. *Esquizofrenia*. 2018. Disponível em:<<https://www.msmanuals.com/pt-pt/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/esquizofrenia-e-transtornos-relacionados/esquizofrenia#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20DSM,menos%20um%20dos%203%20primeiros>>. Acesso em: 17 out. 2020.

ANÁLISE DO FILME “NISE: O CORAÇÃO DA LOUCURA” A LUZ DA TEORIA JUNGUIANA

Wendell Soares de Almeida¹; Thamires Redondo Ferre²; Monica Perri Kohl Gregghi³.

¹Wendell Soares de Almeida – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wendellsoares03@gmail.com;

²Thamires Redondo Ferre – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thamirferre@gmail.com;

³ Monica Perri Kohl Gregghi – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – monica.gregghi@fibbauru.br

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Nise da Silveira, Carl G. Jung, imagem, símbolo

Introdução: Os trabalhos realizados pela Doutora Nise da Silveira no Hospício Dom Pedro II, aconteceram dentro de um contexto manicomial de higienização social onde se posicionava contra os métodos agressivos utilizados na época e buscava utilizar em seus clientes tratamentos humanizados. Em seus trabalhos, podemos ver forte relação com a Psicologia Analítica Junguiana (NISE: O CORAÇÃO DA LOUCURA, 2016). Nise realizou trabalhos envolvendo a expressão artísticas, mesmo que essa forma de atuar fosse alvo de críticas na época. Sua principal intenção ao adotar esse método era de interesse teórico, ou seja, ela buscou fundamentar de forma científica sua prática. Os recursos terapêuticos que foram adotados envolviam pintura, modelagem, música, trabalhos artesanais, entre outros recursos voltados para a expressão artística. Era buscado, portanto, desenvolver um espaço onde os internos pudessem se expressar de forma livre, sem qualquer tipo de coerção, fosse através de atividades verbais ou não, possibilitando aos sintomas, se manifestarem livremente. (SILVEIRA, 2001). Essa forma de terapia entra em ressonância com os trabalhos que foram realizados por Jung junto aos seus pacientes esquizofrênicos. Esses, tinham uma grande dificuldade de expressão por vias verbais, uma vez que estavam com o ego cindido e a organização psíquica extremamente comprometida. Quando são convidados a se expressarem de forma não-verbal começam a lidar com o que Jung chamou de complexos. (SILVEIRA, 2001). A Psicologia Junguiana, se difere da maioria das abordagens da psicologia, uma vez que busca trabalhar os conteúdos trazidos em análises não somente através do relato verbal, mas também, através de técnicas expressivas, assim como Nise da Silveira buscou chegar aos conteúdos psíquicos de seus pacientes esquizofrênicos através da arte. Pode-se estabelecer assim, vários paralelos entre os trabalhos por ela realizado e a teoria de Jung, possibilitando portando, uma análise de seu trabalho a luz da Psicologia Analítica.

Objetivo: Analisar os paralelos entre os trabalhos da Nise da Silveira a teoria Junguiana, tendo como base o filme “Nise: o coração da loucura”.

Relevância do Estudo: O presente trabalho se mostra relevante uma vez que no Brasil umas das, se não a maior, expoente da psicologia analítica fora a doutora Nise da Silveira, assim sendo estudar o que ela realizou é estudar a teoria de Jung aplicada no contexto nacional.

Materiais e métodos: Fora realizada uma revisão de literatura acerca dos trabalhos da Nise da Silveira e a teoria Junguiana, foram utilizados livros de acervo pessoal e o filme “Nise - o coração da loucura” como referencial teórico para a elaboração deste trabalho, buscando se analisar o que fora realizado pela Dra. a luz da psicologia analítica.

Resultados e discussões: Através do que foi desenvolvido pela Dr. Nise, é validado de forma prática a eficiência das intervenções de expressões artísticas com pacientes psicóticos, tanto para entender os processos envolvidos com a psicose, como para o

tratamento destas. A comunicação verbal se mostra muito difícil com esses pacientes, principalmente em casos graves de esquizofrenia, só sendo possível quando o processo de cura está bem adiantado. As técnicas não verbais possibilitam a expressão daquilo que o paciente não consegue verbalizar, uma vez que se encontra mergulhado nas profundezas do inconsciente. (SILVEIRA, 2001). As principais técnicas utilizadas no processo terapêutico proposto pela Nise, era a pintura e a escultura. Os internos do hospital foram convidados primeiramente a pintar e em outro momento foi apresentado a possibilidade da modelagem. Tanto a pintura quanto a modelagem, têm função terapêutica semelhante, uma vez que dão forma a emoções desorganizadas, aliviam a tensão psíquica e objetivam forças auto curativas direcionadas a consciência (NISE: O CORAÇÃO DA LOUCURA; 2016, SILVEIRA; 2001). Esse processo de transformação das imagens abstratas em imagens concretas, dá-se o nome de transdução. Aquilo que estava antes preso no inconsciente, não sendo passível de verbalização, encontra na expressão artística, uma forma de se manifestar, liberando assim a energia que estava presa. A ideia da transdução seria, portanto, a metamorfose de uma energia ou informação em outra, através do símbolo (RAMOS, 2006). Quando acontece esse movimento de transdução daquilo que estava no inconsciente para aquilo que fora retratado nas obras artísticas, os indivíduos começam a melhorar. A expressão artística está diretamente relacionada aos símbolos, uma vez que estes são entendidos dentro da Psicologia Analítica como mediadores energéticos. O símbolo não é nem abstrato nem concreto, nem real nem irreal, é ambos, ou seja, ele é capaz de mediar a incompatibilidade do consciente com o inconsciente, pode ser entendido como uma ponte que une energias distintas. Esse recurso da psique não é algo estático, mas algo mutável, assumindo vários significados. (JACOBI, 2017). As pinturas feitas pelos internos eram extremamente simbólicas, traziam toda essa tentativa da psique de se reorganizar, as técnicas envolvendo expressão artística se mostram eficientes no lidar com pacientes psicóticos, possibilitam algo que a verbalização nem sempre é capaz.

Conclusão: Todo o trabalho que fora desenvolvido pela Nise da Silveira, tem forte influência e relação com a Teoria Junguiana. Através do filme e da literatura, pode-se enxergar essas relações claramente, possibilitando assim, ver a Psicologia Analítica aplicada na prática e principalmente dentro de um contexto brasileiro.

Referências:

Jacobi, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung**. Coleção Reflexões Jungianas. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2017.

NISE: o coração da loucura. Direção de Roberto Berliner. TV zero. Rio de Janeiro, 2016. Bluray, (102min).

Ramos, Denise Gimenez. **A psique do corpo: a dimensão simbólica da doença**. 4ª edição. Smmus editorial. São Paulo, 2006.

Silveira, Nise da. **Jung: vida e obra/Nise da Silveira**. Coleção Vida e Obra, 15 ed. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2001.

Silveira, Nise da. **O mundo das imagens**. 1ª edição, 2ª impressão. Editoria Atica. São Paulo, 2001.

TRANSTORNOS ALIMENTARES

Manoela Fernanda Milliano Alves¹; Giovanna Katz Fabrício²; Bruna Letícia Antiquera Cogo³; Dilson Brito da Rocha⁴; Roberta Munhoz Manzano⁴

¹Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
manoelamilliano@yahoo.com.br

²Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – Katz.giovanna@gmail.com

³Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – brunaa-leticia@hotmail.com

⁴Professores do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
dilsondarocha@gmail.com; roberta_m_m@hotmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Transtornos alimentares; Anorexia; Bulimia; Obesidade; Compulsão.

Introdução: Os alcunhados transtornos alimentares (TAs) são quadros psicopatológicos de difícil tratamento em virtude da sua complexa etiologia, que inclui fatores genéticos, socioculturais, neuroquímicos familiares e associados ao desenvolvimento psicológico do indivíduo. Eles são caracterizados por grave perturbação do comportamento alimentar, acarretando prejuízos clínicos, psicológicos, bem como sociais (RANGÉ et al, 2011). Os TAs, a saber, anorexia nervosa, bulimia nervosa, transtorno da compulsão alimentar periódica e o quadro de obesidade são cógnitos, a contar dos primórdios da civilização ocidental. Nesta esteira, há relatos de casos documentados de AN que remontam aos primeiros santos cristão-católicos (HALMI, 1974). A prevalência da AN entre mulheres jovens ocidentais é de 8 para cada 100mil/ano, e atingem mais entre 15 e 24 anos. Nos casos de BN, a prevalência é de 12 para cada 100mil/ano. A NA tem a maior taxa de mortalidade dentre todos os TAs, sendo 6 a 12 vezes mais alta para a população da mesma idade e sexo. As causas de morte incluem suicídio, inanição, desidratação e, ainda, o desequilíbrio hidroeletrólítico (RANGÉ et al, 2011).

Objetivos: Nosso objetivo neste trabalho é efetuar uma revisão literária com a finalidade de coletar dados tangíveis concernentes aos transtornos alimentares.

Relevância do Estudo: Diante da falta de percepção sobre a gravidade e, *a fortiori*, da consequência do assunto em questão, foi realizada esta revisão de literatura para auferir informações acerca de definições em relação aos transtornos alimentares. Foi empreendida com objetivo de ser recurso congruente para conscientização, fazendo com que o número desses transtornos venha a decrescer satisfatoriamente em favorecimento da saúde dos indivíduos, aplacando os múltiplos padecimentos.

Materiais e métodos: Para a realização do presente estudo, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, que incluiu artigos científicos, nos valendo da base de dados *Google Acadêmico* e livros atinentes ao assunto principal. Outrossim, a pesquisa abrangeu literatura publicada no período de 1974 a 2011.

Resultados e discussões: O verbete Bulimia Nervosa significa “compulsão alimentar”. Essa compulsão é descrita como uma ingestão episódica, descontrolada e rápida de uma quantidade exorbitante de comidas durante um curto período (HALMI, 1987). Ela é seguida pelo emprego de métodos compensatórios inadequados e recorrentes, com o intento de evitar o ganho de peso (por exemplo: dietas restritivas ou jejum; vômito autoinduzido; exercício excessivo e uso indevido de laxantes, diuréticos, enemas ou distintas medicações) (RANGÉ et al, 2011). Temos que, nem todas as pessoas que padecem desse transtorno

requerem diagnóstico psiquiátrico. Isso pode ocorrer em uma condição de peso normal associada à sintomatologia psicológica (HALMI, 1987). O Transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP) acomete cerca de 2% da população em geral. “O episódio de compulsão alimentar é caracterizado pela ingestão de grande quantidade de alimentos em termo delimitado acompanhada de perda de controle sobre o que/quanto se come” (PIVETTA, 2009). Mas não utilizam as medidas extremas para evitar o ganho de peso como pessoas com BN (APPOLINÁRIO e CLAUDINO, 2000). “A maioria é obesa e uma parcela significativa das pessoas que fazem controle alimentar e de peso com acompanhamento médico sofrem deste Transtorno” (FONTES, 2003). A obesidade é classificada como um distúrbio médico, caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal. Na literatura existe o consenso de que a etiologia da obesidade é bastante complexa, apresentando um caráter multifatorial. Envolve, dessarte, uma gama de fatores, incluindo os históricos, ecológicos, políticos, socioeconômicos, psicossociais, biológicos e culturais (FERREIRA e WANDERLEY, 2007). O entendimento hodierno é de que a população geral de obesos não apresenta maiores níveis de psicopatologia, quando comparada à população geral não obesa. Não obstante, obesos em tratamento apresentam maiores níveis de sintomas depressivos, ansiedade, transtornos alimentares, de personalidade e distúrbios da imagem corporal (FERREIRA e WANDERLEY, 2007). Anorexia Nervosa, por seu turno, é um transtorno caracterizado por preocupações com peso corporal, percepção perturbada da imagem corporal e amenorreia. Os indivíduos acometidos pelo distúrbio apresentam medo exagerado de ganhar peso e importam-se de modo irracional com a gordura (HALMI, 1974). A negação dos próprios sintomas é um aspecto típico, além de observarem-se reiteradamente no espelho. Ademais, apresentam complicações cardiovasculares, endócrinas/Metabólicas, gastrointestinais, renais, hematológicas, tegumentar, muscular, pulmonares, reprodutivas, esqueléticas e no Sistema Nervoso (RANGÉ et al).

Conclusão: Dado os fatos, acreditamos piamente ser necessário uma maior exposição das informações a respeito de tais Transtornos para a sociedade, fazendo-o de forma irrestrita, a fim de evitar iminentes complicações. É imprescindível criar agendas de investigação em saúde e nutrição, que valorizem, *pari passu*, a perspectiva psicológica dessas enfermidades, sem negligenciar quaisquer aspectos. Em síntese, ações coletivas devem abarcar políticas públicas que promovam saúde, bem estar e qualidade de vida das populações mediante a responsabilização e o autocuidado.

Referências

- APPOLINARIO, J. C.; CLAUDINO, A. M. Transtornos Alimentares. **Rev. Bras. Psiquiatria**, V. 22; S2, p. 11, 2000.
- FONTES, M. A. **O que são os transtornos alimentares. Arquivo da Clínica Plenamente**, on-line, São Paulo, fevereiro, 2003. Disponível em <http://plenamente.com.br/artigo.php?OFlIdArtigo=31>. Acesso em: 20 nov 2020.
- HALES, R. E. et al, Transtornos da Alimentação. In: HALMI, A., K., Dermographic and Clinical Features, in 94 cases. **Phychosom Med**. V. 36, p. 18-26, 1974.
- HALES, R. E. et al, Transtornos da Alimentação. In: HALMI, A., K. **Anorexia nervosa and bulimia, in Handbook of Adolescent Psychology**. Edited by Hersen M, Van Hasselt T. New York, Pergamon, 1987, p. 265-287.
- RANGÉ, B. et al. **Psicoterapias Cognitivo-comportamentais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COMPORTAMENTO DE RISCO NO TRÂNSITO: ANÁLISE DA LITERATURA ENTRE 2003 E 2018

Marta Alice Nelli Bahia¹; Hugo Ferrari Cardoso

¹Aluna de Mestrado – UNESP de Bauru – manbahia1@yahoo.com.br;

²Orientador – UNESP de Bauru – hugo.cardoso@unesp.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia do trânsito, Comportamentos de risco no trânsito, Análise da literatura, Motoristas, Condutores

Introdução: Na literatura, o erro humano é apontado como o responsável em mais de 94% dos casos de acidentes de trânsito. Rozestraten (1988) um dos precursores do estudo do comportamento humano e sistema trânsito preconizou que os acidentes podem ser considerados o resultado final de um processo que pressupõe uma somatória de fatores causais atribuídos aos aspectos como, os veículos e suas falhas mecânicas, fenômenos climáticos, condições físicas das vias e rodovias e as próprias condutas humanas. Hoffmann, Cruz e Alchieri (2003) destacam que há evidências científicas que uma alta porcentagem dos acidentes de trânsito é desencadeado por falhas humanas. Preocupação esta que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2017) conta com um estudo de estratégias de segurança, em que 175 países participam e as desenvolvem com leis visando à melhoria das práticas de segurança para minimizar comportamento de risco no trânsito. De acordo com a OMS estima-se que 1,3 milhão de pessoas no mundo perdem suas vidas no trânsito decorrentes de acidentes no trânsito. Destaca que as lesões causadas pelo trânsito são as principais causas de morte de crianças e jovens com idade entre 5 e 29 anos. Dados apontam que de todas as mortes 29% são ocupantes de carros, 28% são motociclistas e 26% pedestres e ciclistas (usuários vulneráveis de via pública) e 17% são usuários de estradas não identificados. As causas mais comuns de acidentes de trânsito com morte são desatenção dos motoristas, excesso de velocidade, ingestão de álcool e a desobediência à sinalização. Dos sobreviventes, cerca de 50 milhões vivem com sequelas. Percebe-se que Comportamento de Risco no Trânsito é um tema que vem sendo levantado e estudado pelos autores nacionais e internacionais (MESQUITA FILHA, 2012). Esses estudos têm como proposta embasar os altos índices de acidentes ocorridos mundialmente no trânsito. Algumas publicações tiveram como objetivo sistematizar a literatura da área da Psicologia do trânsito em determinados períodos (CRUZ; WIT; SOUZA, 2017).

Objetivos: O presente manuscrito visou investigar, por meio da análise da literatura científica nacional, a produção acerca da temática de comportamentos de risco no trânsito, publicada no período entre 2003 e 2018.

Relevância do Estudo: O comportamento de risco no trânsito é um tema que merece atenção por constituir em importante problema social e de saúde pública, pela elevada taxa de morbimortalidade e também por acarretarem altos custos sociais e econômicos. A certa consistência de estudos que buscaram sistematizar pesquisas quanto aos fatores que levam ao comportamento de risco no trânsito, mas pouco ainda é investigado, especificamente, sobre os comportamentos em si.

Materiais e métodos: O presente estudo propôs-se a uma análise da literatura que abarca todo o acervo publicado em relação ao tema de estudo. Para se localizar os artigos sobre o tema em questão, inicialmente utilizou-se a triagem pelos títulos que contivessem as palavras-chave: trânsito e risco, comportamentos de risco no trânsito, acidentes de trânsito, motoristas, condutores e direção perigosa (todos os termos tanto em inglês quanto em

português). A escolha dos bancos de dados eletrônicos se deu, por se tratar dos mais utilizados e conhecidos no Brasil, que foram PePSIC - Periódicos Eletrônicos de Psicologia e SciELO – Scientific Electronic Library Online. Os critérios de inclusão foram os seguintes: (a) foi estabelecido o período compreendido pelos últimos 15 anos de publicações; (b) os artigos deveriam ser de caráter empírico; (c) a amostra da pesquisa deveria ser composta por participantes que dirigem veículos automotores e/ou que participassem do sistema trânsito; d) que apresentassem dados com comportamentos de risco no trânsito.

Resultados e discussões: Foram encontrados 201 artigos, dos quais 21 foram selecionados para compor a presente análise e por enquadrar-se nos critérios de inclusão. As maiores frequências de publicação ocorreram no ano de 2014, produzidos por autores das regiões Sudeste e Sul do Brasil. Os periódicos que mais publicaram foram relacionados à Psicologia e saúde no geral. As amostras mais investigadas foram de estudantes (que dirigiam), motociclistas e motoristas, com predomínio de idade na fase jovem adulto. Dos construtos associados aos comportamentos de risco no trânsito, acidentes de trânsito e consumo de álcool foram os mais investigados. No que tange aos instrumentos utilizados para se mensurar os comportamentos de risco nas publicações, as maiores frequências foram de questionários elaborados pelos autores, seguido por entrevistas. O Questionário do Comportamento do Motorista (QCM – e DBQ em sua versão original) foi um dos instrumentos psicométricos.

Conclusão: O trânsito se mostra como uma trama ativada por um cenário composto de múltiplos atores que se contracenam constantemente. Tendo em vista a escassez dos estudos sobre instrumentos que avaliam efetivamente o comportamento de risco dos condutores no trânsito, torna-se necessário viabilizar pesquisas que estabeleçam tais relações entre condutas dos motoristas e comportamentos de risco. Indicado que se investiguem outros grupos amostrais que se faz presente no sistema trânsito, como pedestres, agentes de trânsito, ciclistas, dentre outros. Em relação à faixa etária, as maiores frequências nas pesquisas foram com adulto jovem. Embora essa seja a faixa etária que concentra o maior número de motoristas, pode-se dizer que o trânsito conta com pessoas, ainda dirigindo, que possuem idades superiores, por exemplo no caso dos idosos que dirigem.

Referências –

CRUZ, R M, WIT, P A J M, SOUZA, C Z. **Manual de Psicologia do Trânsito**, Nila Press Livraria e Editora, SP, 2017.

HOFFMANN, M H, CRUZ, R M, ALCHIERI, J C e (org). **Comportamento humano no trânsito**. 1ª edição. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

MESQUITA FILHO, M. **Acidentes de trânsito**: as consequências visíveis e invisíveis à saúde da população. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. v. 11 n. 128 (2012): Revista Espaço Acadêmico, nº 128, janeiro de 2012. Saúde & Sociedade. <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13630>.

OMS Organização Mundial da Saúde. **Índice de acidentes de trânsito**. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/foco/2017/05/01/brasil-e-o-quinto-pais-mundo-em-mortes-no-transito-segundo-oms.html>.

ROZESTRATEN, R A J. **Psicologia do Trânsito, conceitos e processos básicos**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

DO CONTROLE VIVENCIAL AO VAZIO EXISTENCIAL: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE O ISOLAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA DO COVID-19

Thamires Redondo Ferre¹; Isabela Araújo Oliveira²; Wendell Soares de Almeida³; João Paulo Martins⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thamirferre@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – isabelaaraujooliveira@hotmail.com ;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wendellsoares03@gmail.com;

⁴Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: COVID-19, tonalidades afetivas, temor, tédio, angústia, fenomenologia.

Introdução: No início deste ano, a Organização Mundial de Saúde (OMS), definiu a alta taxa de contaminação causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) como uma pandemia, ou seja, um estado de Emergência de Saúde Pública Internacional, sendo o mais alto nível de alerta da OMS (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). O vírus se mostrou extremamente contagioso e a para conter sua disseminação a portaria Nº 356, 3º de 11 de março de 2020 define no Art. a medida de isolamento como forma a evitar a propagação da infecção e transmissão local. Levando em consideração esse contexto de isolamento social, pode-se refletir sobre como a existência foi, será e principalmente está sendo afetada. As mudanças no contexto da pandemia, em que há uma ameaça à saúde, ao bem-estar e a vida das pessoas, fez com que a sensação ilusória de controle e previsibilidade se perdessem, agora, a todo momento os sujeitos lidam com o medo, angústia e, principalmente, a finitude da existência. (GONÇALVES, OLIVEIRA, PINHEIRO, 2020). Tomando como base a fenomenologia, como proposta por Heidegger, pode-se compreender o ser humano enquanto um ser existencial, chamado de Ser-Aí (Dasein), que se apresenta através de um modo de ser em direção ao horizonte histórico, orientado por dois aspectos, a indeterminação e a negatividade. O sentido da existência do ser-aí, acontece através da abertura, de modo em que sua totalidade não é desvelada de forma isolada, mas, se revela dentro de um contexto relacional (FEIJOO, 2012; WERLE, 2003). Assim sendo, buscamos compreender esse ser dentro do horizonte de manifestabilidade da pandemia, no qual ocorre, possivelmente, o desvelamento das tonalidades afetivas fundamentais (caráter ontológico da disposição) o tédio, a angústia e o temor, a partir do isolamento social.

Objetivos: Refletir sobre as restrições dos modos de ser do Dasein, em contexto de isolamento social gerado pela pandemia do Covid-19, a partir da ótica fenomenológica.

Relevância do Estudo: O presente estudo se mostra relevante uma vez que o fenômeno da pandemia é algo extremamente atual e que mudou completamente a organização de nossa sociedade em todos os âmbitos, sendo assim, refletir sobre é de extrema importância, uma vez que os efeitos desse momento podem ecoar na vida das pessoas pelos próximos anos.

Materiais e métodos O trabalho é uma revisão de literatura que se apoia no método fenomenológico- hermenêutico de pesquisa, assim como proposto por Heidegger e Dilthey. Tal método corresponde a uma análise de emergência do fenômeno em um determinado contexto específico, sendo, no caso o contexto do isolamento social provocado pela pandemia do novo Covid-19.

Resultados e discussões: A partir da portaria Nº 356, que dispõe sobre a medida do isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19, há possíveis restrições e

alterações na cotidianidade. Tendo como base isto, estudos recentes, mostram um aumento de sintomas a curto-prazo relacionados com depressão e ansiedade. As tonalidades afetivas fundamentais são tamponadas pelo modo cotidiano do mundo, advindo do que Heidegger chama de Era da Técnica que permite a sensação ilusória de controle e determinação. Ao sentir o anúncio do incontrolável, as tonalidades afetivas surgem como possibilidade de desvelamento do horizonte de manifestabilidade (FEIJOO, 2012). Por mais que haja uma manutenção primária nas formas de ocupações cotidianas no contexto de isolamento, ocasionadas pela aparição provável do desvelamento da tonalidade afetiva do tédio, elas são substituídas ampla e repentinamente, caracterizando fenômenos de compulsão (HEIDEGGER, 2012). Outro processo que se pode observar é o desvelamento do temor, que possibilita a sensação de ameaça à existência diante de algo já determinado. A partir do desvelamento da finitude, ocorre o surgimento de medos e incertezas que antes estavam velados, assim permite um descortinar de possibilidades no horizonte (MASSAROLLO, 2019). Há por fim, a possibilidade do descortinamento da angústia de caráter ontológico, enquanto uma tonalidade afetiva. No contexto de um isolamento social, dentro de sua angustiante existência, o Dasein tem uma possível abertura para sua ontologia negativa, buscando uma definição de novos modos de ser, saindo da inautenticidade e tornando-se singular, se apropriando de sua existência. Contudo, após retornar a rotina anteriormente conhecida, como forma de velar a angústia e a sensação ilusória de controle, o ser-ai pode buscar um modo de ser metafísico. (FEIJOO; 2012, MASSAROLLO, 2019)

Conclusão: Levando em consideração, portanto, toda a reflexão ao longo do presente trabalho em relação às restrições do Dasein no contexto de isolamento social e em concordância com a visão da fenomenologia-hermenêutica, pode-se observar possíveis modos de ser, modos estes, sendo ansiosos e compulsivos, de perda de liberdade, de luto, de medo e ameaça que são abertos pelo desvelamento das tonalidades afetivas.

Referências:

FEIJOO, A. M. L. C. A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica - hermenêutica. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 973-986, dez. 2012.

GONÇALVES, M; OLIVEIRA, M; PINHEIRO, A. Do Isolamento Social ao Crescimento Pessoal: Reflexões Sobre o Impacto Psicossocial da Pandemia. **Gazeta Médica**, v. 7, n. 2, 29 jun. 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas, SP :Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Recomendações de proteção aos trabalhadores dos serviços de saúde no atendimento de COVID-19 e outras síndromes gripais**. Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde, 2020.

WERLE, M. A. A angústia, o nada e a morte em Heidegger. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 1, p. 97-113, 2003.

A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES A PARTIR DA ANÁLISE DO FILME “DIVERTIDA MENTE”

Ana Carolina Nicolau de Carvalho¹; Marta Alice Nelli Bahia²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caroanalinaa@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: emoções; divertidamente; inside out; tristeza

Introdução: O filme “Divertida Mente” é uma animação de comédia dramática que tem como título original “Inside Out” (de dentro para fora). A história se passa na mente de uma menina chamada Riley, com algumas emoções influenciando o seu comportamento. A emoção pode ser definida como um estado interno subjetivo, que envolve ativação fisiológica e processos cognitivos, emergindo como resposta comportamental a uma situação considerada significativa (ARTECHE *et al.*, 2018). As emoções principais do filme são representadas por cinco personagens: Alegria, Tristeza, Medo, Nojinho e Raiva. Essas são as chamadas emoções básicas ou primárias, possuem uma base biológica, função adaptativa e são universais, ou seja, comuns a todos os seres humanos. Elas surgem como uma resposta instintiva e imediata a eventos ambientais, diferente das emoções secundárias que são resultado de um aprendizado cultural. A emoção pode ser comunicada de maneira observável através da comunicação verbal ou não-verbal, e a esse processo damos o nome de expressão emocional (ARTECHE *et al.*, 2018).

Objetivos: O objetivo do presente estudo foi efetuar uma análise do filme “Divertida Mente” sob a ótica de algumas teorias das emoções.

Relevância do Estudo: Os estudos sobre as emoções são de extrema importância para compreender sua relação com a personalidade, pensamento, conservação de memórias e relações sociais. Além disso, constituem importantes ferramentas para o autoconhecimento e o desenvolvimento de empatia, possibilitando relacionamentos mais saudáveis.

Materiais e métodos: O filme “Divertida Mente” foi analisado após pesquisa em bases de dados na internet nos sites Google Acadêmico e Scielo, sendo incluídos livro e artigos originais de pesquisa encontrados na literatura. As palavras-chave utilizadas na busca foram: emoções; divertidamente; inside out; tristeza.

Resultados e discussões: As emoções mais estudadas pela ciência e que possuem papéis adaptativos mais bem definidos são o medo, o nojo e a raiva. O nojo, que representa a aversão, é um forte indicativo se devemos ou não comer um determinado alimento na tentativa de nos proteger de doenças e infecções; essa emoção pode estar presente na percepção olfativa antes mesmo do alimento ser ingerido. No filme, o nojo também está ligado às aparências e à aceitação social. A raiva “pode ser regida por um sistema de custo-benefício que emerge em situações de pressão social”. No caso do medo, é possível que seja ativado automaticamente e independentemente do sistema cognitivo; com ele podemos detectar perigos ou até agir rapidamente para evitar o dano, por isso o medo surge muito frequentemente em situações de ameaça (ARTECHE *et al.*, 2018). A alegria é frequentemente relacionada ao contentamento, satisfação com a vida e bem-estar subjetivo. Sua expressão tem como consequência o ganho de recursos e a interação positiva com o que proporcionou a situação. Já a tristeza pode ser considerada uma das emoções mais duradouras, que ao contrário da alegria surge geralmente quando há perda de algo ou

alguém que seja valioso para o indivíduo (MIGUEL, 2015). Acredita-se que o choro tenha a função de balancear os níveis hormonais alterados em situações adversas ou tensas e remover substâncias tóxicas do corpo, além do benefício psicológico de melhorar o humor e ajudar a lidar com situações dolorosas (BANHATO, 2019). Quando Riley chora, a tensão do seu Sistema Nervoso Central é aliviada permitindo a descarga de substâncias tóxicas e retomada da homeostase, levantando seu humor e ajudando a lidar com a situação dolorosa que está vivendo. Nesse sentido, é importante destacar que mesmo emoções como tristeza e raiva são necessárias para o nosso desenvolvimento. O medo nos protege e nos mantém em segurança, assim como a aversão que evita a possibilidade de envenenamento físico e social. A raiva pode impedir possíveis injustiças e também nos fazer agir. A alegria por sua vez também tem seus limites, pois otimismo e autoconfiança demais nos deixa fora da realidade. Por fim, a tristeza tão necessária, que nos protege permitindo o restabelecimento do nosso equilíbrio emocional. É a tristeza que nos permite observar o que nos faz mal e, tendo essa consciência, é possível buscar alternativas e estabelecer novamente o equilíbrio das nossas emoções. Além disso, a tristeza também possibilita a empatia (quando o personagem Bing Bong está triste, é a Tristeza que demonstra empatia sendo capaz de reconhecer o que ele está sentindo), e é ela que permite que outras pessoas percebam quando precisamos de ajuda e assim tenham a possibilidade de nos oferecer suporte. Para Vigotski, a emoção é um processo psicossomático que “ultrapassa a constatação das mudanças no corpo para dar-lhes significação no repertório das ações humanas” (COSTA; PASCUAL, 2012). No entanto, a maioria dos estados emocionais é formada por mais de uma emoção. Emoções complexas como a decepção seria a mistura de surpresa e tristeza, enquanto a saudade é uma mistura de alegria e tristeza. Nem sempre essa mistura de emoções básicas resultará nas mesmas emoções complexas, porque isso depende da intensidade e avaliação do próprio indivíduo (MIGUEL, 2015).

Conclusão: Após análise do filme e de acordo com os artigos estudados, podemos concluir que todas as emoções são importantes e necessárias para o nosso desenvolvimento. Vivemos em uma sociedade onde a tristeza é constantemente sufocada, como se tivéssemos que ser felizes o tempo todo, enquanto na verdade não temos como fugir das emoções, temos apenas que aprender a lidar com elas, respeitando o momento de cada uma e compreendendo sua importância. Isso também nos faz perceber como as mudanças e as crises são importantes, pois nos proporcionam aprendizados riquíssimos e grande autoconhecimento.

Referências –

ARTECHE, A. *et al.* Processamento emocional. In: YAMAMOTO, M. E.; VALENTOVA, J. V. (org.). **Manual de psicologia evolucionista**. Natal: EDUFRN, 2018. Cap. 2.2. p. 193-212. Tradução de Monique Bezerra Paz Leitão e Wallisen Tadashi Hattori.

DIVERTIDA Mente. Direção de Pete Docter. Eua: Disney, 2015. (94 min.), son., color. Legendado.

MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan.-abr, 2015.

BANHATO, E. F. C. Reflexões sobre os benefícios da tristeza segundo a neurociência e a arte fílmica divertidamente mente. **CES REVISTA**, Juiz de Fora, v. 33, n. 2, 2019.

COSTA, A. J. A.; PASCUAL, J. G. Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski). **Psicología & Sociedad**, v. 24, n. 3, p. 628-637, 2012.

SAÚDE MENTAL, PERCEÇÃO DE SUPORTE SOCIAL E COMPORTAMENTOS DE RISCO NO TRÂNSITO: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE JOVENS E IDOSOS

Marta Alice Nelli Bahia¹; Hugo Ferrari Cardoso²

¹Aluna de Mestrado – UNESP de Bauru – manbahia1@yahoo.com.br

²Orientador – UNESP de Bauru – hugo.cardoso@unesp.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Trânsito; Comportamento de risco no trânsito; Jovens; Idosos; Saúde mental; Suporte social

Introdução: Identificar os aspectos da sua conduta, suas limitações e suas falhas, assim como, aceitar as leis de trânsito, as normas de condução e saber como conduzir um veículo são fundamentais para diminuir os riscos no trânsito. (BALBINOT; ZARO; TIMM, 2011). Os autores ainda consideram que os fatores humanos são os maiores responsáveis pelas ocorrências dos acidentes, ressaltam as causas diretas e indiretas como resultados das falhas do condutor. As causas diretas são os erros cometidos pelos condutores (como o de reconhecimento e identificação, erros de processamento e erros de tomada de decisão). As causas indiretas seriam os comportamentos de risco e as violações no trânsito. Macedo (2004) e Veiga *et al.* (2009) classificam o comportamento de risco a partir de violações (violations), erros (errors) e lapsos (lapses). Destacam as violações como atos de infringir as regras e normas pré-estabelecidas e planejar a ação intencionalmente, favorecendo comportamentos de risco. Os erros ocorreriam por falhas no processamento da informação, falhas de observação e de julgamento de ações, atos por vezes inseguros, ou seja, uma ação escolhida de forma inadequada. Os lapsos podem ser explicados por fatores do campo perceptual, envolvendo falhas de memória e atenção, em que o condutor comete pequenas falhas com envolvendo a si mesmo sem risco a outras pessoas. Indicadores de saúde física e mental e comportamentos de risco são fatores que aumentam riscos de acidentes no trânsito. Cruz, Wit e Souza (2017) descrevem que comportamento de risco no trânsito é um fenômeno dotado de complexidade, que advém de múltiplas causas e influenciado por aspectos individuais, comportamentais, sociocognitivos, ambientais e sociais. Em muitos casos, compreender o fator humano como o responsável por acidentes de trânsito, parece ser uma medida importante para a redução dos comportamentos de risco. (HOFFMANN, CRUZ E ALCHIERI, 2003)

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo investigar os aspectos relacionados à saúde mental, percepção de suporte social e comportamentos de risco no trânsito em jovens universitários e idosos.

Relevância do Estudo: Obter comparativos no que tange aos indicadores de saúde física e mental e comportamentos de risco no trânsito desses atores no trânsito, bem como ampliar os fatores e ou comportamentos que aumentam tais riscos de acidentes de trânsito, é exequível e pode viabilizar possibilidades de intervenções, visando futuras mudanças .

Materiais e métodos: Participaram da pesquisa 49 estudantes universitários (cursos de Exatas e Humanas) com idades entre 18 a 25 anos e 45 idosos com idades entre 60 e 90 anos dos programas da universidade aberta à terceira idade, ambos os grupos da cidade de Bauru. Foi realizado um estudo documental quantitativo com coleta de dados utilizando instrumentos. Foram utilizados os instrumentos: questionário sociodemográfico; Escala de Percepção do Suporte Social (versão adulta) – EPSUS-A – Fator 1 Afetividade – Fator 2 Interações Sociais – Fator 3 Instrumental e Fator 4 – Enfrentamento de Problemas (CARDOSO; BAPTISTA, 2016); Questionário sobre saúde física e mental – QSG - 12 –

Fator 1 – Autoeficácia e Fator 2 – Depressão e Exaustão Emocional (GOUVEIA *et al.*, 2003); Questionário do Comportamento do Motorista – QCM – composto por três fatores: Erros, Violações e Lapsos (MACEDO, 2004). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e após os mesmos assinaram o TCLE. Dê posse dos dados coletados, procedeu-se a tabulação em base de dados no programa estatístico, visando a realização de análises descritivas e inferenciais.

Resultados e discussões: Ambos os grupos apresentaram altas pontuações (classificação acima da pontuação mediana) no primeiro fator (QSG-1), que se refere à Autoeficácia, ou seja, ambos os grupos perceberam alta capacidade de resolução de problemas e estratégias de enfrentamento, às quais possibilitariam ter adequada saúde mental. Jovens e idosos sinalizaram possuir apoio social em termos da disponibilidade de pessoas que os ofereçam suporte em termos afetivos, de interações sociais, instrumental e de enfrentamento de problemas. Sobre comportamento de risco no trânsito, os estudantes apresentaram os maiores índices em todos os fatores, quando comparados aos idosos, um indicador de que os jovens tendem a apresentar mais comportamentos de risco no trânsito quando comparados aos idosos. No fator Lapsos (QCM-3), o grupo masculino idoso alcançou média superior de resposta quando comparado ao grupo feminino idosa.

Conclusão: Fatores de bem-estar psíquico e saúde mental são preponderantes para um indivíduo diante das situações do dia-a-dia, inclusive no trânsito. Maiores indicadores de saúde mental tendem a fazer com que os indivíduos enfrentem e tomem decisões de forma mais adequadas, minimizando-se possíveis estressores impostos pelas situações cotidianas. Compreender e modificar os comportamentos que potencialmente podem gerar riscos aos motoristas e demais integrantes do trânsito é uma condição essencial para a diminuição das taxas de morbimortalidade no Brasil.

Referências –

- BALBINOT, A B, ZARO, M A, TIMM, M I. **Funções psicológicas e cognitivas presentes no ato de dirigir e sua importância para os motoristas no trânsito.** Ciências & Cognição. Vol 16 (2): 013-029, 2011. file:///C:/Users/Marta/Downloads/446-Texto%20do%20Artigo-4703-1-10-20110901%20(3).pdf
- CARDOSO, H F; BAPTISTA, M N. **Escala de Percepção do Suporte Social** (versão adulta) – EPSUS – A: estudos e qualidades. Psico USF. Bragança Paulista, v. 19, n.3, p. 499-510, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v19n3/13.pdf> .
- CRUZ, R M, WIT, P A J M, SOUZA, C Z. **Manual de Psicologia do Trânsito**, Nila Press Livraria e Editora, SP, 2017.
- GOUVEIA *et al*, **Questionário de Saúde Geral (QSG-12):** o efeito de itens negativos em sua estrutura fatorial. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, 28(2):375-384, fev, 2003 <https://www.scielo.org/article/csp/2012.v28n2/375-384/>.
- HOFFMANN, M H, CRUZ, R M, ALCHIERI, J C e (org). **Comportamento humano no trânsito.** 1ª edição. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.
- MACEDO, G M. **Estudos das Relações entre o nível de habilidade e direção segura, a irritabilidade e o cometimento de violações e erros do motorista e o seu possível envolvimento em acidentes de trânsito.** 2004. 194 páginas. Doutorado (Tese de Doutorado. Área de concentração: psicologia experimental) Universidade de São Paulo São Paulo 2004. <https://repositorio.usp.br/item/001437699>.
- VEIGA, H M S, PASQUALI, L, SILVA, N I A. **Questionário do Comportamento do Motorista – QCM:** Adaptação e Validação para a Realidade Brasileira. Avaliação Psicológica, 8(2), pp. 187-196. 2009. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000200005

A COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA COMO ESTRATÉGIA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ

Ana Carolina Nicolau de Carvalho¹; Giulia Narcizo Garcia²; Lais Fernanda Cremonese Leme³; Roberta Munhoz Manzano⁴;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caroanalinaa@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – giulia.narcizo@gmail.com

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lahcremonese23@gmail.com

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - roberta_m_m@hotmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: cultura de paz, conflito, comunicação não violenta

Introdução: Atualmente vivemos um contexto de violência banalizada onde o ser humano se encontra cada vez mais desconectado e ausente de significado no que rege a existência humana (ALMEIDA *et al.*, 2019). O que prevalece é o não-reconhecimento do outro, resultando na exclusão social de uma grande maioria (SANTOS, 2008). Essa falta de empatia e significado traz muitas consequências como inquietudes internas que vêm à tona por meio de conflitos. Para mudar esse cenário é importante que se busque alternativas e maneiras mais saudáveis de se relacionar socialmente, possibilitando a construção de uma cultura de paz (ALMEIDA *et al.*, 2019). A paz nos assegura momentos de bem estar e uma alegria que nos mobiliza a busca da felicidade e o cuidado com o ser humano e o planeta, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e solidariedade. Ela possibilita uma coexistência harmônica e tem como principal objetivo a existência plena de todos os seres. Precisamos da paz por que ela garante a preservação do planeta com toda sua diversidade e multiculturalidade (FREIRE, 2006). Para que isso seja possível e possamos passar de uma sociedade de exclusão para uma de paz e pertencimento, buscamos o auxílio de uma ferramenta chamada “comunicação não violenta”.

Objetivos: O objetivo do presente estudo foi revisar a literatura sobre comunicação não violenta buscando estratégias para a construção de uma cultura de paz.

Relevância do Estudo: Os estudos sobre a comunicação não violenta constituem importantes ferramentas para o autoconhecimento e o desenvolvimento de empatia, compaixão e relacionamentos mais saudáveis. Esse conhecimento quando bem utilizado, pode servir como um catalizador para mudanças, promovendo o desenvolvimento de uma sociedade mais empática e acolhedora, onde prevalece uma cultura de paz.

Materiais e métodos: Foi realizado uma pesquisa em bases de dados na internet nos sites Bireme, Google Acadêmico e Scielo, com periódicos limitados as línguas portuguesa e inglesa. As palavras-chave utilizadas na busca foram: comunicação não violenta; cultura de paz; conflito. Foram incluídos artigos originais de pesquisa encontrados na literatura, revisões sistemáticas e livros.

Resultados e discussões: É importante entender a comunicação como um processo de produção dos sentidos sociais, e não apenas uma transmissão de conteúdos (SADALA, 2008). O termo comunicação não violenta (CNV), foi criada por um psicólogo norte-americano chamado Marshall Rosenberg, sendo o tema da sua especialização em psicologia social. Tem como ideia principal restaurar relações de maneira que possam ser baseadas em valores como empatia, compaixão, pertencimento, solidariedade e escuta das necessidades do outro, prevalecendo a reciprocidade e corresponsabilidade. Tem como

finalidade resolver situações conflituosas pacificamente, tentando excluir comportamentos violentos e alienantes, que geralmente são oriundos de julgamentos e negação de responsabilidade (BARROS; JALALI, 2015). Ela é dividida em quatro passos: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. Na observação não deve haver avaliação, como julgamento ou ponto de vista, apenas ouvir e se expressar honestamente praticando a empatia; no segundo passo é importante colocar seus sentimentos em relação ao que foi observado, pois quando demonstramos nossas emoções ficamos mais vulneráveis, nos conectando mais facilmente com o outro e evitando hostilidades; no terceiro passo devemos expressar nossas necessidades, aumentando assim suas chances de realização; e o último passo seria relatar o que deseja de forma sutil, sem imposições, como exigir ou ameaçar, e sem mencionar o que lhe desagrada (ROSENBERG, 2006). Ou seja, suas práticas envolvem: “expressar as necessidades; enxergar as necessidades dos outros, independente do modo como se expressam; verificar se as necessidades foram realmente compreendidas; oferecer empatia; e traduzir as soluções ou estratégias para uma linguagem de ação positiva” (ROSENBERG, 2019). Como podemos perceber, a CNV acredita no poder das palavras e preza por uma comunicação mais sutil, considerando que a mudança começa de dentro para fora (BARROS; JALALI, 2015). Deste modo, fica evidente que a CNV é muito significativa para a construção de uma cultura de paz, pois dedica-se nas necessidades e sentimentos humanos, proporcionando para todos diálogos criativos e saudáveis com relações sociais mais construtivas e positivas (ALMEIDA *et al.*, 2019).

Conclusão: De acordo com o estudo realizado, podemos concluir que as estratégias de comunicação não violenta quando internalizadas e bem utilizadas são ferramentas eficientes que promovem o autoconhecimento, a empatia, a compaixão e o desenvolvimento de relacionamentos mais saudáveis que nos permitem uma conexão compassiva com o outro, características essenciais para transformar nossa cultura tradicional promovendo uma cultura de paz.

Referências

- ALMEIDA, C. D. *et al.* Da comunicação não-violenta à cultura de paz: círculos, narrativas e contribuições. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 4, p. 463-480, jul.-set. 2019.
- BARROS, I. L.; JALALI, V. R. R. Comunicação não-violenta como perspectiva para a paz. **Ideias & Inovação**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 67-76, set. 2015.
- FREIRE, A. M. A. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 387-393, mai.-ago. 2006.
- SADALA, M. L. Comunicação e saúde. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 5, p. 1195-1197, mai. 2008.
- ROSENBERG, M. B. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 1ª ed. São Paulo: Ágora, 2006.
- ROSENBERG, M. **Vivendo a comunicação não violenta**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.
- SANTOS, A. Comunicação em saúde pela cultura de paz e não-violência. **Caderno Mídia e Saúde Pública III**, Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais ESP-MG, v. 3, n. 1, p. 71-82, 2008.

TRANSTORNOS MENTAIS NA GESTAÇÃO

Karen Mariana Domingos Lopes¹; Bruna Helena Alvares Gouveia²; Letícia Costa Estore³; Ana Carolina Calderari Lusvardi⁴; Roberta Munhoz Manzano⁵

¹Alunas de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – karenlopes10@icloud.com;

⁵Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – roberta_m_m@hotmail.com

Grupo de Trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Gestação, gestante, transtornos psíquicos, saúde mental.

Introdução: Os transtornos mentais constituem em um problema de saúde pública, segundo a OMS, estudos epidemiológicos são quase consensuais em pontuar que transtornos mentais, tais como ansiedade e depressão, podem resultar em risco aumentado para o desfecho negativo para o feto (COSTAS *et al.* 2018). A gestação é um período da vida da mulher que as expõe a várias mudanças físicas e mentais. Transtornos mentais, podem estar relacionados a baixa escolaridade, nível socioeconômico, ser do sexo feminino, ser solteira ou ser separada, não ter trabalho, ser fumante, alcoólatra e com histórico familiar de doença mental (GUIMARÃES *et al.* 2019). Nas últimas décadas, estudos tem investigado um pouco mais sobre o tema, mas algumas questões ainda estão em debate: Seriam a gestação ou o puerpério fatores protetores ou de risco para o desencadeamento de transtornos psiquiátricos? Quais seriam os principais fatores de risco? Em quais situações seria adequado usar psicofármacos como medida de tratamento? (CAMACHO *et al.* 2006). Neste trabalho, serão abordadas algumas dessas questões, sobre um tema que ainda precisa ser muito investigado para que tenhamos conclusões mais precisas.

Objetivo: objetivo do presente estudo é revisar a literatura sobre os principais tipos de transtornos psicológicos que ocorrem na gestação.

Relevância do estudo: Os transtornos mentais são constituídos como problema de saúde pública. Transtornos como (bulimia nervosa, transtorno do pânico e o álcool) foram menores encontradas em gestantes. No segundo e terceiro trimestres gestacionais, apresentam uma frequência de (26,6%) de sintomas prováveis a TM. O acompanhamento clínico é essencial, pois o pré-natal pode ser o único vínculo que a mãe vai ter com um serviço de saúde.

Matérias e métodos: Foi realizada uma pesquisa em bases de dados na internet nos sites Bireme, Google Acadêmico, Scielo, Lilacs, PEDro e Pubmed, com periódicos limitados as línguas portuguesa e inglesa, em estudos com seres humanos. As palavras-chaves utilizadas na busca foram: Gestação, gestantes, transtornos psíquicos e saúde mental. Foram incluídos artigos originais de pesquisa encontrados na literatura, teses, revisões sistemáticas, relatos de caso e estudos retrospectivos.

Resultados e discussões: Em um dos estudos apresentados com o seguinte tema, transtornos mentais na gravidez, parto e puerpério, na região de Ribeirão Preto – SP – Brasil, apresenta a ascendência dos diagnósticos ligados a episódios psicóticos com um total de 27 pacientes; vindo a seguir os diagnósticos, pertencente à oligofrenia e esquizofrenia com 11, respectivamente. Em 10 pacientes não estava especificado o tipo de transtorno mental que apresentaram. Os demais atendimentos tocantes a diagnósticos relacionados a quadros depressivos, com ou sem tentativas de suicídio, reações de ajustamento e ansiedade. Ao decorrer dos anos os pacientes examinados apenas 3 casos foram diagnosticados com neurose, e um por intoxicação por uso de drogas seguido de tentativa de suicídio. Assim não havendo motivos para afirmar se está ligado a um quadro de reação patológica de adaptação a gestação ou de algum caso anterior.

A discussão do artigo leva a saber que, entre os problemas ligados a gestação, há grande episódios de distúrbios de humor, sejam eles ligados a psicóticos ou não. A mesma evidência indícios da dessemelhança no caso dos quadros psicóticos, com tendência a ligar esta condição que hora é das doenças afetivas, e hora da esquizofrenia. Demais vezes, nenhum destes distúrbios predomina aparecendo os quadros confusionais com a mesma periodicidade (OLIVEIRA *et al.* 1998).

Outro artigo apresentado em relação a fatores de risco para ansiedade e depressão na gestação ele revela que ainda existe ocasiões que podem gerar o estado psicológico materno durante a gestação. Como um exemplo temos que em locais que uma mulher não está casada tem se tornado cada vez mais comum e aceito pela sociedade tendo em vista que os fatores de risco para depressão gestacional, nestes casos é quase nulo (KLIEMANN *et al.* 2017).

Conclusão: De acordo com os estudos pesquisados nesta revisão, conclui-se que: os transtornos psíquicos na gestação são mais comuns do que se imagina. Que os principais transtornos que ocorrem na gestação são: Ansiedade e depressão durante a gestação e pós- parto. Essas patologias podem ocasionar prejuízos a saúde da mãe, desenvolvimento do feto, ao trabalho de parto e a saúde do bebê. Algumas questões e medidas de tratamento ainda são amplamente discutidas.

Portanto, o acompanhamento e a avaliação clínica são fundamentais durante a gestação e também no puerpério.

Referências:

CAMACHO, R. S. *et al.* Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. **Rev. Psiquiatr. Clín**, v.33, N. 2, p. 92-102. São Paulo 2006. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832006000200009

COSTAS, D. O. *et al.* Transtornos mentais na gravidez e condições do recém-nascido: estudo longitudinal com gestantes assistidas na atenção básica. **Ciê. Saúde coletiva**, v.23, n.3, p. 691-700. jan/mar. 2018. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232018000300691&lng=pt&tlng=pt

GUIMARÃES, F. J. *et al.* Enfermedad mental em mujeres embarazadas. **Enferm. Glob**, v.18, n. 53, p. 511- 522. out. 2019. http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1695-61412019000100016&lang=pt

OLIVEIRA, E. R. *et al.* Transtornos mentais na gravidez, parto e puerpério, na região de Ribeirão Preto-SP-Brasil, **Rev. Esc. Enferm. Usp**, v.32, n.4, p.314-324. 1998. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62341998000400005&script=sci_arttext&tlng=pt

KLIEMANN, A. *et al.* Fatores de risco para ansiedade e depressão na gestação: revisão de artigos empíricos. **Universidade metodista de São Paulo**, v.25, n.2, p.69-76. 2017. <file:///C:/Users/Usuario/OneDrive/Documents/Downloads/7512-28640-2-PB.pdf>

A PSICOLOGIA E OS CUIDADOS PALIATIVOS EM ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

Andreza Cristiane Da Silva De Martino¹; Isabela Araújo Oliveira²; Ms. Cristiane Araújo Dameto³.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB deza_cia@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB isabelaaraujooliveira@hotmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

O PAPEL DA PSICOLOGIA NO ENFRENTAMENTO AO RACISMO

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Psicologia; Oncologia Pediátrica.

Introdução: A incidência do câncer na infância e adolescência corresponde de 1% a 3% dos tumores malignos da população. Devido ao avanço da tecnologia no tratamento do câncer, ocorreram mudanças significativas nas taxas de cura, surgindo uma nova abordagem terapêutica trazendo a mudança no olhar de uma doença aguda para uma doença crônica (MOLINARI; MORAES; IGLESIAS, 2019). O papel do Psicólogo na oncologia pediátrica acontece em todos estágios da doença, desde o início até o momento onde a medicina curativa já não é mais eficaz, pois todas as possibilidades de cura foram esgotadas. Assim é necessária uma avaliação precoce para o tratamento da dor, e de outros problemas relacionados ao físico, mental, social e espiritual. Os cuidados paliativos se mostram necessários para possibilitar uma melhora na qualidade de vida e alívio do sofrimento dos pacientes e de suas famílias que enfrentam esse desvelamento da morte e suas consequências (GUIMARÃES et al., 2017).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo compreender a atuação da Psicologia com os cuidados paliativos em oncologia pediátrica, através de uma revisão bibliográfica em artigos e publicações dos últimos cinco anos.

Relevância do Estudo: A atuação da Psicologia em cuidados paliativos no campo da oncologia pediátrica têm se mostrado parte integrante no trabalho interdisciplinar, apresentando resultados significativos na melhora da qualidade de vida, na diminuição do sofrimento, na garantia da dignidade e de uma morte digna dos pacientes que se encontra em um estágio da doença avançada onde a medicina curativa já não é mais eficaz. (BARRETO; CASTRO, 2015)

Materiais e métodos: Foi realizada uma busca de referenciais teóricos dos últimos 5 anos em base de dados online como Bireme, Scielo, PePSIC e Google Acadêmico, onde foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Cuidados Paliativos; Psicologia; Oncologia Pediátrica.

Resultados e discussões: Tratando-se de cuidados paliativos no tratamento do câncer em pediatria, considera-se que esta será uma convivência de longo período, com o paciente e sua família. No âmbito da pediatria oncológica, o modelo de cuidados paliativos é utilizado no quadro de crianças com graves condições que limitam a sua vida, ou estejam em situação de finitude. Tais cuidados, são considerados um tipo de assistência ativa direcionada para o corpo, mente e espírito voltado para a criança, como também um auxílio à sua família, inclusive no período de luto. Também é necessário que o profissional que atua em cuidados paliativos possua conhecimento técnico-científico considerável e um preparo emocional para lidar com as demandas e nortear sua prática (SILVA, et al, 2015). Buscando proporcionar alívio da dor não somente de forma farmacológica, afirmar a vida do paciente, sendo a morte o seu processo natural e estimular a possibilidade de viver com a vida que

ainda pode ser vivida, não adiar nem acelerar o processo de morte, abordar a espiritualidade e os aspectos psicossociais de pacientes e familiares, oferecer sistema de suporte para que este paciente possa se fazer útil e ativo dentro de suas possibilidades. Além de levar em consideração suas vontades e necessidades de forma respeitosa, é necessário iniciar o acompanhamento juntamente com outros profissionais elaborando estratégias em relação a esse paciente trabalhando pontualmente nas suas necessidades e não somente em sua finitude (GUEDES; PEDROSA; PEDROSA, 2019). Durante o processo dos cuidados paliativos da criança, é necessário desenvolver um projeto terapêutico com estratégias de ação, onde tal cuidado é utilizado como recurso ativo com a criança e com a família de modo singular, possibilitando assim um ambiente lúdico tornando-o mais acolhedor. Buscando promover esse apoio e diminuição do desconforto e do sofrimento da criança e da família durante o processo de finitude da vida até a chegada da morte. (GUIMARAES, et al, 2017).

Conclusão: A Psicologia em cuidados paliativos na oncologia pediátrica, trabalha com a promoção da diminuição do sofrimento e com o apoio a família e a criança de modo singular, levando em consideração suas subjetividades e como se dá o impacto da finitude em suas vidas.

Referências

CASTRO, E. K.; BARRETO, S. M. Critérios de Médicos Oncologistas para Encaminhamento Psicológico em Cuidados Paliativos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília , v. 35, n. 1, p. 69-82, Março/2015 .

GUEDES, A. K. C. et al. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: perspectivas de profissionais de saúde. **Rev. SBPH**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 128-148, dezembro/2019.

MOLINARI, P. C. C.; MORAES, C. V. B.; INGLESIAS, S. B. O. A integração precoce dos cuidados paliativos na oncologia pediátrica. **Rev. Residência Pediátrica**, p. 40-42, 2019.

SILVA, A. F. et al. Cuidados paliativos em oncologia pediátrica: percepções, saberes e práticas na perspectiva da equipe multiprofissional. **Rev. Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 56-62, junho/2015.

GUIMARÃES, T.M.SILVA, F.F. SANTO, F.H.E. MORAES, J.R.M.M. PACHECO, S.T.A. Cuidado paliativo em oncologia pediátrica na formação do enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Março,2017.